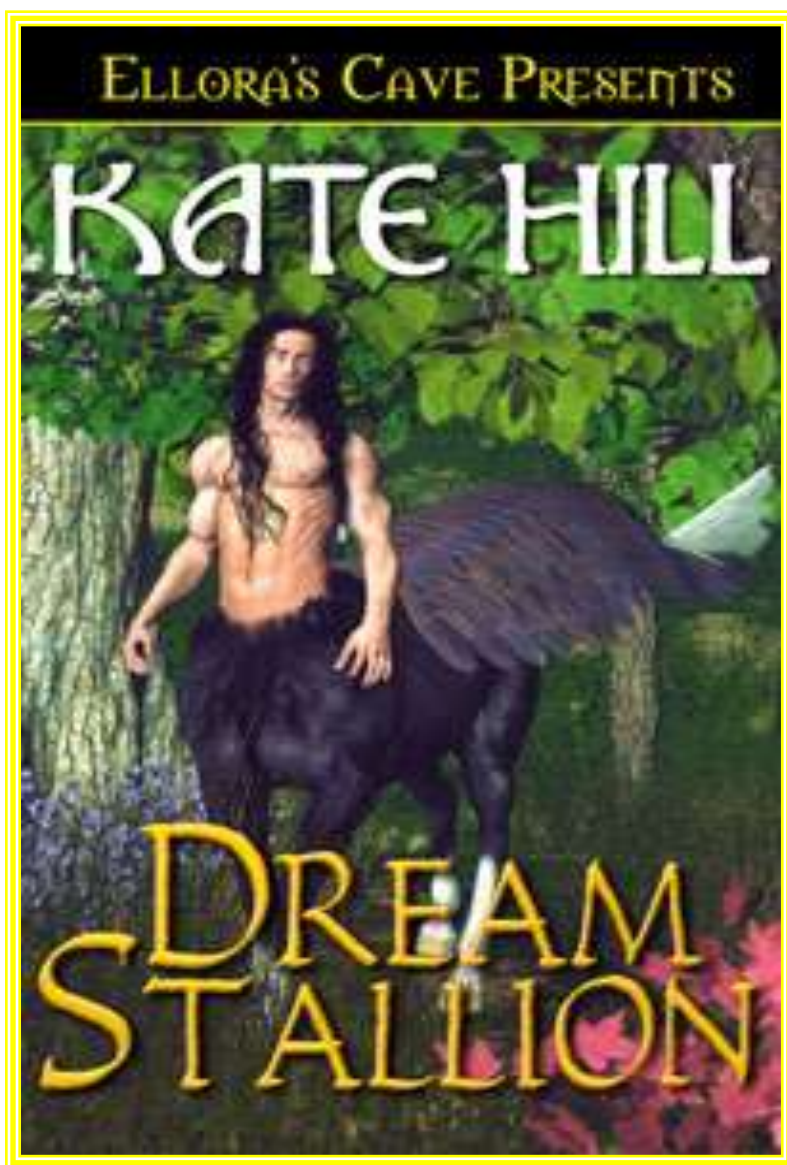


Série Cavaleiros

O Garenhiao Sonhado

Kate Hill



Disponibilização e Tradução: Rachel Moraes

Revisão Inicial: Lu Machado

Revisão Final e Formatação: Claudia





Resumo

A lenda diz que o Cavaleiro e a humana que compartilha seus sonhos estão destinados a serem companheiros por toda a vida.

Terra, pertencente à elite dos Mensageiros Guerreiros, passava suas noites em uma tortura deliciosa, compartilhando seus sonhos com uma mulher que estremece sua alma como nenhuma outra. Incapaz de controlar seu desejo, ele viaja para a terra natal dela a fim de fazê-la sua.

Inez desfruta muito de sua liberdade para amarrar-se a um marido, mesmo sendo um tão magnífico como o Cavaleiro forte e moreno que a visita em seus sonhos. Quando monta escarranchada sobre seu suave lombo ou se refugia em seus fortes braços, não pode negar que desconhecia o que era o amor verdadeiro.



Capítulo 01

Os mensageiros de guerra

As asas de Terra se agitaram, lutando contra o vento que soprava cruzando o claro céu azul da manhã.

Suas pernas eqüinas galopavam sobre o ar e ele movia os braços ritmicamente para acrescentar força. Depois de tantas viagens, os vôos rápidos e difíceis ainda lhe emocionavam, o coração pulsava em seu torso humano, bombeando sangue através de seu magnífico corpo de garanhão quando girou no meio do vôo e deu de cara com seus alunos.

-Linn, baixa esse queixo antes que você quebre o pescoço!- gritou Terra.

O jovem garanhão fez o que lhe fora ordenado, baixou o queixo até o peito, entretanto manteve os olhos fixos para frente.

As asas bateram entorno dele, Terra guiou a sua tropa para a inclinação situada entre as torres Running Way no campo, há duas milhas ao sul do salão de treinamento. O vento cortante fez com que ele estreitasse os olhos e refrescou seu acalorado corpo tão logo aterrissou. Assegurando-se que tinha guiado seus aprendizes, esperou examinando suas aterrissagens, depois de um grande vôo contra o vento. Fazia dois dias que tinham sido aprovados no exame e se converteram em guerreiros Portadores. Hoje seria a última vez que eles estariam juntos como uma tropa, porque suas licenças tinham chegado essa manhã e começariam verdadeiramente suas carreiras.

Terra sentiu orgulho de seus aprendizes, especialmente Linn, o moço ao qual tinha vociferado momentos antes, era em particular seu favorito.

Não que ele fosse admitir nenhum favoritismo. A imparcialidade e a dureza eram as qualidades que faziam dele o instrutor mais respeitado dos últimos dez anos. Infelizmente, ele não podia treinar com tanta frequência como gostariam seus superiores. Com todo o tempo que gastava liderando missões para as Spikelands, quase nunca ele estava disponível para novos recrutas.

Sorriu lembrando a reação do general Sota quando Terra finalmente anunciou sua recente decisão. Isso tinha sido há duas semanas, um longo tempo para ver esses recrutas passarem pelo exame e lhes dar algum tempo extra para considerar o que realmente desejavam.

Essas duas semanas foram de uma maravilhosa agonia, assim como os vários meses que se passaram. Ela ainda o visitava em seus sonhos todas as noites. Tinha falado, beijado e lhe mostrado a mais extraordinária experiência sexual que ele pudesse imaginar. Ela sempre se afastava, entretanto, como se pudesse deter o destino de até-los juntos com elos forjados pelo Deus do Ferro em pessoa. Ela tinha a suave pele cor de café, cabelos como asa de corvo e olhos escuros que penetraram em sua alma, despertado seu desejo e tomado seu coração.

Tinha demorado meses para encontrá-la e, quando ele chegou a sua vila, ela tinha partido em uma missão.

Era uma coletora de toda classe de coisas. Poderia acaso haver alguma mulher mais perfeita para ele? Um coletor entendia perfeitamente a sua classe. Eram seus respeitados companheiros. Terra imaginou o muito que poderiam compartilhar, privada e profissionalmente. Poderiam trabalhar juntos nas missões. Já podia senti-la em suas costas e imaginar a sensação de suas mãos no seu corpo. Não importava de que forma.

-Excelente!

Terra gritou para o primeiro garanhão Toni, um loiro magro e com uma pelagem pálida, quando ele flutuou em uma perfeita aterrissagem. O jovem deixou o corredor caminhando, com o peito subindo e descendo pelo esforço.



O próprio pulso de Terra corria, mas estava acostumado a vôos longos e difíceis. Ainda não estava próximo de seu limite. Com o tempo, os recrutas iriam se tornar mais resistentes até mais do que já estavam, depois de passar um ano em treinamento.

- Muito bem!

Terra gritou quando Linn desceu perfeitamente à sólida superfície com seu longo cabelo loiro e seu casaco de camurça molhado de suor. O jovem trotou atrás de Toni.

A maioria teve uma aterrissagem razoável.

Alguns ainda precisavam melhorar, lembrou que todos eles obtiveram uma aterrissagem decente durante seus exames. Kraig, um musculoso recruta ruivo, descia hesitantemente com passo instável.

- Levante!

Ordenou Terra, no último segundo o jovem fez o que lhe fora ordenado e conseguiu uma aterrissagem segura.

Com o queixo apertado, Terra avançou para o recruta ruivo e ordenou para ele parar.

- Senhor, sim senhor! - Ofegou o jovem.

- Voltemos para a lição número um de voar. As decolagens e aterrissagens são o que há de mais importante e deverão ser executados com extrema habilidade e precisão.

- Senhor, sim, senhor.

- Uma aterrissagem como a que acaba de executar poderia matar a ti ou a sua garota coletora.

- Não voltará a acontecer Senhor!

Terra fez sinais para que os outros garanhões se reunissem em torno dele atentos e firmes. Baixou a voz para um tom normal e explicou:

- As aterrissagens são geralmente mais difíceis depois de vôos longos. Não importa o quanto estejam cansados, esforcem-se para obter uma aterrissagem perfeita, isto poderia salvá-los da dor e da punição. Poderá ocorrer - Espero nos deuses nunca vê-lo - que tenham viajado muito rápido e por tanto tempo que tentem aterrissar apropriadamente e não o consigam. Quando isto acontecer, garanto-lhes que sairão machucados, se isso ocorrer não haverá maneira de que saiam ilesos. O melhor que podem esperar é que as feridas persistam quando mudarem para a forma humana, o pior é que morram ou matem o seu coletor.

- Entendido senhor! - Gritaram os recrutas.

- Tratem de relaxar corretamente. Retirem-se.

Terra girou trotando fora do Running Way e se dirigiu aos prados do leste. Seus recrutas podiam passear pelos campos de treinamento e nadar no lago, mas ele precisava ficar sozinho. Cheio de antecipação sabia que somente a liberdade de outra rápida e longa viagem poderia acalmá-lo o suficiente para dormir essa noite.

Uma vez fora do campo de treinamento, aumentou a velocidade até galopar, suas asas fortemente pressionadas em seus flancos enquanto suas quatro longas patas golpeavam a terra. O aroma das flores silvestres e a terra úmida enchiam o ar quando ele pulou sobre as ruínas de um velho muro de rocha, seus cascos golpearam o chão no lado oposto.

Imaginou o que sentiria com ela sobre as suas costas, sem uma sela ou roupa entre eles, então se imaginou tomando-a em sua forma humana, quando seu pênis era mais sensível e estava pronto para possuí-la e poderia observar quatro pernas, as suas duas entrelaçadas com as dela.

Estendendo suas asas e impulsionando-se, Terra levantou vôo, sobrevoando campos, bosques e rios, suas grandes asas golpearam o ar e se abriram completamente quando subiu.

Terra respirou fundo quando bateu suas asas. Subindo cada vez mais alto e forçando-se a aumentar a velocidade. A mulher enchia seus pensamentos e seu coração. Nunca pensou desejar tanto alguma coisa como a desejava. Seu desejo era quase uma necessidade física, enroscando-se, dando voltas ao redor de seu poderoso coração de garanhão. Será que ela sentia o mesmo? Se sentia,



sua união poderia ser mais fácil do que esperava, se sua paixão era forte como a sua, não haveria maneira de ela o rejeitar.

Terra desceu de cabeça para a terra, seu coração batia forte quando reduziu a marcha para aterrissar solidamente junto ao lago, a uma milha atrás do Salão de Treinamento. Caminhou pela margem até que sua respiração voltou ao normal. Terra olhou fixamente o seu reflexo na água. Sua parte humana era poderosa, de costas largas, a musculatura de seu peito sólida, um peito que alojava um coração e pulmões mais poderosos que os de um humano. Mesmo na sua forma humana, era maior e mais alto que a maioria dos humanos e de muitos garanhões. Com queixo quadrado, a pele dourada pelo sol e um cabelo encaracolado e negro que caía até seus cotovelos, Terra convenceu-se que não era um garanhão feio. Suas feições eram um pouco rudes, mas algumas mulheres gostavam disso e ela já o tinha visto em seus sonhos compartilhados e sua aparência parecia agradá-la.

Quebrando um ramo de uma árvore próxima, Terra entrou no lago e esfregou suas costas, flancos e peito. O cuidado apropriado da pele e dos músculos era mais importante para mudar de forma do que se pensava. Um cuidado deficiente depois de exercitar-se pesadamente poderia causar toda classe de problemas, tais como problemas de pele e dores musculares depois da mudança. É obvio que se sentiria melhor se alguém mais lhe proporcionasse uma massagem, mas Terra não estava com humor para ter companhia nesses momentos. Quando terminou de lavar sua parte animal. Terra esfregou e massageou seu torso e lavou o cabelo. Torceu a massa de cachos e saiu da água, sacudindo-se antes de retornar para o Salão de Treinamento onde escovou seu pelo e transformou-se em humano antes de seguir seu caminho até o grande salão.

Suas pernas humanas se sentiam estranhas depois de passar muito tempo em sua forma de metade animal. Ainda eram umas pernas longas e musculosas. Ela parecia fascinada por elas em seus sonhos. Que pensaria delas se as visse pessoalmente? Ao diabo com suas pernas, o que pensaria dele como pessoa?

- Terra - Um capitão fez sinais com a cabeça quando se encontraram no corredor. Ambos estavam nus, mas não se importavam. O nudismo era comum entre os Sementais. Não podiam mudar de forma se vestissem roupas. A modéstia era um comportamento humano. Mesmo assim, os Sementais usavam roupas para proteger-se dos elementos quando tinham forma humana e como gesto de amizade entre os humanos. Dessa maneira tinha sido por tanto tempo o quanto podiam lembrar.

Só as fêmeas humanas pareciam não se importar se um Semental usava roupas ou não. As fêmeas eram mais desejáveis que os machos de qualquer maneira. E tão necessárias para ambas as espécies. Não havia Sementais fêmeas. Todos os nascidos eram machos e as fêmeas humanas eram as mães de cada um deles.

Era uma grande coisa, criar um menino com uma fêmea humana, e isto ocorria menos freqüentemente que quando as humanas se relacionavam com sua própria classe.

Terra não tinha dúvida de que ele e sua mulher poderiam criar um bebê, de qualquer forma, a maioria dos casais que se conhecia através de sonhos compartilhados convertia-se em pais. Possivelmente era a maneira natural de unir aqueles que podiam procriar para que a nobre raça dos Sementais pudesse viver.

No grande salão, Terra sentou-se e começou a comer um aromático guisado, pão e uma salada quente de ervas sortidas. O general Sota uniu-se a ele e quando Terra se levantou por respeito, o general lhe espalmou as costas para que ele se sentasse.

- Só quero me assegurar se realmente quer partir amanhã - O guerreiro alto de cabelo cinza disse com o conhecimento brilhando em seus olhos.

- Sem dúvida alguma, Senhor.

- Não posso culpá-lo, o chamado de uma mulher é poderoso, principalmente se for o parceiro sonhado.



Terra assentiu com a cabeça, mas não havia modo de admitir para seu superior simplesmente quão poderosa era sua necessidade por ela.

- É uma pena, passarás a maior parte do tempo longe agora, mas ao menos lhe recuperaremos para treinar de vez em quando.

- Minha lealdade está ainda com os Mensageiros de guerra, Senhor, quando precisar de mim, virei. Entretanto admito que estou agradecido por ter me acolhido em sua vila de Hornview.

- Não Terra, sua lealdade é com a mulher, conhece a lenda, uma vez que toma a mulher de seus sonhos a coloca por cima de todo o resto. É verdade, também, vi-o ocorrer.

Ao menos ele o entendera depois de tudo.

- Boa sorte, Terra - Sota colocou uma firme, mas confortante mão no ombro de Terra antes de afastar-se.

Sorte! Necessitaria realmente de sorte quando já conhecia o seu destino?

* * * * *

- Pela última vez, já disse que não! Não quero vê-lo, conhecê-lo ou falar com ele! - Inez vociferou, recolhendo seu espesso cabelo negro em um rabo de cavalo e amarrando-o com uma tira de couro.

- Esta louca Inez! - Susana olhou fixamente para a sua amiga abrindo os olhos com incredulidade. - Este é seu amante de sonho. Não sabe o que significa?

- Sim. Entendo. Compartilhamos uns sonhos. Isso não significa que passaremos o resto de nossas vidas juntos!

- Desculpe, mas eu acredito que sim - Susana cruzou os braços sob seu peito amplo e bateu o pé sobre o piso do abrigo.

Inez tinha voltado para o abrigo essa manhã, depois que seu Portador, um Semental que ela tinha chamado estupidamente de seu melhor amigo, a tinha informado que faria casal com outro coletor.

Por quê? Por que o chefe da vila a tinha comunicado que um Semental, chamado Terra, tinha chegado para tomá-la como sua companheira. A menção do amante com quem ela se reunia quase toda noite em sonhos amoleceu suas pernas. Tinha dito a si mesma que eram sonhos normais, mesmo que no fundo ela sentisse as faíscas da magia que havia entre eles. De todas as mulheres do mundo, por que ela tinha que estar atada a um frustrante e fascinante Semental?

Ela conhecia sua cultura intimamente. Desde a sua infância, tudo o que ela sempre tinha desejado era ser uma coletora, para trabalhar ao lado desses magníficos seres procurando uma melhor vida pelo bem da sua gente. Eles possuíam inimagináveis poder, rapidez e resistência, superando quase todas as outras espécies no mundo. Seus corpos de homem/animal agüentavam horas de corridas e vôos velozes, carregando o peso de cavaleiro e carga. Apesar da superioridade, eram leais, inteligentes e em geral decentes. Também eram arrogantes, mandões e admitissem ou não, desprezavam toda a humanidade.

Inez os amava, os odiava, os admirava. Mas não tinha pensado em casar-se com algum.

- Só porque compartilhamos alguns sonhos não significa que tenha que saltar quando ele estalar os dedos! - Gritou Inez, enquanto colocava as botas de montaria e dirigia-se para a porta. - Vou sair! É melhor que esse Terror, ah... Terra não esteja aqui quando eu voltar!

- Ele te procurou por meses, devias ao menos lhe dizer olá - Pressionou Susana. - Inez, ele é tão formoso!

Inez sabia de tudo isso muito bem, não só por seus sonhos, mais porque o tinha visto chegar. Estava olhando por trás de uma tapeçaria - Uma posição vergonhosa, mas sua curiosidade a tinha vencido. Tinha que ver se ele era tão maravilhoso em carne e osso como o era em seus sonhos. Quando ele entrou na casa principal para saudar o chefe e procurá-la, Inez, pela primeira vez em sua vida, sentiu um desejo instantâneo pelo homem.



Ele era muito alto, tão alto. E grande. Suas longas e flexíveis pernas eram cheias de músculos e estavam cobertas por uma justa calça preta presa por uma tira de couro. Os músculos ondulavam sob a camisa negra e solta que usava. Os laços estavam abertos, revelando uma grande parte do seu peito forte e peludo. As pontas de suas grandes, mas delicadas orelhas apareciam entre o longo e encaracolado cabelo negro e duas tranças pendiam de cada lado do seu rosto. As orelhas dos Sementais tinham muito mais mobilidade que as dos humanos. Eles eram capazes de expressar suas emoções pelos movimentos das orelhas, tais como movê-las para frente quando estavam contentes ou aproximá-las de suas cabeças quando estavam zangados ou alterados. Enquanto algumas mulheres achavam esta característica estranha, Inez sempre a considerava agradável.

O queixo quadrado de Terra estava barbeado, não era o estilo dos Sementais. Perguntou-se se tinha se barbeado para conhecê-la ainda que usasse barba em seus sonhos. Tinha o nariz afilado, possivelmente um pouco grande, adequado para um Semental. Para as tremendas velocidades em que viajavam, narizes grandes, corações fortes e poderosos pulmões eram necessários para a sobrevivência. A intensidade de seus enormes olhos azuis-marinhos escurecia suas outras feições, entretanto, esses olhos pareciam saber tudo. De fato Inez havia tremido, sentindo que ele podia vê-la através da tapeçaria. Sim podia fazê-lo, não tinha dado nenhum indício enquanto falava com o chefe com uma voz tão profunda que retumbava como se um grande animal, como um tigre ou um touro tivesse aprendido a falar com palavras.

Só em pensar nele suas pernas tremiam, entretanto continuava protestando.

- Não quero me casar!

- Por quê? - Outra voz profunda perguntou da entrada.

Inez olhou fixamente para o Semental de cabelo preto com um robusto corpo escuro de besta. Moor tinha sido seu mensageiro por mais de dez anos, era confiável, agradável e como todos os Sementais um pouquinho apaixonado por si mesmo.

- Por que não quero!

- Você é uma moça agradável e deve se casar - Continuou.

Susana deu-lhe um olhar de aprovação.

-Ele tem razão.

- Sempre falei que exerceria meu direito à liberdade como coletora, algumas mulheres devem se casar, sei disso, mas as coletoras têm alguns privilégios como mulheres livres.

- O que Terra oferece é uma coisa incrível - disse Moor suavemente.

- Eu sei o que ele oferece! Ele aparece aqui como se fosse o chefe e requer a minha presença. Ao diabo com ele!

Susana fechou os olhos.

- Ele quis a sua presença?

- Disse que precisava te conhecer e não iria embora até que o fizesse - Disse Moor - É o que significa pra ele, os sonhos o transformaram em um desesperado e seu coração é teu.

Inez levantou os olhos para o céu e soprou com desgosto.

- Você questiona o poder dos sonhos de um Semental? - Moor a olhou fixamente, suas grandes orelhas, grudadas junto a cabeça em um estranho arranque de temperamento.

- E em minha presença?

Inez sentiu uma pontada de culpa.

- Sinto muito Moor, sei o quão especial era sua relação com a Anita.

- Parte de minha alma morreu com essa mulher, mas não trocaria os momentos que passei com ela - Disse.

- Se te der uma oportunidade com Terra, conhecerá um amor tão grande como o meu.

- Acredito que é hora de partir - murmurou Susana, tocando o antebraço de Moor antes de deixá-lo.



Inez esperava que ele também fosse embora, mas conhecendo Moor, a perseguiria para provar seu ponto de vista. Desejou que a deixasse sozinha. Seus desejos por Terra e as lembranças do verdadeiro amor brilhando nos olhos de Moor estavam quebrando sua resistência.

- Inez, você é uma mulher agradável e decente além de uma grande coletora. Amo você como a uma filha, por acaso eu poderia empurrá-la para os braços de algum homem que acreditasse que não cuidaria de você? Conheço a reputação de Terra.

- Eu conheço sua reputação, é da elite dos Guerreiros Mensageiros, o maior e mais rápido. O mais astuto de sua classe, encurtando, é um problema.

- É um homem que veio para lhe entregar seu coração, que deixou para trás sua própria vida para te encontrar. Dê-lhe uma oportunidade e ele te dará uma lealdade como nunca antes a conheceu.

- Mas me trataria como igual? - Sustentou o olhar de Moor - Trabalhei muito duro como coletora, não me transformarei numa dona-de-casa e...

- Se essa fosse a sua intenção então por que concordou em converter-se em seu Portador?

- É uma estratégia.

- Não, só uma sociedade, a única coisa que quer contigo.

- Mas, ele poderia?

- Só Terra pode responder suas perguntas - O olhar de Moor se intensificou - Veio te prometer sua vida, Inez, para te proteger até seu último fôlego. Por que está se negando?

Inez começou a pensar em uma resposta. Tratando de encontrar um simples - Se! - Mas não funcionou, não enquanto encarava as poderosas palavras de Moor, principalmente quando sabia que era a verdade. Tinha sentido muito de Terra em seus sonhos: Arrogância, obstinação, integridade e afeto. Ele queria amá-la, disso estava certa. Ainda pior, apesar de todos seus protestos, ela desejava amá-lo também. O que ela temia era deixar sua independência, sua liberdade de não ter ninguém a quem dar explicações, nem família, nem marido.

Entretanto, com essa liberdade, vinha uma grande solidão e um grande vazio, Terra, o belo e poderoso Terra poderia preenchê-lo?

- Tudo bem - Assentiu - Eu vou conhecê-lo.

- Bem, venha comigo.

- Vá você, eu irei sozinha.

- Não, não confio em você.

- Eu gostaria de me arrumar um pouco, primeiro.

- Está bom assim - Moor agarrou seu braço e a arrastou até a casa principal.

Ela se separou, caminhando para frente, levantou o queixo com uma expressão fria apesar da emoção que sentia.

Quando deu um passo dentro da casa principal, os aldeões se misturaram e formaram coros a seu redor. Não lhes deu atenção, entretanto mantinha um olhar fixo em Terra.

- Inez, este é Terra - Anunciou a grave voz do Chefe, sentado na cabeceira de uma grande mesa de madeira.

- Sim, sei - Olhou-o e estendeu a mão para o Semental.

Ele a segurou. Inez tratou de evitar os tremores de seu estômago. Seu toque era firme, mas suave, a palma de sua mão era calosa. Como muitos Sementais, a temperatura de seu corpo era mais elevada que a dos humanos e este calor parecia se espalhar através de sua mão para seu braço e estendia-se mais profundamente até sua vagina. Diabos, já estava úmida por esse homem e ele inclusive não havia dito uma só palavra, unicamente sustentava sua mão e a olhava com esses enormes olhos azuis.

Seu polegar acariciava os nós dos seus dedos.

- Estou muito contente Inez, demorou um longo tempo para nos encontrarmos.

Arrepiou-se. Deuses! Desejava sua carne nela agora mesmo!



- Supus que não faria mal dizer olá.
- Disseram-me que você não me quer.

Inez olhou por sobre o ombro, se perguntando quantos dos aldeões estavam escutando. Fingiam trabalhar, mas tinham os ouvidos atentos à cena que se desenvolvia na cabeceira da mesa do chefe.

- Não estive procurando um marido, isso é verdade.
- Não - soltou sua mão, seu olhar fixo nela.
- Dizem que você particularmente não me quer, por quê?

Inez gesticulou com a cabeça.

- Crê que poderíamos falar disto em um local mais privado?
- Preferiria, vista-se para montar, mudarei de forma e nos encontraremos no Running Way.
- Nunca me disse nada sobre montá-lo!

Risadas reprimidas soaram através da sala, de donzelas e jovens servidoras escondendo seus rostos sorridentes.

- Poderiam se calar e fazer seus trabalhos! - bramou o chefe.
- O Semental de Inez não é assunto de vocês.

As risadas cessaram e os serventes se separaram.

- Eu gosto do modo como isso soou - Os lábios cheios de Terra se elevaram em um ligeiro sorriso.

- O Semental de Inez, vejo você no caminho.

Sem outro comentário deixou a casa principal.

Susana, que estava observando de uma esquina da casa, correu para Inez.

- Oh, você vai montá-lo!

- Eu o vi quando aterrissou mais cedo.

- Ah, sim... - Inez grunhiu. Ela o tinha espiado também. Sua metade besta é tão magnífica como a humana.

- A última coisa que preciso agora é montá-lo - Inez murmurou enquanto saía do salão com Susana nos seus calcanhares. Uma montaria como isca, do modo como se sentia, duvidava se ia agüentar com ele entre as pernas sem se trair. Nunca devia ter aceitado conhecê-lo.

- Parece ter muita classe. E é muito atraente, Inez - para um homem com traços tão primitivos como esses.

- Primitivos ou você quer dizer masculinos?

Susana riu.

- Não quero insultá-lo, mas é bom saber que você gosta dele o suficiente para defendê-lo.
- Não acredito que um Guerreiro Portador de elite necessite que o defendam.

Inez caminhou para o Running Way, no campo ao oeste da casa principal. Alguns Sementais e coletores estavam umas milhas ao redor e preparavam-se para voar. Outro edifício quase tão grande quanto a casa principal, que estava há poucos metros de distância do Running Way, era usado como celeiro e também para os Sementais mudarem de forma com mais privacidade.

Terra saiu do edifício e os joelhos de Inez amoleceram de novo. O homem a convertia em pudim, ela o odiava e o amava. Era melhor ela assegurar-se para que ele não soubesse o que sentia por ele.

- Oh, Inez - Susana suspirou quando Terra caminhou para o Running Way. Seu corpo de besta era de um alto e musculoso potro, muito maior que qualquer outro Semental na aldeia, incluído Moor, seu curto e brilhante pelo era lustrosamente negro. Salvo por suas quatro brancas patas. Grandes asas negras, bordeadas de branco brotavam de baixo dos seus ombros de besta e se pressionavam a seus flancos. Sua cauda era larga, cheia e frisada como o seu cabelo que estava agora amarrado em uma trança fortemente atada a seu crânio e se balançava sobre suas costas, o coração de Inez começou a golpear fortemente. Ele deve ter planejado um verdadeiro vôo para ter amarrado o



cabelo dessa maneira. Muitos Sementais trançavam o cabelo ou o usavam curto para evitar açoitar seus cavaleiros e voar usando seus próprios olhos durante os dias tempestuosos ou vôos rápidos. O dia não estava tempestuoso - Ao menos não embaixo, na terra.

Deu-se conta de que sua metade humana estava nua exceto por um grosso arnês de couro ao redor de seus ombros e peito, com duas braçadeiras nas costas para que o cavaleiro mantivesse o equilíbrio.

Era impensável para um cavaleiro pendurar-se no torso de um Semental ao montá-lo, como era uma terrível falta de etiqueta acariciar um como se fosse um verdadeiro cavalo. Pedir permissão para tocar a um Semental era diferente. Quando se aproximavam agradavelmente, a maioria consentia em que acariciassem suas costas e seus flancos de besta. Eram criaturas formosas e o desejo de tocar uma ultrapassava a muitos humanos, especialmente quando era a primeira vez que viam um de sua espécie mais de perto.

Nesse momento Inez tinha uma louca paixão para passar as mãos sobre os brilhantes flancos de Terra.

- Pode vê-lo - Inez falou com uma voz sufocada.

- É como se soubesse que é a coisa mais bela que alguém já viu.

- Divirta-se - Susana sussurrou com uma risada.

Inez se despediu com um furioso olhar para sua amiga, antes de endireitar as costas e aproximar-se de Terra.

- Fiz alguns ajustes nos estribos, pode fazer o que quiser com eles - disse Terra olhando para a sela sobre suas costas.

- Com sua permissão, revisarei os cintos e os arreios - Disse Inez usando a regra apropriada para montar um Semental.

- Por favor, faça isso - ofereceu um sensual sorriso o qual ela esforçou-se para ignorar.

Examinou os cintos da sela, nada que ele já não tivesse feito com perfeição.

Suas mãos tocaram seu ventre acidentalmente. O pelo era grosso mas suave contra seus dedos.

- Você poderia se aproximar da cerca, por favor? - Perguntou, ele era muito alto para que ela o montasse do chão.

Ele assentiu. Inez lançou-se sobre suas costas e ajustou os estribos, maravilhando-se com a embriagadora sensação de sentar-se sobre ele. Tinha aprendido a montar quase antes de aprender a caminhar. Primeiro foram os cavalos e logo depois os Sementais, mas nunca antes tinha experimentado algo como a onda de prazer vertiginoso, simplesmente por montar aquela criatura. Colocou as mãos nas braçadeiras, cuidando para não tocá-lo. Os músculos de seus ombros e costas estavam bem desenvolvidos, como também os dos braços. Ela tinha desejo de ver se eram tão duros como luziam e de sentir o calor de sua pele, mas preferiu não fazê-lo.

Quando ele golpeou o chão com a sua perna, olhou-a por cima de seu ombro e sussurrou:

- Quando estivermos no alto, se desejar deixar os prendedores e me abraçar, pode fazê-lo.

- Não será necessário - Respondeu ela com o queixo apertado. -Sou uma boa amazona.

- Desfrute! - Ele franziu o nariz e piscou um olho antes de voltar sua atenção para a passagem.

Caminhou por alguns segundos antes de trotar e depois saiu a meio galope.

Inez tratou de acalmar sua respiração excitada. Ele movia-se tão perfeitamente coordenado com ela, que era como se na verdade eles fossem uma só criatura. E não por que ela tivesse aprendido a montar bem. Eles eram almas gêmeas, ela soube. Os sonhos não tinham mentido. O problema era se ela podia viver com isso.

As grandes asas de Terra levantaram-se quando começou a galopar. Os joelhos de Inez se agarraram à sela e ela aproximou-se de suas costas, defendendo-se do vento. Suas asas bateram o ar enquanto subiam. Inez riu alto. Era como montar um tornado, exceto porque se sentia perfeitamente a salvo.

- Tudo bem? - Terra perguntou.



- Sim, de fato é fantástico.
- Estou aqui para agradá-la!

Ele se inclinou subindo alto, então se esticou até que suas asas tocavam as pernas abaixo dela. Ela já tinha voado muitas vezes, mas nunca foi tão rápido. Moor era excelente voando, mas isto era sem precedentes! Poderia deixar-se ir para sempre. Começou a se perguntar se Terra sentia isso também. Ele galopava no ar, passando sobre campos e lagos. As choupanas dos aldeões eram diminutos pontos lá embaixo. O sol se sentia cálido e a brisa prazerosa, mas nada se comparava com a perfeição do magnífico Semental embaixo dela.

- Você monta bem! – ele gritou.
- Em você é fácil!
- Preciso subir rápido, há montanhas adiante! Segure-se!

Inclinou-se tão acentuadamente que ela colocou seus braços ao redor dele. Ao menos, disse a si mesma, foi devido à rapidez de seu movimento. Na verdade, ela e Moor tinham atravessado terríveis tormentas e algumas voltas bastante rápidas e ela nunca se pendurou nele como o tinha feito agora com Terra. Seus braços permaneciam embaixo dos dele e lhe apertava o peito para manter o equilíbrio. Era muito melhor do que as asas tinham sido! Seu torso inteiro era como um quente granito, recoberto por uma pele suave e lisa, exceto pelo peito, que estava emaranhado por um suave cabelo. Segurou-se às placas de músculo e pressionou a bochecha contra as suas costas suadas fechando os olhos e desfrutando da sensação de voar - e também do homem. O coração dele pulsava contra as palmas de suas mãos que pressionaram suas costelas quando ela o apertou mais forte.

Nunca deixarei que vá embora, Terra! Pensou ela, com a respiração agitada, quase mantendo o compasso com ele. *Nunca!*

Começou a descer com ela pendurada nele. Seus braços enlaçados em seu tronco, os joelhos apertaram a sela até que suas pernas doeram. Seu sexo se sentia como calor líquido e palpitava como se estivesse próximo do clímax.

Ele aterrissou tão brandamente que ela poderia não ter se dado conta se o vento não tivesse cessado e ela voltasse a escutar de novo. Ele continuou caminhado, respirando profundamente. Ela maravilhou-se com sua resistência, tinha visto Sementais ofegando depois de passeios mais curtos que o que eles terminavam de realizar.

As pernas do Inez relaxaram assim como seus braços, apesar disso, não o liberou, acariciou seu cálido e úmido peito até que as mãos dele se fecharam sobre as suas.

- Inez - ele a olhou.

Ela soltou as mãos e desmontou, caminhou até ficar em frente a ele, o corpo tremia por causa do mais profundo desejo sexual que ela já havia sentido, era mais que isso. Seu ventre tremia e a garganta estava apertada. Era como se ele forçasse o caminho até sua alma. Soube pela expressão de seus olhos que ele sentia o mesmo.

- Vim por você – declarou – eu quero você.
- Nunca nos conhecemos.
- Então ficarei até que me conheça.

- Por que você não se manteve longe e deixou isto como um sonho? - Ela cruzou os braços e se virou afastando-se.

De repente, achou-se entre seus braços e elevada do chão. Ela deslizou um braço por seu pescoço e colocou a mão livre sobre seu peito. Seus olhos azuis encontraram os seus e seus lábios estavam ligeiramente separados quando ele baixou a cabeça e cobriu-lhe a boca com a sua. Os olhos do Inez se fecharam e a língua se uniu a dele provando e acariciando. Seus lábios eram tão suaves e úmidos; Seu fôlego tinha o sabor de ervas frescas da primavera.

- Compartilhamos sonhos por meses, Inez, disse ele contra seus lábios, sua voz profunda ressoava dentro do seu peito. -Nós nos pertencemos. Diga-me que me dará uma oportunidade,



deixe-me compartilhar sua cama esta noite e se achar que não deseja que nos separemos, diga que se casará comigo pela manhã.

- Sempre disse que nunca me casaria.

- Você quer recomeçar?

- Não sei.

- Encontre-me esta noite, nos dê isso. Depois de tanta antecipação em sonhos, sinto que ficarei louco sem você.

Inez não pôde controlar um sorriso.

Ele deu uma piscada.

- Isso é um sim?

- Tudo bem, só esta noite.

Ele assentiu, beijando-a antes de deixá-la de novo em terra firme.

- É melhor voltarmos. Está vindo uma tempestade.

- Como um Semental pode prever o clima?

Ele deu de ombros

- É um dom. Deve ser a besta em nosso interior.

Sem cerca alguma para ajudar, Inez se sujeitou a um de seus grossos e musculosos braços para ajudá-la a subir em suas costas.

A volta para casa foi igualmente rápida e excitante. Inez pensou que ao menos um dos benefícios de casar-se com ele seria montá-lo fora tão bom como seria no quarto. Se é que ele seria tão bom amante como ela esperava que fosse.

Depois de aterrissar no Running Way, Inez desmontou.

- Encontrarei você na casa principal - Disse Terra, acariciando-lhe a bochecha com o dorso de sua mão. Preciso me refrescar antes de mudar para a forma humana.

- Irei com você - ofereceu

Ele sorriu.

- Excelente.

Um jovem servente se aproximou do celeiro e ofereceu tomar o arnês e a sela de Terra.

- Sim obrigado - disse despojando-se do arnês.

- Posso tirar a sua sela - disse Inez - Com você?

- Não precisa pedir minha permissão constantemente, não sou nenhuma estátua sagrada que não possa ser tocada e também não me ofendo facilmente.

Sem outra palavra, ela soltou as fivelas do cinto. O menino tomou a sela, as mantas e o arnês e foi para o celeiro.

Terra lhe ofereceu a mão enquanto caminhavam.

- Conte-me como se converteu em coletora.

- Amo montar e desejava fazer algo que beneficiasse a minha gente.

- E o que acha da liberdade?

- Isso é um benefício melhor - respondeu - E você? Por que se converteu em Portador de guerra quando podia pegar uma estrada mais segura e proveitosa como Portador privado.

- Igual a você desejava ajudar ao benefício de minha gente, sem guerreiros, nenhuma missão poderia sobreviver nas Spikelands.

-Isso é realmente certo?

Ele deu uma piscadela.

- E eu acho excitante.

- De alguma maneira eu já sabia disso.

Passaram a próxima meia hora caminhando e discutindo suas profissões. Inez se alegrou de aprender mais sobre ele, especialmente a forma em que ele via as missões. Se eles fossem



companheiros, era melhor saber agora como se sentia cada um sobre isso? Em que estava pensando? Não tinha concordado em casar-se com ele... Ainda.

Quando se aproximaram da aldeia, o mesmo moço se aproximou de Terra.

- Gostaria de uma massagem, Senhor?

- Eu o farei, Samuel - Disse Inez ao menino.

- É claro Senhora.

Terra levantou uma sobancelha, suas orelhas retesadas.

- Você o faria?

- São só boas maneiras. Geralmente esfrego Moor depois de ele ter sido tão amável de atuar como meu Portador.

Os olhos de Terra fixaram-se nos dela, enquanto sentia um pouco de decepção. Deixar que um arrogante Semental pensasse que a oferta de uma massagem era para paquerar com ele. Mesmo sendo isso parte de suas razões.

Depois que Terra se molhou, Inez trouxe um unguento de ervas, desenvolvido por séculos por um curador de Sementais e colocou uma toalha sobre os ombros, momentos depois Terra deu um passo adiante e ela pegou um pouco do unguento começando a esfregar-lhe o peito, os braços e os ombros.

- É muito decente de sua parte que esfregue seu Portador - Disse Moor - Ele poderia estranhar.

- Não vejo assim - Murmurou Inez, assinalou com a cabeça para a parte longínqua da casa onde Moor estava. Um servente jovem e rechonchudo massageava seu torso de homem enquanto uma morena magra escovava seu liso pelo cor de café.

Inez voltou a sua atenção para seu próprio Semental, seu coração pulsava rapidamente enquanto passava o unguento em suas mãos e começava a massagear suas costas e pernas eqüinas. Com Moor nunca tinha se apressado, mas tinha sido eficiente. Com Terra demorou empregando cuidadosa atenção a cada um de seus músculos e amando a suavidade do seu pelo liso. Massageou o local onde seus corpos se uniram e então se moveu mais pra baixo.

- Deuses como isso é bom - Suspirou ele quando ela dobrou uma de suas panturrilhas.

Com as mãos ainda distribuindo o unguento, ficou cara a cara com ele. Estendeu as palmas das mãos em seu peito enquanto separava os lábios. Ficou nas pontas dos pés enquanto ele se inclinava com as mãos presas a sua cintura. Seus lábios quase se tocando.

O chefe deu um passo para o celeiro e perguntou:

- Tomaram uma decisão? Seria bom ter um Portador de guerra por aqui permanentemente.

- Não estou certa do que vou fazer ainda - Inez se deteve.

O chefe a olhou irritado.

- Pensei que tinham discutido isso?

- Discutimos.

- Como foi a montaria? - Susana irrompeu na casa com o olhar indo de Terra às mãos manchadas de unguento de Inez - Foi bem?

- Foi uma das melhores que tive - Replicou. Na verdade era a melhor, mas como Moor poderia estar escutando não queria insultá-lo.

- Espere até a noite - Sussurrou Terra ao seu ouvido.

Inez tremeu, mas se recusou a mostrar. Então pegou a escova e a deslizou sobre o pelo de Terra.

Susana e o chefe os deixaram sozinhos.

- Mudarei de forma e a verei na casa principal - Disse Terra quando ela terminou de escová-lo. Ele piscou enquanto Inez o olhava sobre seu ombro antes de sair.



Capítulo 02

Sonho de amantes

Antes de ir à casa principal, Inez se deteve nos banheiros públicos femininos construídos ao longo de uma fonte quente e natural. Havia outros banheiros públicos para homens e algumas pessoas mais ricas tinham construído banheiros privados perto de suas casas. Inez tinha economizado um pouco dos benefícios que tirou de cada jornada no Spikelands e dentro de duas semanas teria o suficiente para seu próprio banheiro privado. A idéia de que possivelmente compartilharia o banho com Terra fez com que seus dedos dos pés se curvassem. Seria magnífico fazer amor com ele na água cheia de vapor.

Inferno seria magnífico fazer amor com ele em qualquer parte, a qualquer momento, e esta noite seria sua primeira vez juntos. Primeira. Já pensava no futuro com ele. A resistência a ele em seus sonhos tinha sido difícil, mas agora que o tinha encontrado, podia confirmar que era impossível.

Susana e várias mulheres do povoado lhe lançaram um olhar da piscina quando entrou nos banheiros públicos. Inez fez todo o possível para não fazer caso dos olhares curiosos quando tirou a roupa suja de viagem e sacudiu seu cabelo. Entrou na água quente e fechou os olhos, permitindo-se acalmar seus músculos.

— Então, me diga exatamente como montá-lo — disse Susana com entusiasmo em sua voz.

Inez abriu os olhos pegou uma barra de sabão que descansava na borda da piscina. Esfregou o sabão sobre seu corpo e ensaboou o cabelo.

— Francamente Susana, parece que este povo nunca viu um Semental antes.

— Nunca vi um como ele antes — disse uma das mulheres, a esposa de outro coletor. — É tão grande.

— E forte — riu bobamente a costureira local. — Dá um novo sentido à palavra Semental.

— Temos alguns Sementais arrumados neste povoado — confessou Susana — mas não como um Guerreiro Portador. O único com um nível equivalente é Moor e nem sequer ele é tão grande.

Ou tão rápido, admitiu Inez para si mesma.

— Então nos diga como foi montá-lo — apressou Susana.

Inez mergulhou sob a água, enxaguou o cabelo e saiu da piscina. Envolveu-se na bata que sempre guardava nos banheiros públicos e recolheu sua roupa. Antes de sair, olhou por cima do ombro e disse.

— Foi como cavalgar um tornado. Só que quente.

— Quente — murmurou a costureira. — Os Sementais têm esse maravilhoso corpo quente. Inez é tão afortunada.

— Afortunada. Transforme-me em uma esposa ou deixo o homem que compartilhou meus sonhos. Já que você me pergunta, a escolha é um maldito asco.

— Estar casada não é tão mau — suspirou a esposa do coletor.

— Também estou acostumada a minha liberdade — disse Inez.

— Pensei que ele consentiu em ser seu Portador — disse Susana — Sua vida não mudará, exceto que terá a esse viril, magnífico...

Inez fechou de repente a porta dos banheiros públicos, incapaz de escutar por mais tempo o quão maravilhoso era Terra.

Inez saiu zangada do povoado. Sobre a colina, há quase uma milha de distância, estava a casinha de campo que ela tinha construído no ano passado. Terra havia dito que a encontraria na casa principal, mas ele ia ter uma boa espera. Pelo menos não teria a ideia de que ela estava pendente de todas suas palavras.



Como Terra havia predito, a chuva começou a cair quando Inez abriu a porta. Olhou ao redor do amplo e único quarto da casinha de campo. As prateleiras e a mesa tinham uma capa de pó e a roupa suja estava jogada em um monte no chão.

— Maldito — resmungou, acendendo um fogo e dois faróis antes de voar ao redor do quarto em um frenesi de limpeza. Passou um pano suave sobre o mobiliário empoeirado, jogou a roupa em uma cesta e pôs atrás de um biombo de madeira grafite que tinha sido um presente de Moor.

Cruzando os braços sob seu peito, olhou ao redor do quarto. Ao menos, agora estava apresentável. Suspirou. Apresentável não era o bastante. Inez tirou todas as velas que tinha de um baú de madeira ao pé da cama e as colocou por toda parte no quarto, cobrindo as prateleiras e a chaminé. Escolheu uma garrafa de vinho que tinha estado reservando para uma ocasião especial e a colocou na mesa junto com duas formosas taças de prata que sua mãe lhe tinha deixado quando morreu.

Seu pulso estava veloz, Inez deslizou por sua cabeça o único vestido que tinha. Não era um vestido muito bonito, só uma túnica clara verde-bosque com flores púrpuras bordadas nas mangas. O pescoço quadrado revelava um considerável decote. Meteu os pés em umas botas verdes suaves que combinavam com o vestido e estava a ponto de ir para a casa principal quando dois toques agudos soaram na porta.

— Quem está aí?

— Terra.

O estômago de Inez tremeu quando abriu a porta e inclinou-se para cima, olhando fixamente seus olhos. De volta a sua forma humana, ele tinha posto uma calça preta e uma ondulante camiseta negra molhada pela chuva e colada em seu corpo perfeito. Os cachos de ébano molhados caíam soltos pelas costas, salvo as duas tranças nas têmporas.

— Mudou de opinião sobre nosso acordo? — perguntou.

— Não.

— Vejo que você trocou de roupa — a aprovação em seu olhar a arrasou — Está linda.

Os lábios de Inez se curvaram para cima e ela se afastou, estendendo a sua mão.

— Por favor, entre.

Ele baixou rapidamente a cabeça para impedir de bater na entrada quando passou. Seu olhar correu o quarto.

— Você vive sozinha?

Inez pegou uma faca de sua bota, algo que ela sempre levava para proteger-se e o pressionou contra seu quadril, sua outra mão deslizando-se ao redor e lhe agarrando o peito.

— Mas sou muito capaz de me cuidar sozinha.

— Não duvido Inez. Então o que planeja me cortar ou me beijar? Este último é muito mais agradável.

Inez baixou a faca, mas antes que pudesse embainhá-la, ele agarrou o seu pulso e a tirou de sua mão.

— Nunca use uma arma contra mim outra vez — disse ele.

Inez o olhou, sentindo-se apreensiva pela primeira vez, já que ela o havia convidado. Estaria louca convidando um Semental tão grande para sua casa e, ainda pior, prometendo dormir com ele? Não importava que, segundo as lendas sobre sonhos compartilhados, pertencessem-se mutuamente. O que sabia realmente sobre ele?

— Não precisa me temer, Inez. Nunca te machucaria.

— Minha adaga? — Inez estendeu a mão, olhando-o fixamente. Após um momento, ele girou a faca e colocou o punho em sua mão. Em vez de devolvê-la à bota, ela a colocou sobre a mesa.

Com olhar fixo, ele a seguiu ao redor do quarto quando ela acendeu todas as velas e apagou os faróis. Dúzias de oscilantes luzes dançaram na penumbra. Ela o olhou, o rosto em sombras, embora ainda pudesse distinguir o brilho de seus olhos.



— Quer um pouco de vinho? — perguntou.

— Não — sua voz soou calma quando a alcançou com grande rapidez e colocou as mãos em seus ombros. Embora o contato fosse suave, o calor das grandes mãos parecia abranger completamente seu corpo. — Quero você Inez. Dê-me o que você tem me negado em sonhos. Deixe-me agradar você.

Quando se inclinou e a beijou, Inez quis protestar, para lhe dizer que era muito repentino, mas as palavras morreram em sua garganta. Tinha razão. Atormentaram-se um ao outro durante meses em sonhos, detendo-se abruptamente justo no auge.

Os lábios suaves e úmidos de Terra se separaram contra os seus. Sua língua deslizou-se dentro da sua boca e encontrou a sua com toques sensíveis que lhe debilitaram as pernas. Terra gemeu e agarrou suas nádegas, levantando-a do chão. Instintivamente, os braços de Inez se agarraram a seu pescoço e suas pernas se fecharam ao redor de sua cintura. Inclusive por sobre a roupa, o calor de seu corpo impregnava o seu. Seus músculos eram duros como pedras. Seu membro, pressionado contra ela, parecia uma grossa lança de aço.

Com os olhos fechados, Inez inclinou a cabeça para explorar melhor sua boca. Ele beijou seu lábio superior até o tirar-lhe o fôlego. Terra pareceu não se opor a suportar seu peso e gastou um longo tempo beijando-a, seus lábios e língua estudando cada canto e traço de sua boca e rosto. Seu cabelo parecia grosso quando ela enrolou os dedos nele, massageando-lhe a nuca.

Finalmente ele a carregou até a cama. Beijando-a novamente, sentou-se e a olhou fixamente, acariciando sua bochecha. No momento em que ele levantou para se despir, Inez se sentou e rapidamente tirou seu vestido, desejando vê-lo se despindo. Seu olhar devorou seu corpo nu quando ele tirou as botas e tirou as calças com um puxão. Por último tirou a camisa. Inez o contemplou com a boca seca. Seu torso era enorme tal como o recordava em sua forma equina, os músculos esculpidos e poderosamente desenvolvidos. Suas pernas humanas eram tão perfeitas e as mais longas que ela já tinha visto. Uma penugem cobria suas coxas e as pálidas panturrilhas eram como granito esculpido. Seus pés eram grandes e compridos. O mais fascinante de tudo era seu pênis. Sobressaía-se, grosso e avermelhado, de uma camada de cabelo negro encaracolado. Pesados testículos pendiam para baixo como os de um respeitado Semental. Os Sementais nunca eram circuncidados, por isso a cabeça do pênis sobressaía-se através do prepúcio. Inez achou a imagem tão selvagem quanto excitante.

— Você é tão linda — disse ele, aproximando-se da cama e sentando a seu lado. Uma de suas grandes mãos ávidas por tocá-la descansava no quadril dela, acariciando-a suavemente.

— Você não deve gostar de mulheres magras — Inez queria que soasse como brincadeira, embora ela quisesse dizer essas palavras. Mesmo não tendo excesso de gordura, tinha os músculos desenvolvidos e curvilíneos pelo uso. A vida de um coletor requeria força física, tanto para montar como para levar o carregamento. Embora os Portadores realizassem o pior trabalho, os coletores não eram apenas sacos de trigo jogados nas costas.

— Você é cheinha — sua mão deslizou sobre as suas costelas e tomou um de seus seios volumosos. — Eu gosto assim. Apesar disso, você é tão pequena que não parece pesar absolutamente nada.

— Os coletores não podem pesar muito ou seríamos responsáveis por matá-los nas viagens. Eu...

Seu comentário seguinte surgiu como um grito abafado de prazer quando ele tomou um dos seus mamilos na boca. A língua acariciou a saliência, provocando-a a ponto de despertá-la, acariciando com toques úmidos e amplos. As pontas dos dedos dele examinaram cuidadosamente o pêlo entre suas pernas, então um dedo escorregou para seu sexo. Ela estava molhada por ele desde que ele entrou e o desejo chegou rápido, quase como uma dor física. Seu clitóris palpitou inclusive antes que ele o tocasse e acariciasse com a ponta do dedo em um movimento suave e circular. Ela se contorceu, fechando os olhos.



Terra continuou sugando e lambendo seu mamilo enquanto seu dedo subia e descia percorrendo o pequeno e sensível botão. Quando ele acariciou a ponta de seus clitoris muito suavemente, foi o suficiente para ela alcançar o clímax. Ela ofegou e palpitou enquanto ele chupava e esfregava, ampliando seu orgasmo.

Finalmente ficou imóvel e satisfeita, sua respiração e as batidas do seu coração voltaram ao normal. Abriu os olhos e o encontrou deitado a seu lado, a cabeça apoiada em sua mão, com o olhar fixo nela.

— Amo ver você assim, no clímax — disse ele — tinha imaginado te dar prazer, te ver tremer e se contorcer com o meu toque.

— E você? — ela deslizou para baixo na cama, chegando mais perto da ereção que apontava para ela debaixo de seu abdômen musculoso. Usando a ponta do dedo, acariciou-o da base até a cabeça, então curvou sua mão ao redor dele e o bombeou lentamente.

O peito dele fez um som cheio de luxúria quando ela usou sua mão para apertar e acariciar seu membro. Este ficou ainda maior, a cabeça avermelhada quase deslizando do prepúcio.

— Puxe a pele para baixo. Deste jeito — pôs sua mão sobre a dela, mostrando o que queria. Inez olhou fixamente a grossa e tensa ponta com o seu olho pequeno e fascinante. Várias veias se encheram, uma cor púrpura particularmente inchada percorria o seu comprimento.

O estômago dela se revirou e os batimentos do coração se aceleraram, Inez deslizou-se mais para baixo até que seu rosto ficou à altura do pênis. Com a língua, cedeu ao desejo esmagador de prová-lo.

Terra gemeu e deitou-se de costas. Inez continuou ajoelhada entre suas pernas afastadas. Passeou a língua da raiz até a cabeça do pênis, fazendo uma pausa para explorar a pele do prepúcio recolhida na base. A ponta de sua língua acariciou a parte inferior e aquela veia proeminente aumentou.

— Maldição, mulher! — a voz dele soou tensa.

— Devo parar? — ela fez uma pausa, olhando-o. O peito dele subia e descia quase sem fôlego. Os olhos entreabertos reluziram de desejo, sorvendo o ar através dos lábios semi-abertos.

— Ainda não. — disse ele — avisarei você quando...

Inez baixou a cabeça até a sua virilha, seu cabelo comprido tocando o seu abdômen quando agarrou a base do membro com uma mão e o lambeu por inteiro. Sua mão livre agarrou os testículos, embora fossem muito grandes para ela segurar com uma mão. Lambeu, apertando o saco. Tomou a cabeça em sua boca e a sugou, percorrendo-a com sua língua.

— Inez, Oh, Deuses! — exalou, suas mãos agarrando a cabeça dela.

Ela fechou os olhos enquanto lambia, sugava e apertava, completamente perdida com o seu gosto e com um delicioso aroma almiscarado. Perguntou-se quanto tempo passou. Várias das mulheres do povoado falavam com frequência de seus amantes e pelo que Inez tinha ouvido casualmente, em geral levava pouco tempo para os homens chegarem ao clímax quando eram estimulados desta maneira.

Seu membro estava enorme e duro, a pele esticada e tensa, ele a olhou e sentiu-se a ponto de explodir. Terra murmurou alguns sons incoerentes de paixão, mas principalmente palavras carinhosas.

— Deuses, mulher, têm os lábios e a língua tão doces. Linda, linda Inez.

O prazer dele a encheu de desejo de tal modo que seu sexo parecia um rio de lava. O clitoris latejou e os lábios da vagina doeram. Ela queria senti-lo profundamente dentro dela. Queria agarrar-se àquele corpo poderoso quando ele a tomasse.

— Já chega — ele ofegou, puxando suavemente a cabeça de seu pênis. Com os músculos tensos, suas coxas se apertaram quando lutou para controlar sua paixão. Puxou-a para seu peito, impregnando-lhe a pele com seu calor. Ele beijou o seu pescoço, sentindo o pulso da carne sob seus lábios.



— Venha aqui, Inez — a colocou de bruços e se ajoelhou detrás dela, colocando um braço ao redor de sua cintura, levantou o seu bumbum. A posição a obrigou a sujeitar-se apoiando os antebraços no colchão.

Ele acariciou as costas dela longamente com as palmas de suas mãos calosas antes de agarrá-la pelos quadris e deslizar o membro pela sua vagina que já estava muito bem preparada. Ela ofegou, embora ele se movesse lentamente. Ele era tão grande e duro. Ela se sentia tão bem!

Inez fechou os olhos quando ele começou a se movimentar. Durante muito tempo a possuiu lentamente, logo intensificou os movimentos e a levou a outro clímax. Ela se perguntava quanto tempo ele poderia manter o ritmo. De repente, seu orgasmo eliminou todos os pensamentos de sua cabeça exceto a intensidade do prazer que sentia, palpitando e tremendo, enquanto ele continuava.

Ela caiu sobre a cama. Seus olhos se recusaram a abrir, inclusive quando ele a girou sobre as costas. Ele tomou um de seus pés entre as mãos e o massageou. Trabalhou o tornozelo e friccionou a perna desde a panturrilha até a coxa, depois fez o mesmo com a outra perna.

— Está boa a massagem, não é mesmo? — sua voz era risonha quando perguntou.

Ela abriu os olhos e lhe deu um chute brincalhão. Ele agarrou seu pé e o beijou.

Inez contemplou seu duro membro.

— Mas você ainda não...

— A noite começou agora — grunhiu, com um som de profundo desejo, agarrou suas pernas, dobrando seus joelhos e colocando os pés dela contra seu peito. O tapete de escuro cabelo encaracolado era tão bom contra as plantas dos seus pés, também contra as duras placas de músculo. Ele a puxou ligeiramente, deslizando seu pênis nela. O mesmo ritmo estável começou outra vez e, quando a excitação cresceu, Inez balançou os quadris. Seus pés se apertaram contra seu peito e ele usou uma de suas mãos para empurrá-los mais duramente contra ele. Sentiu o peito dele subir e descer e notou através de seus olhos entrecerrados que os olhos dele estavam fechados.

Mais um orgasmo se formou dentro dela, apertando seu ventre e fazendo palpar seu clitóris e sua vagina. Quando explodiu, com seu centro palpitante, sentiu como ele aumentou seus impulsos e sua respiração ficou irregular, embora não gozasse. Quando o orgasmo minguou, ele a levou para outro antes que ela tivesse a possibilidade de se recuperar. Alguma vez ele perderia o controle?

O último clímax chegou lentamente, mas tão intenso que o sentiu da raiz do cabelo até as pontas dos dedos dos pés. Ela descansava à beira dos sonhos quando ele saiu de dentro dela e baixou suas pernas sobre a cama.

Ele tombou a seu lado e acariciou-lhe o mamilo.

Abrindo um olho, ela o fitou.

— Você nunca se cansa?

— É preciso muita coisa para cansar um Guerreiro Portador, mas acho que estou mais ou menos preparado — ele a beijou.

Inez agarrou seu pescoço e tentou atraí-lo para um beijo. No entanto, a única coisa que conseguiu ao se lançar com força foi se levantar. Mesmo assim os lábios dele foram seus. Lambeu sua boca e apertou seu ventre contra ele, colocando o membro inchado entre eles.

Os olhos dele se cravaram nos seus.

— Antes de fazer isto, tenho que saber.

— O quê?

— Você se casará comigo amanhã?

Inez respirou profundamente.

— Como podemos saber se isto está certo?

— Se eu posso admitir o que existiu em nossos corações desde quando começamos a sonhar um com o outro, por que você não pode? — Terra deitou-se de costas contra o colchão e cobriu seu corpo com o dela. Seu pênis roçou o quadril dela e um desejo próximo à dor brilhou em seus olhos. Apoiou o peso do seu corpo sobre um de seus braços cercado-se sobre ela enquanto sua outra mão



segurava seu rosto, acariciando seus lábios suavemente com o polegar. — Não derramarei minha semente em uma mulher que se recusa a se casar comigo. Nunca o fiz antes e nunca o farei. Sei que se eu inundar sua doce e quente vagina com minha essência poderá haver uma criança e não terei nenhum filho ou filha se nós dois não estivermos juntos para sempre.

O coração de Inez palpitou e sua cabeça rodou. Casar-se com ele?

— Diga-me Inez.

Ela tremeu, fechando os braços ao redor de seu pescoço.

— Sim, eu me casarei com você.

Com um gemido de absoluta paixão, Terra empurrou seu duro membro profundamente dentro dela. Desta vez havia um frenesi junto com seu ritmo. Inez se agarrou nele com os olhos fechados quando incrivelmente outro orgasmo surgiu em seu interior. Ela explodiu. Seu sexo palpitando, os braços e as pernas doíam enquanto se apertavam contra ele. Terra pulsou em seu interior com cada músculo do corpo retesado, a pele quente e úmida ensopando-a com sua paixão. Sua respiração ficou pesada e ele se sacudiu quando explodiu dentro dela, enchendo-a com sua essência.

Ofegando, deitou-se de costas e a arrastou para seu peito. Ela escutou o lento batimento de seu coração sob sua bochecha. Quando ela foi levada pelos sonhos, seu último pensamento foi que de manhã se casaria com o homem de seus sonhos: a mais maravilhosa e sensual besta que ela jamais esperava amar algum dia.



Capítulo 3

Com as costas nuas

Inez despertou com um sorriso, seu corpo pressionado contra o corpo quente de Terra. Seu joelho roçando o pênis semi-ereto e o pé descansando contra sua perna peluda.

— Bom dia — ao falar, seu peito ecoava sob seu ouvido. Seus dedos se estreitaram no seu cabelo para puxá-la aproximando-a dele.

— Com certeza será — ela sorriu, dando-lhe um beijo no peito — Queria perguntar algo que provavelmente seja uma pergunta tola.

— Pergunte.

— Quando você está em forma de garanhão, importa-te ser acariciado?

Terra respirou fundo, mostrando diversão e prazer no rosto sensual.

— Por você? Estou ansioso pra isso.

— Você quer que eu peça permissão, como faria com qualquer outro Semental?

— Diga-me que não acariciará a nenhum outro Semental mais que a mim — não havia mais humor em sua expressão, substituído por um olhar possessivo que enviou calafrios de desejo da cabeça até os pés.

— Não posso pensar em nenhuma razão que eu queira fazer algo assim... Agora que tenho você.

Terra sorriu, seus braços se apertaram a seu redor. Acariciou as costas dela com a palma da mão.

— Você tem minha permissão para me acariciar a qualquer momento e em qualquer forma em que me encontre.

Inez depositou um beijo na base de sua garganta antes de deslizar para fora da cama. Penteando-se com os dedos, alcançou a bata e o olhou.

Ele girou de costas, seu grande corpo luzindo totalmente depravado, embora ela soubesse pelo brilho que ele tinha nos olhos que estava totalmente acordado e pronto. Lá fora o sol subia, a suave luz do amanhecer entrava pela janela iluminando o quarto.

— Vou nadar no lago - disse ela.

Terra se levantou, bocejando e estendendo os braços por cima de sua cabeça, cada músculo bem definido no corpo que se esticava e relaxava.

— Irei com você. Depois podemos nos encontrar com seu chefe na casa principal. Combinamos de realizar a cerimônia de casamento.

A irritação queimou o peito dela.

— Você nem sequer sabia qual seria minha resposta até ontem à noite.

Terra sorriu, alcançando-a com grande rapidez e atraindo-a para seu peito.

— Eu sabia.

— Você é um filho da puta arrogante.

— Já me chamaram de coisas piores — ele a soltou, dando-lhe uma palmada brincalhona no traseiro — vamos tomar banho e logo nos casaremos. Depois disso levarei você para cavalgar.

Inez pegou um par de toalhas e se dirigiu à porta. Ele a tomou pelo braço e a beijou na testa.

— Não fique zangada.

— Como não fico zangada? Você é muito convencido.

— Foi somente bom senso. Se você me ama mesmo que seja uma pequena parte do que te amo, não havia maneira de que se recusasse a casar comigo.

Inez sacudiu a cabeça, olhando-o nos olhos.

— Você realmente crê que podemos nos apaixonar através dos sonhos?



— Não eram só sonhos comuns. Eram reais... ao menos para nós. Você é a mesma mulher que tenho amado e desejado cada noite a muito tempo. Sou diferente do que você lembra dos seus sonhos?

Inez tentou se afastar, mas ele se recusou a deixá-la ir. Finalmente ela disse.

— Você é o mesmo. Confiante. Arrogante. Bonito.

— Obrigado — sussurrou antes de lhe dar um beijo nos lábios.

Caminharam juntos para o rio que corria detrás da casa. Tomaram banho e se secaram com as toalhas, então se vestiram e se dirigiram para a casa principal. Terra manteve sua forma humana. Inez o olhou enquanto caminhavam de mãos dadas pelo prado.

Quando chegaram à casa principal os aldeões já estavam trabalhando. O Chefe os saudou com um sorriso e abriu seus braços.

— Felicitações! Venham e terminemos com o ritual. Será maravilhoso ter você aqui, Terra. Um Semental de seu tamanho e força é uma sensacional aquisição para o povo.

— Ele está somando os louros de seus lucros futuros — sussurrou Inez, incapaz de ocultar o sarcasmo.

— É só um bom comerciante — respondeu Terra, apertando sua mão carinhosamente. — Mas eu herdei a melhor parte neste negócio.

A cerimônia levou menos de cinco minutos. Susana e vários criados atuaram como testemunhas. Depois, houve um delicado café da manhã servido na mesa do Chefe.

Na metade da comida, escutou-se um ruído de cascos... Cascos pequenos de um cavalo verdadeiro. Momentos depois um alto e ágil homem loiro entrou na casa principal. Vestido com uma roupa de malha trazia um capacete na mão. Uma espada estava pendurada na bainha que levava no quadril e seu ardiloso olhar verde percorreu a sala antes de se fixar em Inez.

O guerreiro loiro sorriu e se aproximou, assentindo para o Chefe e olhando curiosamente para Terra antes de focar sua completa atenção em Inez.

— Minha querida — disse o loiro, com olhar fixo em seus fartos seios visíveis sobre o decote quadrado do vestido.

— Casper — assentiu Inez com um sentimento incômodo serpenteando em seu estômago. Casper era o Capitão da Guarda Pessoal do Chefe. É obvio que não tinha nada a ver com as coletas já que eram fiscalizadas por Sementais Guerreiros, fossem privadas ou levadas a cabo pelos Mensageiros Guerreiros. Casper tolerava a presença dos Sementais, admitindo que precisavam deles, mas todo mundo sabia que a espécie o desagradava. Quase tanto quanto Inez desgostava dele.

— você sentiu saudades em minha ausência? — perguntou Casper olhando-a de soslaio.

— Não — Inez olhou para Terra e viu as chamas em seus olhos azuis. As afiadas pontas de suas orelhas estavam tão presas à cabeça que desapareciam em seu encaracolado cabelo negro. Sua imediata antipatia para Casper era quase tangível e ela sabia que era melhor que fizesse as apresentações rapidamente, antes que Casper continuasse com seus usuais e desagradáveis galanteios. — Casper, eu gostaria que conhecesse meu marido, Terra.

Os olhos de Casper se arregalaram um pouco, então seus lábios se curvaram.

— É o Semental que garantiu compartilhar os sonhos com você? E você realmente se casou com ele?

— E você é... ? — Terra olhava severamente para Casper.

— Eu sou o homem com quem ela deveria ter casado — Casper jogou um copo vazio provocando um som forte.

Terra se levantou, olhando para o guerreiro.

— Há algum problema, moço?

Casper trincou os dentes, mas se voltou e olhou Inez.

— Declarei-me dúzias de vezes e sempre me disse que não. Fomos o casal perfeito, Inez, e ainda assim você se casou com este... Semental!



— Com quem me casei não é de sua incumbência, e se fosse você, melhoraria minhas maneiras. Eu não gosto do olhar que o meu marido tem neste preciso momento e embora sempre pudesse me defender contra os de sua índole, Terra está bastante além de meu controle.

— Não tenho medo do Semental!

— Pois deveria ter - o tom suave de Terra soou ameaçador. — Moço.

O rosto de Casper se ruborizou de raiva, mas assentiu lentamente.

— Não entendo você, Inez. Por que se casou com ele em vez de se casar comigo?

— Porque não te amo.

Casper olhou ao redor da sala, como se de repente se desse conta... ou se preocupasse... dos criados e aldeões que se reuniram para presenciar a cena na cabeceira da mesa do Chefe.

— Todos vocês continuem com suas tarefas! — bramou Casper, apontando para vários dos espectadores. Eles dispersaram, olhando por sobre seus ombros como se se perguntassem o que mais poderiam conseguir escutar casualmente. O guerreiro loiro franziu os lábios para os recém casados - Então tudo o que posso oferecer são minhas felicitações... ou talvez minhas condolências sejam mais adequadas.

— Casper, não se zangue com este matrimônio. — disse o Chefe — Há outras mulheres para você escolher que ficariam encantadas de se casarem com você e lhe darem filhos. Sente-se e coma. Tome um merecido refresco depois da viagem.

— Estarei no banheiro — Casper se inclinou em direção ao Chefe, mas seu olhar dirigia-se para Terra e Inez antes de sair pisando forte.

— Agora entendo sua relutância em se casar. Se esse era o exemplo do tipo de propostas que teve — manifestou Terra, olhando para Inez enquanto se sentava.

— Desculpe-me pela atitude de Casper. — disse o Chefe — Ele se desgostou ante a negativa da Lei dos Sementais a permitir que guerreiros humanos presidissem as coletas. É questão de bom senso que os Sementais estejam no cargo, considerando que são os únicos o suficientemente poderosos para fazer as travessias e nos defender contra as criaturas das Spikelands.

— Ele está com ciúmes dos Sementais — disse Inez — Sempre esteve.

Os longos dedos de Terra riscaram a lateral de sua taça. Finalmente se levantou, oferecendo a mão a Inez.

— Estou ansioso para estar a sós com minha nova companheira.

— Não o culpo — sorriu o Chefe — Mas confio em que ambos estejam dispostos a unir-se à Festa da Coleta da sexta-feira.

— Estaremos lá - disse Inez e logo olhou para Terra — Caso você esteja de acordo.

— Eu adoraria.

O Chefe sorriu antes que Inez e Terra deixassem a casa principal.

— Mal posso esperar para ter você novamente na cama - admitiu Inez.

— Mais tarde. Agora tenho que te pedir um favor.

— O quê?

Terra olhou ao redor para assegurar-se de que nenhum dos aldeões estivesse escutando às escondidas. Inclinou-se e falou no seu ouvido, seu fôlego quente se espalhando sobre seu rosto e pescoço.

— Quero que me monte outra vez.

A excitação cresceu dentro dela.

— Claro, mal posso esperar.

— Nua.

O coração dela pulsou fortemente em seu peito e o olhou fixamente. Um sorriso surgiu dos lábios dele e os olhos brilharam com luxúria.

Nua. Montar seu formoso e lustroso corpo, nua. Sentir sua pele negra e acetinada contra sua pele nua e sentir seus poderosos músculos contraírem-se e ondearem-se entre suas pernas...



— Nua? - repetiu.

— Demônios, sim, mulher — sua mão apertou a dela mais firmemente, seus olhos perfurando-a — Nua.

— Penso que posso fazer esse favor — tratou de soar impassível. O que era difícil quando seu corpo inteiro estava tremendo de desejo. Ele teria se dado conta? Ou também estaria tremendo?

Olhou o alto e poderoso corpo e notou que sua respiração estava acelerada. Ela se sentia poderosa, ante o pensamento de poder acelerar a respiração desta criatura que era feita para correr e voar muitas milhas a grandes velocidades somente montando-a nua.

— Nos bosques atrás da minha cabana...

— *Nossa* cabana.

— Nossa cabana — sorriu ela — Há poços mineiros privados. Poderíamos ir para lá e ficarmos a sós. Também há milhas de pradaria aberta que quase sempre estão vazias.

— Vamos logo — ele a olhou — Mal posso esperar Inez, para sentir suas suaves pernas nuas envoltas de mim.

— Eu tampouco — suspirou.

Caminharam com passo rápido e firme para os bosques. Ao menos foi rápido para Inez. Com as grandes pernas de Terra, provavelmente lhe parecia que estavam se arrastando.

— É um pouco mais à frente — disse Inez enquanto se moviam através do serpenteado caminho infestado de rochas.

Enquanto caminhavam, davam-se olhadas luxuriosas. Inez tratava de controlar a pulsação rápida do seu coração e desejava não se sentir tão úmida entre as pernas. Seria embaraçoso para ela... e também um grande embaraço para ele... se já estivesse molhada quando o montasse. Para falar a verdade, desejava poder montá-lo e não revelar nenhum desejo sexual, embora soubesse que era impossível. Mesmo com os arreios no meio, quase tinha chegado ao orgasmo na última vez que o montou.

Um riacho corria através da clareira favorita de Inez. Rochas mofadas estavam esparramadas ao largo do sujo semicírculo e a luz do sol brilhava através dos troncos ocos das árvores.

Enquanto Inez se despia, Terra desapareceu entre as árvores. Sabia que tinha ido mudar de forma. Era uma questão de etiqueta entre os Sementais fazer sua transformação em um local privado, mas ela tinha que lhe dizer que não se incomodasse na próxima vez. Queria ver como era. A teoria popular era que os humanos sentiriam aversão, mas Inez sabia que nada que Terra fizesse poderia desgostá-la. Seus sentimentos por ele eram muito profundos, embora ainda não estivesse disposta a admitir tal rendição.

Esperou, sentindo um pouco de frio ali no bosque apesar de que o dia estava caloroso. Terra saiu para o claro, com o cabelo solto descendo pelas costas, sua metade animal de cor negra brilhante, suas asas dobradas contra os flancos. Sacudiu a adorável cauda e se aproximou, sustentando um pedaço de corda.

— Quando estiver sobre minhas costas, pode amarrar meu cabelo?

Assentiu, subindo sobre uma rocha para equilibrar-se em cima das costas dele enquanto movia suas asas para acomodá-la. Ela resistiu à tentação de fechar os olhos pela maravilhosa sensação de suas duras e peludas costas equinas contra sua carne. Mesmo sabendo que ele deve ter sentido sua umidade, absteve-se de fazer comentários e ela ficou grata por isso.

— Suponho que você pode montar assim em pelo?

— É claro.

— E se quer saber a verdade, eu gosto que me segure em vez de segurar os arreios.

— Também gosto mais, embora devemos usar os arreios nas coletas.

— É obvio. Não queremos causar um escândalo — Deu-lhe uma piscada sobre o ombro.

Inez trançou seu cabelo e o atou com a corda. Todo o tempo ele ficou quieto, usando sua cauda para espantar os insetos do bosque afastando deles. O toque gentil de sua cauda encaracolada contra



suas costas e ombros nus era prazeroso e poderia ter sido tranquilizador se não fosse pela descarga de estremecimentos sexuais que percorriam o seu corpo inteiro pelo simples feito da sensação dele entre suas pernas. Deuses, quando ele se mover, vai ser tão difícil evitar contorcer-se!

— Pronto? — perguntou ele.

— Quando você estiver.

Agarrou-se com os joelhos quando ele se lançou para frente, golpeando com seus cascos a terra plana. Como ele não estava indo muito rápido, ela descansou as mãos contra seus flancos e desfrutou da paisagem enquanto salpicava ao atravessar o riacho de retorno ao bosque, desta vez dirigindo-se para os campos abertos dos quais ele tinha lhe falado.

— Em que povoado nasceu? — perguntou ela.

— Silver Cove a cinquenta milhas ao sul daqui.

— Seus pais ainda vivem lá?

— Estão mortos.

— Os meus também.

— Sempre viveu em Hornview?

— Não. O povoado no qual cresci está deserto desde então, mas adoro viver aqui.

— E sempre quis ser um coletor?

— Eu gosto de sua espécie.

Ele sorriu por cima do ombro.

— Fico feliz.

Falaram de assuntos corriqueiros até que o bosque se afinou para abrir-se para um vasto campo de onde se distinguiam as longínquas colinas.

— Quer correr um momento? — ele perguntou.

— Eu adoraria.

— Segure-se!

Deslizou os braços para lhe rodear o torso, apertando seu peito, os joelhos se agarrando a seus flancos. Ela entreabriu os olhos com o impulso do vento quando ele começou a galopar. Suas poderosas pernas se agitavam debaixo dela e ela podia sentir-lhe os músculos ao correr. Alguns momentos depois estavam sobre as antes distantes colinas e seus cascos voavam sobre o pasto enquanto galopava subindo e descendo por várias delas antes que ela se desse conta que seu já quente corpo ficava mais quente.

— Está se divertindo? — perguntou ele, quase sem fôlego. O fôlego dela já tinha sido mais forte e nem sequer estava fazendo o trabalho.

— Oh, sim!

— Vou decolar em um instante!

— Faça! — O açoitado do vento e o som de seus cascos golpeando, soaram em seus ouvidos como se ele tivesse aumentado a velocidade, suas longas pernas se contraindo, arranhando a terra. De repente estavam voando. Suas grandes asas batiam o ar e suas pernas continuavam correndo, impulsionando-os através do ensolarado céu.

Inez fechou os olhos, com a bochecha pressionada contra as costas dele. Seu coração golpeava contra o seu rosto enquanto provava sua velocidade. Ontem tinha pensado que era rápido, mas se era possível nesse momento era ainda mais veloz. O poder de seu corpo a chamava. No ar, a cavalgada era muito mais suave do que quando galopavam sobre a terra. Embora Inez mantivesse as pernas pressionando-o para evitar escorregar, pôde relaxar um pouco. Talvez isso fosse um engano. O ritmo de seus passos parecia abrir caminho junto a seu sexo. Isso combinando com a sensação de seus braços ao redor do peito de seu homem era suficiente para estimular seu corpo levando-a próximo de um orgasmo.



Ele devorou milhas no céu, suas asas batendo e seu corpo impulsionando-se para frente. Sua velocidade aumentou até que finalmente se nivelou. Ainda assim continuou correndo pelo que pareceu uma eternidade e ela se perguntava quanto tempo poderia manter tal velocidade.

A sensação de cavalgar o vento em si mesmo era incomparável. Seu corpo se sentia como o inferno e se mantinha quente embora que ali acima tão alto, o ar era mais frio. As mãos de Inez acariciavam o úmido peito acolchoado de cabelo dele. Tinha os seios pressionados contra suas costas suadas, seus mamilos roçando a sua carne quente. Seus olhos se estreitaram e uma corrente de lágrimas fluiu através do vento cortante, ela levantou sobre seus flancos e enterrou o rosto no pescoço dele, pressionando os lábios contra a pulsante coluna de músculos e tendões retesados. Tinha o clitóris pressionado contra suas costas, sentindo cada deliciosa pulsação de seu corpo enquanto galopava no ar. O lustroso cabelo negro do corpo da besta estava molhado de suor, sua umidade mesclando-se com a dela.

Em um súbito estalo de energia que pareceu provir de alguma reserva bem guardada dentro dele, moveu-se para frente, cada músculo de seu corpo contraindo-se para obter esse último pinga de velocidade. Ela sentiu seu coração golpeando contra as palmas de suas mãos e através de suas costas, pulsando debaixo de sua bochecha. Os dedos de Inez enterraram-se em seu peito e as pernas o apertaram fortemente quando alcançou o clímax, a vagina e o clitóris pulsando junto com o selvagem batimento de seu coração. Ela gemeu e ofegou, incapaz de manter silêncio ao sentir um prazer tão intenso.

O passo dele ficou mais lento e ela sentiu sua pesada respiração enquanto movia suas asas para planar com o vento. Inez relaxou contra ele usando só a força necessária para manter-se em seu lugar enquanto ele descia, aterrissando em um prado próximo aos bosques.

Por um momento ele seguiu caminhando enquanto sua respiração voltava ao normal. Ela depositou beijos sobre suas costas brilhantes e acariciou suas costelas, sentindo quentes riachos correndo por sua pele. Girando-se ligeiramente, pôs a mão sobre suas suaves ancas, notando o suor de sua pele. Entre a excitação do clímax e o imenso calor gerado por seu corpo, sentia-se quase tão suada quanto ele. Apertando seus flancos com os joelhos, ela se levantou um pouco para que a brisa refrescasse seu traseiro e suas costas.

— Você gostaria que eu descesse? — perguntou ela.

— Só se você quiser.

Por seu tom adivinhou que gostaria que ficasse exatamente onde estava.

— Tomo isso como uma indicação que foi um bom momento? — olhou-a por cima de seu ombro, com os olhos brilhantes e travessos.

Ela sentiu que se ruborizava.

— Você fez de propósito. “Vem, querida, quero que me monte nua”. É a pior classe de galanteador!

Ele se pôs a rir.

— Quer ir nadar no lago?

— Pensei que nunca iria sugerir.

Quando alcançaram o prado seguinte, ambos tinham começado a esfriar. Mesmo assim, na água se sentiu realmente bem enquanto se banhava com ela ainda montando-o. Ela deslizou de suas costas e nadou com seu olhar sempre voltado para ele. Nadou para ele e colocou os braços ao redor do seu pescoço, surpresa ao encontrar pernas humanas que se enredavam com as dela.

— Mudar de forma antes de receber uma massagem não é bom para você, não é mesmo? — ela perguntou.

Ele encolheu os ombros.

— Uma vez não faz mal, sempre e quando nos ocuparmos de nossa pele e músculos como regra geral. É que não podia esperar até que retornássemos à nossa casa para fazer amor. Desejo você agora mesmo.



— Certamente você ganhou - sorriu, esfregando o nariz contra o dele — Que deseja? Darei qualquer coisa que me peça.

— Mmmm — ronronou contra seus lábios — Amo o som dessas palavras.

Ela o tomou pela mão, tirando-a de suas costas.

— Venha, deite-se na grama.

— Não estou de humor para tomar uma sesta - puxou-a para seu peito e gentilmente mordiscou sua orelha.

— Deite de costas porque quero lambe e chupar seu formoso membro até que exploda em minha boca.

Os olhos dele se fecharam e ele respirou fundo, um sorriso sonhador aflorou em seus lábios.

— Mulher, isso soa tão bom!

Ela se desfez do seu abraço e nadou para a margem, estendendo-se sobre o pasto quente pelo sol e dando palmadas no espaço ao lado dela.

Terra saiu do lago, com a água derramando-se por seu amplo peito e suas pernas duras como a rocha. Estirou-se ao lado dela, se inclinando sobre seus cotovelos, seus olhos escuros pela paixão enquanto a observava engatinhar entre suas pernas estendidas e curvar seus dedos ao redor de seu membro. Bombeou-o um par de vezes, embora já estivesse duro para ela e puxou o prepúcio para baixo. Segurando na base, lambeu os lábios e se agachou mais. Percorreu-o com a língua para cima e para baixo por toda sua longitude e deu voltas ao redor da sua cabeça sensível. O corpo de Terra se esticou pelo prazer e ela notou que estava fazendo um esforço para não arremeter com os quadris. Fechou os olhos e lambeu cada polegada de seu membro três vezes, logo soprou suavemente sobre a ponta.

Terra deitou-se sobre o pasto e agarrou a cabeça dela, sustentando-a com uma sutil pressão quando ela sabia que, por causa do prazer, ele devia estar desejando apertá-la até quebrar o seu pescoço. De vez em quando fracos gemidos de prazer escapavam de sua garganta. A respiração dele se fez cada vez mais irregular quando ela tomou a cabeça do pênis entre os lábios e a chupou num ritmo constante. Enquanto chupava, ele lhe fazia cócegas com a ponta dos dedos. Ela usava uma mão para apertar os testículos enquanto com a outra prosseguia sua deliciosa tortura.

— Deus, Inez — suspirou — Oh... inferno e condenação.

Sorriu ao redor de seu membro, logo começou a chupá-lo mais profundamente.

— Inez, pare agora ou vou explodir em sua boca!

Em resposta, ela deu uma palmada na parte de dentro da coxa dele, então alcançou suas costas e apertou suas nádegas enquanto continuava chupando. Ele já não pôde evitar que seus quadris arremettessem dentro de sua boca. A princípio ela se assustou um pouco, atemorizada com seu enorme membro muito profundamente dentro da boca. Então ela relaxou e o acomodou, lambendo e chupando alternadamente.

— Ah! Ah! Aaahh! — ele gemeu. Seus quadris se atiraram para frente e seu corpo ficou rígido, então ela pôde saborear sua essência antes que seu membro, que se sacudia com os espasmos, saísse rapidamente de sua boca. Ela o apertou, esfregando seu peito, querendo dar a ele tanto prazer como ele tinha dado a ela.

Logo ele ficou imóvel à exceção do peito que subia e descia a cada vez que ele tomava fôlego. A respiração voltou ao normal rapidamente, embora ele continuasse com os olhos fechados e com um sorriso nos lábios.

— Eu, uh, tenho a impressão que isso foi bom não é mesmo? — Inez sorriu com as suas próprias palavras enquanto o fitava.

Ele se pôs a rir, o som ecoando muito profundamente de seu peito. Abriu os olhos e a puxou para o seu peito dando-lhe um forte beijo.

— Agora quem é a galanteadora?

— Eu não! — Ele lhe fez cócegas e ela se contorceu entre risadas.



— Pare Terra! — disse ela entre risadas — Por favor, para!

Ele obedeceu, deitando-se sobre ela e tirando as mechas de cabelo que caíam em seu rosto. Inez olhou seus enormes olhos azuis e se deu conta que ele não era o estranho que ela tratava de convencer-se que era. Ela sim o conhecia e já estava acostumada a seu toque e a suas expressões. Sua união era como uma fantasia feita realidade. Como podia sequer ter considerado negar isto?

— Deveríamos retornar — disse ele — Deixamos nossa roupa no bosque.

— Sim, e fizemos esta noite a promessa de nos encontrar para a coleta da sexta-feira. Moor partiu para a sua viagem de hoje com seu novo coletor. Já que está chegando a Estação de Plantio, houve partidas de coletores saindo quase todos os dias. Haverá muito trabalho para nós.

— Fiz plano a respeito disso. O General Sota me disse que era bom que pensássemos em nos casar. De qualquer maneira precisava mandar um Mensageiro Guerreiro até a Estação de Plantio.

— As jornadas foram duras, mas não tenho dúvidas que está à altura disso.

— E você também. Estou desejando que trabalhemos juntos — a beijou antes de voltar para o lago. Nadou para a parte profunda e ela aguçou o olhar para tentar ver algum sinal da mudança de forma. Um simples tremor o percorreu e ele fechou os olhos brevemente. Quando emergiu, foi com sua metade equina.

Como não havia rochas nem cercas onde ela pudesse se apoiar para montar nele estendeu o braço.

— Alguma vez me deixará ver como troca de forma?

Ele a olhou por sobre o ombro e franziu o nariz.

— Você não gostaria. Não é algo muito atrativo de se ver.

— Não me importa — Ela deu de ombros — Nem sempre vamos ser atrativos. Espero que compartilhemos outras coisas, além disso.

— Isso é o que mais amo em você, Inez. Seu coração. E, sim, acredito que o que temos vai além do superficial.

— Além do mais, se você pode me aceitar com minha boca tão pouco atrativa, eu posso aceitar uma pequena mudança de forma.

— A que te refere quando diz que tem uma boca pouco atrativa?

— É grande e meus dentes se sobressaem espantosamente. Não me diga que não tinha se dado conta.

— Eu tinha reparado, mas minhas melhores partes adoram a sua boca, se é que entende o que quero dizer — arqueou as sobrancelhas repetidamente para ela e acariciou as suas costas com a cauda.

Inez se ruborizou. Não tinha pensado a respeito de quão bem sua grande boca e seus sobressaídos dentes acomodariam o enorme membro de um Semental.

— Depois de tudo, acredito que não é tão mau.

— Nunca ouvirá uma queixa de minha parte — ele disse antes de acelerar o passo e galopar dirigindo-se aos bosques.



Capítulo 4

Colhendo Rock Blood

Voltando para a primeira recordação de que se tem noção, os Sementais e os humanos compartilham uma relação única. As mulheres humanas se comprometem a ter filhos com os Sementais para manter a raça viva e os Sementais conduzem os humanos nas perigosas viagens para colher Rock Blood. As Rock Blood eram a única cura para uma praga que freqüentemente afetava as colônias humanas. Sem o tratamento da Rock Blood, a maior parte deles morria da enfermidade, mas com as Rock Blood, a praga era tão inofensiva como um resfriado. A incrível substância crescia debaixo da terra. Quando estava totalmente amadurecida, a frágil carne da Rock Blood formava uma casca dura que protegia o centro líquido, esse líquido, quando era ingerido pelos afetados pela praga, produzia uma cura quase instantânea.

Existiam duas espécies de Rock Blood. Cada uma delas parecia capaz de crescer só sob as mais estritas condições climáticas. Por isso, só havia dois lugares no mundo que produziam Rock Blood: um pequeno grupo de ilhas tropicais e um grupo maior de ilhas árticas conhecidas como as Spikelands. Ambos os grupos de ilhas eram lar de ferozes animais que atacavam constantemente cada vez que uma Partida de coletores ia procurar as Rock Blood. Embora se preservar das feras tivesse sido difícil sem a ajuda dos Sementais, cuja habilidade para a luta era quase tão boa como sua habilidade para voar, os humanos poderiam ter perseverado e lutado por si mesmos. Eram os oceanos que faziam com que os humanos estivessem em dívida com os Sementais, os oceanos cheios de plantas carnívoras que colhiam os navios e os nadadores, arrastando-os para as profundidades para serem devorados. Até os tubarões se mantinham afastados de certos oceanos, sabendo que as plantas os rasgariam até fazê-los migalhas.

Sementais transportavam os coletores humanos e sua carga através de milhas de oceano, através do amargo frio e do intenso calor. Brigavam e trabalhavam mão a mão com os coletores, assegurando-se de que os humanos obtivessem suas reservas do Rock Blood.

Hornview estava mais perto das Spikelands que dos trópicos. E já que as Rock Blood de clima frio pareciam ter maior êxito na cura da praga, as Rock Blood das Spikelands eram as mais cobiçadas. De qualquer forma a colheita só podia ser feita em certos meses do ano. Embora fosse gelada ainda no verão, a estação invernal era intolerável tanto para os humanos como para os Sementais. Os Spikes chegavam no inverno, eram nuvens maciças de ar gelado que congelavam toda criatura vivente nas ilhas, à exceção dos Lagartos de Gelo. As Spikes chegavam em grandes quebras de onda visíveis do céu. Tinham acabado com as vidas de muitos Sementais e coletores nos primeiros anos, antes que se decidisse que não se permitiria levar adiante nenhuma colheita nas Spikelands durante o inverno.

O inverno se aproximava rapidamente, então Inez e os outros coletores e Portadores trabalhavam rapidamente, fazendo a maior quantidade de viagens possíveis para abastecer-se para os meses durante os quais as únicas Rock Blood disponíveis seriam as mais escassas e débeis colhidas dos trópicos. As viagens dos coletores eram diariamente, com os Sementais e os coletores se revezando. As jornadas eram longas e exaustivas, o suficientemente ruins tanto para os coletores que se acomodavam sobre as costas de seus Portadores, como extremamente penosos para os Sementais. Eles voavam centenas de milhas em ambas as direções sem qualquer momento de descanso em todo o caminho. Na viagem de volta, seus alforjes estavam cheios com o Rock Blood, que não era uma substância leve. Uma queda em uma trilha muito próxima do oceano significava uma morte certa, já que as plantas carnívoras devorariam tanto ao Semental como ao cavaleiro. Só os Sementais mais fortes com o melhor treinamento se convertiam em Portadores, lá fora em empresas privadas ou como parte da Força de Guerreiros Sementais Portadores.

O Semental normal não fazia mais que duas viagens por semana. Os mais poderosos faziam de três a cinco viagens por semana, embora a maioria preferisse ter um muito necessitado dia de



descanso, entretanto. Inez e Moor freqüentemente tinham feito essas viagens extras, e embora Moor fosse extremamente poderoso, havia vezes em que as viagens tinham conseqüências. Recentemente, seu antigo Portador tinha revelado que a reputação de Terra era bem conhecida entre os Sementais. Como Guerreiro Portador excelente, às vezes fazia várias viagens em um dia.

Inez pensava na história de Moor enquanto se aproximava do estábulo logo depois do amanhecer da sexta-feira. Esta seria sua primeira viagem de trabalho com Terra e se sentia curiosa de comprovar se, como assegurava sua reputação, sua resistência verdadeiramente estava à altura de sua tremenda velocidade.

Entrou no estábulo ajustando a grossa túnica de lã e a capa. Seu olhar se fixou em Terra, que estava parado perto de um tronco de madeira. Tinha mudado para a sua forma animal, desta vez completamente. Para se protegerem do gelado clima das Spikelands, os Sementais produziam à vontade uma cobertura total de pelo sobre sua parte humana, cabeça, pescoço e tronco, fundindo-se com sua parte eqüina. Inez tinha visto vários Sementais completamente cobertos, mas novamente a beleza primária de Terra a golpeou. Suas feições eram exatamente as mesmas de sempre, com um magnífico tronco, mas um pelo negro, curto, denso e brilhante cobria cada parte de sua pele. Uma mancha branca, que para Inez lembrava o rastro de um relâmpago, corria desde sua testa até a ponta de seu grande e bem formado nariz. Ele sorriu, com os olhos azuis brilhando e os dentes brancos resplandecendo em contraste com o rosto obscurecido pelo pêlo.

— Quase pronto? — perguntou ela.

— Sim — ele tomou uma pegajosa folha de Planta Darrion e a colocou em seu nariz. Muitos Sementais usavam as folhas para assegurar que suas passagens nasais se mantivessem limpos durante vôos longos ou rápidos. Realizar trabalhos pesados tendo dificuldades para respirar não só podia provocar que o Semental desmaiasse e caísse para a morte junto com seu cavaleiro, como também podia causar severos danos pulmonares.

Inez tinha visto vários bons Sementais arruinados devido ao excesso de trabalho, talvez fosse porque eles e seus coletores eram ambiciosos e sobrecarregavam os alforjes com a esperança de obter maiores lucros ao vender mais Rock Blood, ou por causa de vôos prolongados. Quando um Semental aterrorizava sangrando pelo nariz ou pior, tossindo sangue, era afastado de seu trabalho por várias semanas. Alguns ficavam com danos permanentes e não podiam fazer grandes e rápidas viagens de novo. Tal destino era terrível para um Semental, especialmente para um jovem. Para criaturas que nasceram para correr e voar, uma vida tranqüila era a mais pura tortura.

Terra já tinha colocado os arreios e uma bainha ao redor da cintura, o punho da espada era apenas visível sobre ela. Como Guerreiro Portador, guiaria a partida e cuidaria da defesa com os Sementais atribuídos como protetores enquanto que os outros Sementais ajudavam os coletores na colheita da Rock Blood. Esticou-se para alcançar um baú próximo a seus cascos dianteiros e tirou uma manta negra.

— Eu faço isso — Inez se aproximou, tomando a manta e colocando sobre as costas dele. Então ele tomou seus arreios de trabalho com os sacos adicionais para levar carga e o pôs sobre a manta. Inez apertou a cilha e checkou um dos sacos para ver se continha uma capa e uma manta adicional para Terra para quando aterrissassem nas geladas Spikelands.

— Só tenho que encher isto, logo estarei preparado — disse ele, tomando o cantil de água que estava pendurado na frente de seu arreio. Mesmo não podendo beber muito durante a longa viagem, precisava se proteger da desidratação. Ele se pôs a rir — Quando era menino, meu pai me dizia “Nunca beba muito imediatamente depois de fazer exercício”. Um dia depois de correr muito com meus amigos, passamos por um lago no país do norte e disse que meu pai não tinha idéia do que estava falando. Além do mais, ele era um ancião. Bebi como se nunca tivesse visto água em minha vida e isso me deu umas câibras tão fortes que menos de uma hora depois meus amigos estavam me carregando para casa. Fiquei como um idiota.

Inez sorriu.



– Vejo que aprendeu da forma mais difícil que mais velho significa mais sábio.

Ele grunhiu como resposta enquanto a seguia do estábulo para o poço. Inez notou que Casper estava parado perto do poço, com a espada no quadril, com a túnica e o rosto sujos por causa do treinamento.

Quando Terra começou a encher seu cantil, Casper cheirou o ar, fazendo uma careta.

– Parece que cheiro um cavalo.

– E eu cheiro um porco – grunhiu Terra, andando até Casper.

O guerreiro loiro tratou de se equilibrar, o que era bastante difícil com um Semental empurrando-o através da praça.

– Está incomodando um Capitão do Guarda do Chefe? – demandou Casper, tirando a espada. Terra nem sequer tratou de alcançar a sua.

– Guarda essa espada. Não tenho tempo para estupidez – Terra deu um último passo para frente. Casper recuou, tropeçou e caiu de costas em um bebedouro para verdadeiros cavalos.

Vários aldeões que tinham sido testemunhas do confronto riram. Casper grunhiu e agarrou a espada, correndo para Terra que levantou uma forquilha próxima e bloqueou várias investidas antes de tirar a espada da mão dele.

– Eu disse que não queria brigar contigo, moço – zombou Terra – Se temos que viver no mesmo povoado e não podemos ser corteses, ao menos tratemos de ignorar um ao outro.

– Corteses? Como uma besta poderia ser cortês?

– Por que não começa a agir como um guarda em vez de se comportar vergonhosamente? – gritou Inez para Casper enquanto entregava o cantil de Terra, o qual tinha terminado de encher por ele – Alguns de nós temos que trabalhar. Vamos, meu amor – Inez agarrou Terra pelo braço.

Casper, ainda agitado, guardou a espada.

Inez parou sobre uma pequena parede de rocha e montou sobre Terra, cujo volátil olhar azul permanecia fixo em Casper.

– Ele vai ser um problema – disse Terra enquanto caminhavam para a Pista de Decolagem.

– Sempre foi.

Inez colocou uma mão nas asas e acariciou com a outra o lustroso cabelo negro de seus musculosos ombros, maravilhando com as diferenças entre sua cobertura total de cabelo e sua pele de humano. Para sua surpresa, achava que uma era tão sexy quanto a outra.

Sorriu-lhe por cima do ombro.

– Se não estiver muito cansada quando retornarmos estou ansioso por uma massagem.

– Não estarei muito cansada. Depois de tudo, é você o que vai fazer a maior parte do trabalho. Para passar o tempo durante o vôo, contarei sobre o tipo de massagem que vou te dar.

– Deuses, mulher faça isso e me distrairá tanto que estaremos propensos a nos estatelarmos no mar.

– Quer assumir o risco? – brincou.

– Vou estar ciente de cada uma de suas palavras.

Inez sorriu, enquanto se aproximavam da Pista de Decolagem, ajustou o casaco e o cachecol sobre o rosto. Terra começou a trotar e logo rompeu em um rápido galope sobre o caminho de terra batida, ela se apertou fortemente com os joelhos e segurou as asas com ambas as mãos. Quase antes que se desse conta, estavam decolando.

Terra batia as asas duas vezes e logo deixava que o vento os impulsionasse para a maior distância possível. As colheitas não eram carreiras prazerosas, a não ser provas de sobrevivência. Só um Semental louco esbanjava mais energia que o necessário quando enfrentava uma viagem tão longa em um clima que podia mudar num minuto. Já era suficientemente ruim quando as circunstâncias o forçavam a usar o poder das pernas e das asas durante a maior parte da viagem. Logo estava a colheita, que invariavelmente incluía batalhas com Lagartos de Gelo, serpentes encrestadas, ou qualquer outra monstruosidade que habitasse a ilha na qual aterrissassem.



Embora fosse um Portador experiente, Terra tinha que admitir que a sensação que lhe provocava ter Inez escarranchada sobre ele não se assemelhava a nada que houvesse sentido antes. Tinha trabalhado com cavaleiros que o agradavam, mas nunca com um que amasse. Queria protegê-la, mantê-la quente, segura e cômoda. Imaginava fazer amor com ela depois, ou beijar essa adorável boca que tão injustamente ela chamava de pouco atrativa. Quando olhava para Inez, não via outra coisa que beleza, tanto de corpo como de alma.

Sentiu o bater de asas em sua esquerda e olhou os outros Sementais com seus cavaleiros voando ao redor deles, todos da Tropa de Coleta. Uma vez que o jovem Semental castanho da esquerda tomou a sua frente voando, ele e Inez estiveram a uma distância providencial para que ela pudesse soltar as asas e lhe acariciar as costas e o peito. Tal contato fez com que seu estômago se apertasse de prazer.

— Está ficando mais frio — Ela comentou.

— Ainda não posso sentir o frio.

Sentiria quando parassem. Depois da batalha, a aterrissagem era o que menos gostava das coletas. O frio das Spikelands em sua pelagem molhada de suor era sempre uma irritante comoção para seu sistema. Enquanto estava voando, um Semental não notava muito o frio, mas uma vez que as asas paravam de se agitar e as pernas deixavam de galopar, levava um momento para parar de tremer como uma maldita haste de bandeira em uma tormenta de vento. As Spikelands não eram adequadas para humanos nem para Sementais e não só por causa das poucas bestas ruins que habitavam nelas.

Durante toda a viagem, Inez e ele falaram de planos futuros. Ela contou da casa de banho que planejava construir. Ele gostou tanto da idéia que lhe propôs não esperar que ela construísse com suas economias. Ele tinha dinheiro mais que suficiente para começar a construí-la imediatamente. Também lhe prometeu que assim que retornassem, iriam ao mercado do povoado vizinho onde comprariam qualquer peça de joalheria que ela gostasse como presente de casamento.

— O que você gostaria como presente de casamento? — perguntou ela através do vento.

— Já tenho.

— Isso é doce, mas quero te dar algo!

— Surpreenda-me!

— Bem! Eu o farei.

Ele sorriu, perguntando-se como ela se sairia. Inez era o tipo de mulher que sempre estava cheia de surpresas.

No entanto a viagem continuava, o vento se fez mais frio e rigoroso, fazendo-se necessário empregar mais força de pernas e asas. Terra falava menos e se concentrava mais em respirar. Inez continuou falando e ele se deliciava escutando. Mantinha sua mente longe do cansaço e do aborrecimento que trazia o vôo e amava o som da voz dela. Nesse momento, decidiu que não importava onde fosse ou o que fizesse, sempre iria querê-la sobre suas costas. É obvio que haverá momentos em que terá que carregar outros, mas sempre sentirá saudades.

A maior ilha das Spikelands brilhou na distância, mas Terra e sua tropa a sobrevoaram. Outras tropas já tinham sujado a superfície, recolhido Rock Blood e brigado contra Lagartos de Gelo. Em alguns lugares, a terra branca estava pintada de vermelho por causa do sangue das bestas e possivelmente também de humanos e Sementais.

O destino deles era uma ilha menor, mais para o norte. Momentos depois voaram sobre ela. Encontraram uma área que parecia livre de Lagartos de Gelo e aterrissaram em uma planície gelada. Velhos acampamentos estavam cobertos de gelo, embora nenhuma tropa passava a noite ali. Terra e Inez aterrissaram primeiro e ele trotou pela área da planície para se certificar de que estava livre antes de que os outros aterrissassem. Inez fez sinais que era seguro e depois desmontou.

O frio já havia se apoderado dos ossos de Terra. Doía-lhe a garganta e o peito enquanto resfolegava depois do longo vôo. O suor parecia congelar-se em sua brilhante pelagem negra, então



se esticou para alcançar a capa e a manta de reserva que estavam em seus alforjes. Inez já as tinha tirado, lhe dando a capa e agasalhando-o com a manta sobre as costas.

— Obrigado — ele deu uma piscada ao mesmo tempo em que tirava a espada da bainha que estava na cintura. — Tente fazer a colheita mais rápido. Pode ser que saíamos daqui sem ter que lutar.

Inez sorriu antes de se reunir com os outros coletores e dois Sementais que usavam picaretas para cavar debaixo do gelo e da neve procurando Rock Blood.

Terra e outros cinco Sementais formaram um círculo ao redor dos cavadores com os rostos voltados para fora. Mantiveram-se alertas e em guarda caminhando constantemente para ajudar a esfriar seus corpos superaquecidos e ao mesmo tempo evitar congelar-se no clima gelado.

O primeiro Lagarto de Gelo atacou do sul. Sua enorme cabeça cinza se sobressaindo por sobre a planície. Despiu as garras e proferiu um chiado o suficientemente forte para estourar os tímpanos. Movendo-se para a planície, atacou, arremetendo contra os Sementais. Terra e outro Semental enfrentaram o desafio, bloqueando os golpes das garras com as espadas, batendo com os cascos traseiros e mandando-o de volta à margem. Um segundo e um terceiro Lagarto de Gelo subiram à planície, o que não era surpreendente considerando que estavam acostumados a viajar em manadas.

Os lagartos pareciam particularmente desesperados por sangue, provavelmente porque sentiam que as Spikes estariam logo sobre as ilhas e matariam as criaturas menores, as que tinham a pele mais fina das que moravam ali. Isto significaria que os lagartos precisariam viver de comida armazenada em seus enormes corpos até que passasse o inverno e nascessem novas ninhadas de criaturas pequenas durante o degelo.

— Aí atrás, quanto falta? — vociferou Terra, enquanto juntamente com outro Semental se defendia de uma segunda onda de lagartos. Tinha esperado poder ter um breve período de descanso antes de começar a viagem de volta, mas não o obteria nesta planície. Talvez pudessem encontrar outra extensão isolada e descansar uns momentos antes que os lagartos voltassem a encontrá-los.

— Estamos quase terminando! — disse Inez — Podem detê-los o tempo suficiente para que carreguemos?

— É o que melhor fazemos! — gritou Terra, dando a volta e golpeando o lagarto com o que estava brigando com as patas traseiras. A criatura gritou caindo à margem da planície.

Momentos depois tinham esvaziado a área de lagartos. Rapidamente as pedras foram carregadas nos alforjes dos Sementais junto com as mantas e capas de reserva, e ficaram livres para poder voar sem impedimentos. A tropa concordou em esperar um tempo para que os Sementais pudessem descansar antes da viagem de volta. Quando o próximo lagarto mostrou sua cara feia sobre a margem, os Sementais concordaram que voar seria melhor que brigar.

Inez aceitou o braço que Terra lhe ofereceu para montar. Trotaram pela área, encontrando um lugar onde os lagartos não tinham estado e alertaram os Sementais para que tomassem vôo. Todos, exceto Terra, começaram a galopar e planaram do lado espaçoso da planície.

— Você está pronta, amor? — Terra a olhou, sentindo-se animado pelo amor que viu em seus olhos.

— Estou pronta.

Olhando para cima, Terra esperou o sinal de um dos Sementais que já estava voando. O jovem castanho fez sinais para que ele saltasse da margem oeste. Terra galopou e planou direito, para não derrubar Inez quando decolassem, suas asas batendo no ar gelado.

* * * * *

Inez estava com a bochecha contra o peito de Terra, olhando as chamas dançarem na lareira que se encontrava do outro lado do quarto, na cabana.



Tinham retornado da viagem ao meio dia. Depois de descarregar os alforjes, tinham ajudado os outros a levar a carga para o depósito onde Susana, que era a curadora principal do povoado, poderia inspecioná-la para comprovar a qualidade. Inez tinha caminhado com Terra enquanto ele esfriava e tinham discutido a possibilidade de ampliar a cabana para quando tivessem filhos.

– Quer dizer *se* tivermos filhos – disse Inez, com sua mão no rosto.

– Teremos.

– Sempre está tão crédulo a respeito de tudo.

– Se quiser algo, deve acreditar nisso – Ele a olhou – Quer ter filhos, certo?

– Antes de conhecer você, eu não queria.

A expressão nos olhos dele esquentou o estômago de Inez. Depois de ter lhe dado uma massagem e passado a escova como tinha prometido, esperou fora do estábulo enquanto ele mudava de forma. Ele se juntou a ela com a sua forma humana e, logo depois de compartilharem a comida na mesa do Chefe, foram para casa, chegando à cabana ao anoitecer.

Ambos tinham decidido dormir cedo... o que não aconteceu já que começaram a fazer amor. Logo depois de moldar o corpo para adotar cada posição imaginável e lhe dar mais orgasmos dos que podia contar, Terra finalmente dormiu.

Inez estava prazerosamente exausta, mas não queria dormir ainda. Desfrutava da sensação do corpo quente dele contra o seu e a sensação do peito subindo e descendo debaixo da sua bochecha.

Nunca em sua vida Inez se imaginou poder ser tão feliz.

Desenhando lentas formas sobre o peito e o abdome dele, Inez levantou a cabeça para olhá-lo e encontrou os formosos olhos azuis devolvendo-lhe o olhar.

– Dormi – disse ele – sinto muito.

– Tudo bem. Sei que estava um pouquinho cansado.

– A viagem não foi nada. Estive tão obcecado com você que não pude dormir bem.

Ela sorriu, sentindo que se esquentava por dentro.

– Sério?

– Amo você, Inez.

Foi maravilhoso ouvir essas palavras e sabia que ele queria que ela as devolvesse. Por que não era capaz de dizê-las? Eram duas pequenas palavrinhas e eram certas. Ela realmente o amava. O que a refreava de confessá-lo em voz alta quando sabia que certamente percebia o que ela sentia?

Pondo-a de costas, Terra enterrou os lábios em seu pescoço. Beijou-a da garganta até o ventre, afundando a ponta da língua dentro do umbigo antes de descer. Abriu as pernas dela e se ajoelhou entre elas, levantou suas nádegas com as mãos e cobriu o clitóris com a boca. Enquanto apalpava o traseiro dela, lambia-lhe o clitóris e acariciava mais embaixo, deslizando a língua dentro de sua vagina, lambendo profundamente.

Inez gemeu e enroscou os dedos em seus grossos cachos negros.

– Ah, Terra, não pare! – Ela murmurou, os olhos fechados com força enquanto crescia a paixão.

A língua dele acariciou pele úmida, pressionando contra o palpitante clitóris e contra os lábios de sua vagina. Usando a ponta da língua, brincou com o períneo e pressionou a ponta do dedo contra seu tenso esfíncter.

Ela estava chegando ao clímax quando ele se retirou. Quis alcançá-lo, mas ele esquivou suas mãos ansiosas. Sorrindo por sobre o ombro, foi para a mesa, oferecendo a ela uma visão perfeita do seu suave e firme traseiro e das pernas de aço. Ela franziu o cenho, levantou sobre os cotovelos e o olhou enquanto escolhia uma grande maçã vermelha da fruteira que estava sobre a mesa. Agarrando uma faca, começou a cortar a fruta em rodela muito finas.

– Sei que os Sementais adoram as maçãs, mas não podia esperar até depois de que nós.... Você sabe?

– Acho que você desfrutará deste jogo, Inez. Confie em mim.



Aproximou-se da cama, com as rodela de maçã na mão e um sorriso luxurioso nos lábios.

— Recline-se — disse.

Inez fez o que ele pedia, respirando fundo enquanto ele começava a depositar frias rodela sobre sua pele quente. Ele pôs maçãs sobre os mamilos e entre os seios. Passou a ponta do dedo sobre cada uma das costelas e riscou um círculo ao redor de seu umbigo antes de lhe cobrir o ventre com rodela de maçã.

— Terra! — ela disse entre risadas, tentando não se contorcer enquanto ele colocava o resto das rodela ao longo da depressão onde as coxas se uniam à virilha.

Os olhos de Inez piscaram até se fecharem quando os suaves lábios viajaram para baixo de suas coxas. A língua dele desenhou a forma de cada um de seus joelhos antes de lhe beijar uma das pernas da panturrilha até o tornozelo. Tomando o pé entre as mãos, pressionou os fortes polegares no arco, massageando suavemente enquanto beijava a parte de cima. Foi para o outro pé, beijando, lambendo e esfregando até que ela suspirou de prazer.

Se não fosse pela fruta que lhe cobria o corpo, poderia ter relaxado o suficiente para dormir, mas sabia o que estava por vir. O coração batia forte de antecipação que foi satisfeita. Terra apareceu sobre ela, com uma mão obstinada a cada lado de seus quadris. As rodela de maçã descansando ali. Levou tempo escolhendo cada rodela, mastigando lentamente e tragando antes de agarrar a seguinte.

— Tinha razão — ronronou Inez, introduzindo os dedos no cabelo dele — Eu gosto deste jogo.

— Nunca tinha provado uma maçã tão deliciosa — disse Terra — Deve ser porque um prato tão bem proporcionado lhe adiciona doçura.

Ela abriu a boca, proferindo uma risada atordoada quando ele a beliscou no flanco antes de comer as rodela de maçã que estavam sobre seu ventre. Ele percorreu lentamente com a língua o espaço entre os seios enquanto ia pegando as rodela da fruta.

Inez abriu parcialmente os olhos. Só ficaram duas rodela de maçã e eram as que cobriam seus mamilos. O coração começou a pulsar descontrolado. Terra levantou a cabeça, os lábios curvados para cima, os olhos brilhando com humor e desejo.

— Agora sei por que os Sementais adoram as maçãs - disse ela entre suspiros.

Um som luxurioso retumbou profundamente no peito dele quando se inclinou, com a boca cobrindo um dos mamilos, sugando o mamilo e todo o seio que podia. A língua acariciou o mamilo, lambendo a maçã e levando-a para sua boca. Levantando a cabeça um pouco, rapidamente a mastigou e a tragou antes de fazer o mesmo com o outro mamilo. Após devorar a fruta, pôs toda a atenção na pele dela. Tomando um mamilo com os dentes, lambeu e sugou a pequena protuberância endurecida. Inez se contorceu, sua vagina tão quente e molhada que pensou que poderia acabar só com a sensação que lhe provocavam os lábios e língua sobre o seio. Gemeu indefesa quando ele se concentrou no outro mamilo. Seu coração pulsava em seus ouvidos. Apertou os olhos enquanto os pés se moviam inquietos contra os lençóis. Estava a ponto de explodir. Não podia agüentar nem um segundo mais dessa prazerosa tortura, mas queria que ele estivesse dentro dela quando acabasse.

— Terra, por favor! — ofegou, agarrando-o pelos ombros duros como pedras, tentando forçá-lo a entrar nela.

Ele riu devagar, um som tão absolutamente masculino que se sentiu rasgada entre a frustração e o cego desejo.

Abrindo ainda mais as coxas dela, colocou-se entre elas. Dois de seus longos dedos se afundaram dentro dela. Escorregadios por causa de seus sucos, os dedos acariciaram os cantos de seu clitóris.

— Oh, Terra... não posso.... Vou ao Ahh! — gritou, agarrando-se fortemente a ele quando seu membro se deslizou dentro dela. Tudo o que ela precisou foi essa única e profunda estocada para alcançar o orgasmo.

Inez afundou os dedos em suas costas e cravou os calcanhares nas pernas dele enquanto onda após onda de prazer a inundava.



A respiração dele se fez cada vez mais irregular sobre seu ouvido enquanto se afundava freneticamente nela, estendendo seu orgasmo e empurrando-a para outro. Nunca diminuiu o ritmo e seu próximo orgasmo lhe enviou calafrios da raiz do cabelo até a ponta dos pés. Com um gemido animal, derramou-se nela, esticando cada músculo resistente do corpo, enchendo-a com sua essência enquanto ofegava seu nome.

— *Amo você Terra* — pensou — *Amo tanto, tanto.*

* * * * *

Na semana seguinte, Inez e Terra participaram de mais três colheitas. Trabalhavam tão bem juntos que Inez desejava essas viagens. Sempre tinha pensado que a colheita era um trabalho importante, mas nunca imaginou que o desfrutaria tanto, apesar do perigo. Se havia um Semental nascido para viajar, era Terra. Quanto mais desafiado era seu corpo mais parecia gostar. Ainda o encontrava arrogante e crédulo, mas tinha suas razões para sê-lo. Depois de tudo, os Sementais se permitiam muita coisa e muitos deles não tinham nem de longe tanto do que alardear como Terra. Deixando de lado sua vaidade, era um bom homem. Era o primeiro em ajudar aos humanos ou Sementais se necessitavam auxílio e cuidava zelosamente das coletas que liderava, pondo a segurança de Inez e seus subordinados muito por cima da dele mesmo. Terra era duro e restrito em sua liderança, mas era justo. Muitos dos outros Sementais e coletores pareciam apreciá-lo, embora se queixassem de sua forma exigente de guiar a coleta, a qual não admitia tolíces. Logo depois de um pouco de cautela por ambas as partes, ele e Moor tinham chegado a simpatizar muito um com o outro. Sendo os maiores e mais experientes dos Portadores do povoado, ambos tomavam suas responsabilidades seriamente e ambos gostavam de Inez. Ela estava contente de que o Semental que considerava como se fosse um pai e o Semental que tinha tomado por marido se davam tão bem.

No fim de semana, o Chefe recebeu uma mensagem urgente de que a praga se alastrou em vários povos do leste. Estava sob controle e não tinham acontecido mortes, mas a provisão de Rock Blood tinha minguado consideravelmente. Outros povos tinham mandado reforços, mas também estavam em perigo de esgotar suas reservas.

Os povos com tropas coletoras estavam determinados a colher a maior quantidade do Rock Blood possível antes que as Spikes cobrissem as ilhas do norte. Para Hornview, isso significava mais viagem para mais Sementais e coletores. Uns poucos, como Terra e Moor viajavam diariamente, enquanto que outros faziam até quatro viagens por semana.

Muitas das ilhas das Spikelands mais próximas tinham sido completamente esgotadas e não encontrariam mais Rock Blood nelas até o próximo ano. Os Portadores mais fortes foram forçados a viajar mais ao norte em viagens mais longas, efetuando jornadas mais duras, para deixar as ilhas mais próximas para aqueles menos experientes.

Ao cair da tarde de um desses dias Inez e Terra logo retornavam de sua segunda viagem no mesmo dia. Como alguns Sementais tinham sido feridos nos primeiros dias dessa semana, Terra e Moor se ofereceram como voluntários para ocupar seus lugares em várias colheitas.

Inez desmontou das costas de Terra e esticou as pernas dormentes. Terra encolheu os ombros para relaxar os tensos músculos.

— Baixe a cabeça — ordenou Inez. Ele obedeceu e tirou a folha de Darrion do nariz. Passou a ponta dos dedos pelo peito úmido. A mão dele coberta de um lustroso pêlo negro assim como o resto de seu corpo fechou-se sobre a dela.

O clima se tornou cada vez pior e a última viagem tinha sido particularmente difícil, mas agora estavam em casa. Logo estariam confortavelmente estendidos na cama com o fogo dançando sobre suas peles nuas.

— Ao menos amanhã temos que fazer uma só viagem — disse Inez enquanto ajudava Terra a descarregar os alforjes e encher um saco com o Rock Blood.



— Logo teremos um dia livre — pestanejou — me pergunto o que podemos fazer.

— Tenho algumas idéias.

— Aposto que tem — ele sorriu, meneando as orelhas enquanto pegava o saco e se encaminhava para o depósito.

Inez tirou as luvas e o casaco vendo que outro coletor, Day, se aproximava parecendo preocupado.

— Inez, meu Portador torceu a perna quando aterrissávamos. Tivemos um acidente em nossa Coleta e perdemos fornecimentos, temos que retornar para recolher mais e aconteceu isso. O resto da tropa está nos esperando. Não é muito longe, uma das ilhas mais próximas, posso montar em seu Portador?

Inez franziu o cenho.

— Não sei Day. Terá que perguntar a ele. Acabamos de retornar de duas duras viagens hoje.

Day estreitou os olhos.

— Demônios. Talvez não esteja em condições. Pediria a Moor, mas ele partiu para uma Coleta tardia e não estará de retorno até depois da meia-noite.

Terra saiu do depósito, parecendo acalorado. Inez sabia que deveria estar cansado, embora, notou com orgulho, que não parecia esgotado, considerando que tinha feito duas viagens que podiam ter derrubado um Semental menos experiente.

— Terra — Day se aproximou — Estaria disposto a realizar outra viagem? Uma curta, até uma das ilhas próximas?

Inez se aproximou de Terra enquanto Day lhe explicava a situação. Terra a olhou.

— Você se importaria se eu voltar tarde esta noite?

— Não se estiver seguro de que é capaz de fazê-lo.

— Sem problema — declarou, dirigindo-se para o estábulo — Só quero trocar a manta e o arreio. Estes estão molhados.

— Muito obrigado Terra! Devo-te uma por isso — disse Day

— Sim, e cobrarei isso — Terra lhe dirigiu uma careta zombadora enquanto caminhava para o estábulo.

Inez o seguiu, desabotoando a cilha para que pudesse tirar os arreios. Tirou a manta molhada enquanto ele afrouxava o arreio.

— Direi a Day que eu te montarei no retorno da sua tropa — disse ela, tirando um frasco de azeite do baú de Terra e o esquentou entre as palmas das mãos antes de esfregar nos ombros e nas pernas dele.

— Não. Isso é uma loucura. Ele sabe exatamente onde está sua tropa e você deve estar cansada.

— E você não está? Três viagens em um dia? Não é isso demais, inclusive para você, Terra?

— Fiz coisas piores e esta é uma viagem curta — ele acariciou o cabelo dela — Não iria se pensasse que não poderia voltar a salvo.

Inez não pôde discutir isso. Ela o tinha visto realizar algumas acrobacias arriscadas sem ninguém sobre suas costas, mas quando envolvia um coletor, Terra respeitava todas as regras.

— Mantenha a cama quente — ele a atraiu para si para lhe dar um apertado abraço antes de deixar cair os arreios na manta recém posta sobre suas costas. Apertou a cilha e saiu do estábulo com ele.

Day estava esperando, montado sobre uma cerca, já que não era mais alto do que Inez. Ambos os homens a saudaram quando se dirigiam à Pista de Decolagem. Inez correu atrás deles, olhando-os se afastar e desejando que Terra estivesse com ela. Era tão egoísta quando se tratava dele.

Suspirando, caminhou para os banheiros. Ela iria para casa, limparia a cabana, cozinaria o jantar e retornaria ao povoado mais tarde. Queria estar ali quando aterrissassem e, depois de tudo, ficar numa casa vazia tinha perdido seu encanto para ela.



* * * * *

— Foi uma grande colheita a que trouxe na última viagem — disse Susana a Inez. Era tarde e as duas mulheres falavam baixo sentadas a sós na mesa do Chefe. A maioria dos aldeões e criados se retirara para descansar, mas Inez estava sentada com Susana, acompanhando-a enquanto misturava ervas para fazer remédios, a bruxuleante luz do lar acesa do outro lado da sala.

— Não foi fácil conseguir, acredite.

— Dou o crédito que merecem os coletores e Portadores, Inez. É um grupo forte. E falando de forte. Que tal a vida de casada?

— Sensacional.

— Não fique tão abatida ao admiti-lo.

— Mas eu sempre disse...

— Nunca esteve casada. Eu sei. Eu sei. Você ama ao homem. Ele te ama. Isso é o que importa. Certamente não tentou prender você em casa ainda.

— É um homem maravilhoso.

Susana sorriu.

— Assim está melhor.

— Susana eu tenho tanto medo de... - Inez se deteve, as palavras presas na garganta.

Susana fixou o olhar em Inez, apagando a expressão brincalhona.

— Do que, Inez? Nunca tinha escutado você usar a palavra “medo” em sua vida.

— É tolo.

— Conte.

— Tenho medo de perdê-lo.

— Inez — Susana se esticou por cima da mesa e apertou a mão da sua amiga. — Ele a ama. Não o perderá.

— Refiro-me ao risco que ele corre em seu trabalho.

— Todos vocês correm risco.

— Quero dizer... — Inez suspirou, exasperada e confundida. Nunca havia sentido tantas emoções estranhas desde que seu caminho se cruzou com o de Terra. — Quero dizer que o amo tanto que quase dói.

Os lábios de Susana tremeram para cima esboçando um sorriso.

— Está bem Inez. Sempre acreditei que essa é a forma em que devem amar um homem e uma mulher, só que não deve deixar que seja doloroso. É uma coisa maravilhosa o que compartilha com Terra. E tem sorte. É um bom homem.

— Sim, ele é.

— Inez, sei que perdeu a sua família antes do tempo — disse Susana. — Também sei como dói perder alguém muito querido. A vida de todo mundo termina alguma vez, inclusive a dos que mudam de forma. Desfrute do que você tem com Terra. Ame-o e sinta como ele corresponde a seu amor. Dê-lhe filho se puder. Será uma vida plena ainda que, que o céu não permita, seja por um curto tempo. Confia em mim. Valerá a pena.

Inez forçou um sorriso. É obvio, Susana tinha razão. Mesmo que ela perdesse Terra amanhã, não teria trocado um só momento passado com ele.

— Agora — Susana pôs uma expressão alegre e levantou a taça à altura do cotovelo. — Para uma longa, longa e feliz vida para vocês dois... e para mim. Espero encontrar um bom Semental... ou inclusive um humano... para compartilhar minha vida, também.

— Que assim seja, que assim seja! — Inez levantou sua taça e a tocou contra a de sua amiga. Ambas beberam e logo Inez ficou de pé. — Vou até a Pista de Decolagem para ver se já retornaram.

— Boa noite, Inez.



- Boa noite, Susana e obrigada - Inez fez uma pausa antes de sair e olhou por sobre o ombro.
- Espero que também encontre o seu par.

Susana assentiu, com um tênue sorriso nos lábios.

Uma vez lá fora, Inez olhou com desilusão a vazia Pista de Decolagem. À exceção das tochas acesas perto da Pista de Decolagem e do estábulo, o povoado estava às escuras. Todo mundo devia ter ido se deitar.

De repente Inez sentiu o bater de asas sobre a sua cabeça. Esticou o pescoço para o céu e seu estômago se encolheu de emoção. Terra e Day tinham retornado.

Terra flutuou para fazer uma aterrissagem perfeita e trotou para perto onde Inez esperava. Ele resfolegava e corria espuma por sua pele. O branco dos olhos brilhava avermelhado pelo vento. Day também estava acalorado e queimado pelo vento.

– Vôo ruim? – Inez começou a ajudá-los a descarregar os alforjes, notando como seus flancos estavam inchados. Parecia que demoraria um tempo antes que ele estivesse preparado para mudar de forma. – Deve ter sido.

Outros Sementais e coletores começaram a aterrissar, todos parecendo esgotados.

– Curto, mas agitado – respondeu Day.

– Foi uma tormenta – disse Terra entre fôlegos. – Estávamos voando contra o vento.

Depois que Terra foi liberado de sua carga, Day agradeceu outra vez e levou o saco para o depósito.

– Melhor você se esfriar – disse Inez esticando-se para lhe acariciar a bochecha. Mesmo através da camada de pêlo, viu seu pulso correndo na sua garganta. – E aqui termina a viagem curta.

– Teria estado tudo bem, se não tivesse sido pelo clima – Ele deu a volta para o estábulo. – Antes de tudo, tenho que tirar estes malditos arreios. Não esperava ver você no povoado.

– Estava te esperando.

Ele sorriu e tomou a mão dela.

– Fico feliz. Quando estiver de volta em minha forma humana, beijarei você. De qualquer forma não acho que uma cara tão peluda te pareça atraente...

Ela ficou nas pontas dos pés, deslizou uma mão debaixo do arreio do peito e puxou sua boca para a dela.

– Seus lábios não estão peludos e acredito que você fique magnífico em todas as suas formas.

Pela expressão em seus olhos a resposta pareceu agradá-lo. Ele se inclinou tão perto que ela pôde sentir o calor irradiando do seu corpo enquanto ele sussurrava em seu ouvido.

– Você é de longe muito melhor cavaleiro que Day. A viagem teria sido muito mais fácil com você sobre minhas costas.

Inez sorriu, olhando-o até que seu brilhante corpo negro saiu do estábulo.

Quando terminou com os arreios, encontrou Terra caminhando ao redor da Pista de Decolagem. Ela se uniu a ele, pondo uma mão sobre suas costas e notando que ele já tinha começado a esfriar. Desacelerou o passo e o agarrou pela mão.

– Senti saudades esta noite – Ela disse.

– Eu também senti saudades.

– Depois do nosso vôo de amanhã, tenho planos para nosso dia livre.

– Que planos?

– Passar o dia na cama.

Ele sorriu.

– Realmente eu gosto desse plano.

– Terra? – seu coração se acelerou e seu corpo inteiro se retesou pelo que estava a ponto de dizer. Mas realmente, não já tinha dito antes? Quando Casper tinha perguntado a ela porque se casou



com Terra em vez dele, ela havia dito que era porque não estava apaixonada por ele. Não significava isso que estava apaixonada por Terra?

— Sim?

— Eu...

O olhar dele se fixou no dela e ele apertou a sua mão.

— Massagearei você quando estiver preparado.

— Obrigado outra vez. Sabe que vivo para suas massagens.

E eu vivo para lhe dar isso pensou, especialmente em sua metade humana.

De volta ao estábulo, Inez colocou mais azeite de ervas nas mãos e o massageou do pescoço até os cascos. Começou por seus flancos e trabalhou em seus ombros equinos. Emprestou especial atenção a cada uma de suas pernas, sabendo que os músculos deviam estar cansados depois de lutar contra o vento. Então esfregou as asas, notando que as plumas brancas e negras eram inclusive mais suaves que seu pêlo. Ele ainda tinha que se desfazer do pêlo que o cobria por completo, mas ela tinha se acostumado a massagear sua parte humana coberta de pêlo. Não era como se fosse áspero ou repulsivo, era mais como uma estátua de granito musculosa coberta com uma brilhante pele de cavalo. Mesmo assim, ela preferia a pele humana em sua metade humana. Não estava se queixando. As mãos se estenderam pelo amplo peito e ela esfregou os flancos. Massageou seus ombros e seus braços, até seus dedos.

Terra observava enquanto ela trabalhava, embora seus olhos comessem a se fechar tanto pelos movimentos apaziguadores de suas mãos como pela fadiga de três duras viagens. *Então*, ela sorriu, massageando meigamente as palmas das mãos dele com os polegares, *apesar de tudo não é invulnerável.*

Quando ela deu a volta para substituir o azeite, sentiu que o piso tremia. Ela virou, fitando Terra que estava parado na frente dela em sua forma humana. Ele tirou um par de calças de seu baú e as pôs.

— Quando você vai deixar que eu veja como troca de forma? — ela perguntou.

— Definitivamente não esta noite — ele sorriu. — Estou muito cansado.

— Levou apenas dois segundos.

— Mas é um gasto de energia enorme. Acredite.

— Acredito. Vamos para casa.

— Isso soa tão bem — Envolveu um braço ao redor dela, a voz ressoando em seu ouvido. —

Neste momento meu único desejo é uma cama confortável com você em meus braços.

— Terra?

— Sim? — Ele a olhou e docemente retirou as mechas de cabelo do rosto dela.

— Eu amo você — Ela disse rapidamente, antes de mudar de opinião a respeito de dizê-lo em voz alta.

Os lábios dele se curvaram para cima e inspirou uma grande baforada de ar.

— Eu também te amo, mulher. E...

— O que?

— Estava desejando ouvir você dizer isso.

Inez sorriu com o corpo apertado contra o dele enquanto deixavam o estábulo e se encaminhavam para seu lar.



Capítulo 5

Recém chegados

Inez e Terra dormiram até depois do amanhecer, depois que retornaram muito tarde de sua viagem na noite anterior. Terra despertou primeiro e se espreguiçou com um sorriso no rosto enquanto olhava para Inez que estava enroscada a seu lado, adormecida.

Com cuidado para não despertá-la, deixou a casa e foi tomar banho no rio. Recolheu algumas ervas frescas e perfumadas que cresciam selvagens na mata e as mastigou depois de limpar os dentes. Então levou para casa baldes de água a fim de esquentá-la para um banho. Embora não fosse mais inverno no povoado, as manhãs eram ainda frescas e sabia o quanto as mulheres desfrutavam com os banhos quentes. Além disso, gostava da idéia de olhá-la enquanto se banhava e possivelmente ajudá-la a lavar sua formosa massa de cabelo cor de ébano.

Acabava de encher a tina de madeira com água quente quando ela se mexeu e sentou na cama, as madeixas caindo até sua cintura e mostrando seus seios redondos. Ela bocejou e se espreguiçou.

— Bom dia.

— Acho que será um ótimo dia — ele sorriu abertamente, estendendo sua mão para a tina — Um banho para você.

Inez riu e ficou de pé.

— Ohh, eu gosto dos banhos quentes. A não ser que faça frio lá fora, sempre sou muito preguiçosa para esquentar um, então estou acostumada a saltar no lago. Obrigada.

— O prazer é meu.

Ele olhou fixamente para seu corpo escultural, enquanto ela salpicava a face e limpava a boca com a água de uma tigela sobre a mesa. Mordiscou folhas de hortelã e ele sentiu o aroma delicioso quando ela se aproximou da tina, ficou nas pontas dos pés e o beijou antes de afundar-se na água.

— Oh, isso é tão bom! — suspirou ela, fechando os olhos e apoiando a cabeça na tina.

Ele se aproximou com um pedaço de sabão na mão e o molhou na água. Enquanto lhe ensaboava os ombros e as costas, ela olhou ao redor dele.

— Pensei que poderíamos passar algum tempo na praia hoje.

— Bem. Eu gosto de correr ao longo do litoral. É muito bom sentir a água contra as pernas — Ele se ajoelhou, ensaboando as mãos e lavando o cabelo dela. Usou dois baldes suplementares de água para enxaguá-lo.

Terra ensaboou as mãos e lavou seus seios, pondo especial atenção em seus mamilos. Eles se endureceram sob seu toque e seu pênis saltou em resposta. Infernos, ele a queria!

Ela pôs as mãos molhadas sobre as suas, movendo-as em círculos prazerosos sobre seus seios. Terra a beijou, sua língua afastando seus lábios.

— Queria desfrutar deste banho — murmurou ela contra seus lábios — mas agora tudo o que quero é sair e te envolver em meus braços.

Ele sorriu abertamente, afundando a mão entre suas pernas e procurando até que encontrou o sabão no fundo da tina. Lavou uma de suas pernas da coxa até o pé e então massageou o outro com suas mãos ensaboadas. Enquanto ele massageava os calcanhares e acariciava os pés, ela esfregou seus braços assim como seus lugares mais privados. Seu clitóris e seu sexo doíam por ele, sendo difícil de lavá-los. Quando estava terminando, ele a levantou em seus braços mantendo seu corpo molhado contra o seu seco, nu e a levou de volta à cama.

— O colchão vai ficar molhado — protestou ela.

Em vez de colocá-la sobre a cama, a pôs de lado e alcançou uma toalha. Terra a secou dos pés à cabeça, massageando-lhe as costas, os braços e as pernas com firmeza, mas meigamente acariciando os seios e entre suas pernas. Jogando a toalha, ajoelhou-se diante dela e pressionou beijos em seu ventre ao mesmo tempo em que apertava suas nádegas firmes. Os músculos debaixo da pele suave



ficavam muito bem em suas mãos. Ele continuou esfregando-os enquanto cobria seus clitóris com a boca e o lambia.

— Terra! — gemeu, enroscando os dedos em seu cabelo.

Seus olhos se fecharam enquanto ele fazia cócegas e acariciava. Moveu-se de seu clitóris para seu sexo, todo o tempo agarrando os globos de seu traseiro.

Devagar, ele ficou de pé roçando-a com seu corpo. Ela o olhou fixamente, sua respiração rápida pela excitação. A cada respiração, seus mamilos acariciavam seu torso, a sensação era incrivelmente excitante.

Seu pênis estava duro e preparado, mas ele não queria se precipitar. Fazer amor com uma mulher levava tempo. A maior parte do seu próprio prazer derivava do dela. Nunca em sua vida tinha querido excitar tanto a uma mulher como queria com Inez. Nunca ele conheceu uma mulher tão honesta e despretensiosa como ela. Era forte e decente. Era sua companheira de alma. Morreria por ela se fosse necessário e não tinha nenhuma dúvida de que ela faria o mesmo por ele.

Empurrou-a com cuidado para a cama, deslizou as mãos sob seus braços e a colocou no centro do colchão. Esticando-se a seu lado, levou as pernas dela ao redor de seu pescoço, levando um momento para acariciar suas coxas lisas. Lambeu o sexo exposto dela, escorregando a língua entre os lábios úmidos e provando seu botão. Excitando seus clitóris, usou a língua para aplicar uma suave pressão com um ritmo constante.

Quando ela gozou, as pernas se esticaram e os calcanhares pressionaram seus ombros. Sua pélvis se levantou e ele agarrou seus quadris enquanto seguia lambendo e chupando até que um estremecimento final percorreu seu corpo. O pulso de Terra saltou. A sensação dos músculos tensos dela e o som dos seus gemidos de desejo fizeram com que seu pênis parecesse uma barra de ferro.

— Uhhh — Ela gemeu, suas pernas caindo de seus ombros, os olhos fechados. - Foi maravilhoso.

Terra ficou de joelhos e agarrou seus quadris. Estudou-a cuidadosamente, desfrutando da vista de seus lábios cheios e afastados e dos seios rosados pelo desejo. Ela o olhou fixamente através dos seus olhos faceiros enquanto ele a possuía. Ele entreceerrou os olhos enquanto se movia.

— Eu gostaria de ouvir você agora mesmo — Ele disse.

— Ouvir? — ela suspirou quando o prazer se alojava em seu corpo outra vez.

A visão das mãos dele acariciando seus seios fez com que ficassem ainda mais duros. Ela beliscou os mamilos e os esfregou com os polegares.

— Eu gosto de ouvir você — ele suspirou quando as mãos dela foram dos seios para seu peito. Ela arranhou com cuidado seus mamilos e ele gemeu.

— O que quer que eu diga?

— Diga que me ama.

Os olhos de Inez se abriram completamente, olhando-o. Nesse momento ela parecia tão feminina e vulnerável com seus lábios afastados e seu arredondado corpo totalmente exposto a ele. Os seios subiam e desciam enquanto sua paixão crescia. Os olhos escuros dela mantinham seu olhar com tal intensidade que o coração dele doeu de amor quase tanto quanto seu pênis doía de desejo.

— Amo você — sussurrou ela.

— Diga-me isso outra vez — ofegou ele, empurrando mais forte.

— Oh, Terra — ofegou. Os dedos dela apertando seus tensos antebraços que a sustentavam enquanto ele palpitava nela. Sua cabeça se arqueou para trás, sua formosa garganta pulsando enquanto ela gritava. — Te amo, Terra! Te amo!

Ele liberou as rédeas de sua paixão com seus impulsos frenéticos, ardendo dentro dela, suas mãos agarrando os quadris acetinados.

— Deus, te amo mulher — murmurou, saindo de dentro dela e tombando ao seu lado dela puxando-a para perto.

* * * * *



Hornview era um povoado costeiro, há menos de duas milhas do litoral. Inez disse a Terra o quanto desfrutava andar pela areia molhada e sentir a maré em seus pés e panturrilhas nus. Às vezes a água ia até a cintura, mas não iria mais longe. Há só umas poucas milhas da margem, as plantas comedoras de homens estendiam suas folhas espinhosas, esperando por sua próxima comida.

Terra, em sua forma humana, caminhava ao lado de Inez sobre a areia, seus pés nus. Ofereceu-se para levá-la até a praia, mas ela queria andar com ele. Não se importou. De vez em quando desfrutava da forma humana tanto como a de meio cavalo, sobretudo durante os momentos como esse com sua esposa. Por mais que gostasse levá-la em seu lombo, particularmente quando estava nua com seu sexo quente e molhado contra sua acetinada pele, nada se comparava à aproximação que compartilhavam enquanto estava em sua forma humana. Só então podia enterrar sua carne profundamente dentro dela e enredar suas pernas com as dela. Nada era tão bom como chegar ao auge dentro dela, ou sentir seu sexo palpitar e apertar-se ao redor de seu pênis, drenando sua essência.

Só em pensar em lhe fazer amor endurecia seu pênis. Fez uma pausa no passeio e tirou suas molestas calças.

Inez parou, olhando-o por cima do ombro e levantando uma sobrancelha.

— Realmente disse que esse lugar está isolado? — perguntou ele.

— Sim, mas desde quando um Semental é tímido sobre a nudez?

— Não é a nudez, é o fazer amor. Eu não gosto de audiência quando estou dando prazer a minha esposa.

— Oh — os olhos de Inez brilharam com diversão e desejo. Tirou seu colete e calça e se aproximou, estendendo as mãos para seu peito. — Eu gosto disso.

Ele a pegou entre seus braços, seu membro apertando o ventre enquanto a beijava.

— Depois que terminarmos, levarei você ao mercado de Gull Cape e comprarei o presente de casamento que prometi.

— Umm — Ela gemeu enquanto ele a beijava.

Terra fechou os olhos e enterrou uma mão na nuca dela, enquanto provava cada polegada de sua boca. Era deliciosa e não podia conseguir o bastante dela.

Uma de suas pequenas mãos se deslizou entre eles e agarrou seu pênis. Embora sua palma estivesse cheia de calos por sustentar bridas e arreios durante anos, seu toque era incrivelmente delicado. Seus dedos revoaram sobre seu pênis e ele suspirou com prazer.

Deu um passo adiante, tombando sobre suas costas na areia e estendendo suas pernas enquanto a chamava.

— Venha.

Ela avançou lentamente entre suas pernas, tomando seu membro entre seus lábios. Não era o que ele tinha em mente, mas foi incapaz de resistir a uns momentos de estimulação oral. Ela lambeu o pênis dele da base até a cabeça para excitar o diminuto buraco da ponta com a língua. O coração de Terra pulsava com excitação enquanto ela tomava a ponta de seu pênis entre os lábios e chupava. Enquanto a língua rodeava a cabeça, ele a olhou. Forçando a sua respiração a permanecer sob controle enquanto ela chupava e lambia.

— É o suficiente — ordenou antes de derramar sua essência na boca dela. Agarrou a base de seu membro, tomando vários e profundos fôlegos. O momento passou deixando-o dolorido pelo desejo, mas outra vez sob controle. — Sente-se sobre mim, Inez, suas costas para mim.

Ele levantou os joelhos, separando-os e ela fez o que ele pediu, sentando-se entre suas pernas e usando uma mão para guiá-lo em seu interior. Ela se moveu enquanto ele acariciava as suas nádegas. A visão de seu magnífico e suave traseiro contra seu ventre e a sensação de seu sexo quente tragando seu pênis era suficiente para quase lhe enviar a um frenesi. Ela devia sentir o mesmo, já que gemia e tremia enquanto controlava seus movimentos. Seus quadris corcoveavam enquanto sentia seu



orgasmo se construindo profundamente dentro dele, acendendo seu eixo e estalando em seu sexo palpitante.

A maré os tinha alcançado, orvalhando seus corpos acalorados enquanto se balançavam juntos, prolongando seu êxtase tanto quanto era possível.

Quando se sentaram, Terra revirou os olhos para o céu, viu dois Sementais passando sobre eles para o povoado. Eles desceram e Inez tratou de ocultar seus seios e o pêlo púbico com as mãos. Terra a puxou para perto, cobrindo seu corpo nu até que os Sementais passaram. Para sua surpresa, reconheceu a pele de alce e a castanha como dois de seus mais recentes aprendizes do Hall de Mensageiros Guerreiros. O que faziam Linn e Kraig nesta área?

Terra pegou a roupa de Inez e a entregou. Enquanto ela colocava a calça, ele deu as costas momentaneamente. Terra tomou um fôlego profundo, fechou os olhos e concentrou toda a sua atenção na área de baixo e traseira conhecidas como o Ponto de Mudança de um Semental. A mudança de forma tomou só segundos, mas lhe levava um grande esforço. Embora não fosse doloroso, a mudança o deixava esgotado durante uns segundos. O momento de debilidade passou tão rapidamente como se nunca tivesse ocorrido e esteve comodamente em sua poderosa forma meio eqüina.

— Por que faz sempre isso! — Inez deu a volta, golpeando com o pé. — Quando vai me deixar olhar?

— Algum dia — sorriu abertamente e a atraiu mais perto, inclinando-se para beijá-la — Sei que esses dois Sementais se dirigiam ao povoado. Eu gostaria de ver o que fazem aqui.

— Quem são eles?

— Dois de meus estudantes.

— Mais Mensageiros Guerreiros?

— Recentemente graduados.

— Tenho vontade de conhecê-los.

— Estou certo que um deles você gostará de conhecer. Linn. Era um dos melhores que já treinei. O moço tem força, poder e estilo. Não acredito alguma vez tenha visto ele realizar uma má aterrissagem.

Inez sorriu enquanto lhe dava um braço. Suas pernas colocadas ao redor de seus flancos, seus joelhos agarrando-o. A sensação era tão agradável que quase disse para ela tirar a calça e passar as poucas horas seguintes montando-o em pêlo.

— Parece que você gosta muito dele.

— É um bom homem.

— E o outro?

— Kraig.

— Como ele é? — perguntou ela enquanto se dirigiam para o povoado.

— Poderoso e rápido.

— Você não gosta muito dele, não é verdade?

— Dá para notar?

— Ninguém mais provavelmente notaria — ela esfregou o centro de suas costas — Mas eu o conheço bem, Terra.

— Passou na prova sem minha recomendação.

— Por quê? — Inez soou surpresa.

— Não acredito que mostrasse bastante preocupação por seus cavaleiros. Sabe que há uma sociedade entre coletor e Portador. Temos um cuidado com o outro. A gente não pode se imaginar sendo mais importante que o outro. Kraig se opôs a esse fato desde o começo. Oh, ao cabo de um tempo aprendeu as respostas corretas às perguntas do teste, mas memorizar o que os superiores querem ouvir e realmente acreditar são duas coisas muito diferentes.

— Por que os outros instrutores não escutaram você em vez de decidir passá-lo?



— Porque ele tinha as respostas corretas — Terra se encolheu de ombros — Eles olham os feitos, mas às vezes precisa ir além da superfície. Outra coisa, suas aterrissagens são ruins. Oh, no tempo que passei com ele fez aterrissagens razoáveis e fez bem durante a prova, mas é descuidado. Trabalhar assim pode se ferir e matar a seu cavaleiro.

— Talvez tenha aprendido mais agora que esteve fora como um Mensageiro Guerreiro.

— Assim espero.

O povoado estava bem próximo e Terra mudou entre um passeio e um trote agradável para compartilhar a viagem com Inez, mas não por ser particularmente desafiante. Ele adivinhou que as perguntas nem sempre eram necessárias. Às vezes o puro prazer era só realizá-las.

Quando chegaram à praça do povoado, Linn e Kraig andavam pelo perímetro da Pista de Decolagem para se refrescarem. Moor e Casper estavam com eles, provavelmente para o interrogatório.

Quando Terra e Inez se aproximaram, ambos os recém chegados olharam fixamente em sua direção.

Linn riu e andou até eles, estendendo sua mão para Terra que a agarrou em um quente aperto de mãos.

— É bom vê-lo novamente, Senhor — disse o jovem. Seu cabelo loiro escuro tinha escapado de sua trança e flutuava em ondas úmidas sobre a brisa. Sempre um moço grande, parecia estar mais musculoso desde que Terra o tinha visto da última vez, provavelmente devido a um aumento dos vôos.

— É bom te ver também, Linn. Kraig — Terra acenou em direção ao ruivo. Os olhos verdes do jovem se dirigiram para Terra. O jovem idiota sempre tinha uma má atitude e parece que ele não tinha melhorado em nada. Terra concentrou sua atenção em Linn. — O que estão fazendo aqui?

— Desde o surgimento da praga, o General Sota achou que estes povoados da costa do norte que recebem tropas de coletores poderiam necessitar de alguns reforços. Kraig e eu fomos enviados para cá.

— Fico feliz de ouvi-lo — disse Terra — estivemos sobrecarregados e podemos usar toda a ajuda.

— Ouvi que você e alguns outros Portadores têm múltiplos vôos em um dia. As coisas devem estar ocupadas.

— Estou certo que não é nada que não possa administrar, não é verdade Senhor? — disse Kraig.

Terra não pôde decidir se era uma nota de sarcasmo ou ciúmes o que ouviu na voz dele. Adivinhou que era provavelmente uma combinação de ambos.

— Ainda que eu possa administrá-lo ou não, seria um idiota para recusar ajuda.

Kraig não respondeu enquanto continuava seu passeio. Casper, que tinha ouvido a conversa, deu meia volta e abandonou a Pista de Decolagem.

— Olá! — disse Inez a Linn.

Terra a olhou, sacudindo sua cabeça.

— Desculpe amor. Foi grosseiro da minha parte. Inez, este é Linn. Linn, minha esposa, Inez.

— Sim — Linn colocou seu corpo meio eqüino junto a Terra e ofereceu sua mão a Inez — Eu ouvi que você e Terra compartilharam sonhos. Alegro-me de que finalmente fosse capaz de se casar. Felicidades.

— Fico feliz de conhecer um dos estudantes estrela de meu marido.

Os olhos negros de Linn se arregalaram pela surpresa.

— Estudante estrela?

— Foi o que Terra me disse.

— Não podia dizê-lo no treinamento, mas é um dos melhores — admitiu Terra.

Linn riu, com gratidão genuína em sua expressão.



- Obrigado, Senhor.
- Já não é mais um recruta, Linn. Chame-me Terra.
- Sim, Senhor.

Terra riu em silêncio e sacudiu a cabeça enquanto compassava seu passo junto a Linn. Moor se uniu a eles e os quatro tiveram uma longa conversa sobre vôos e coletas passados. Finalmente, eles levaram Linn para conhecer o chefe. Kraig, em forma humana, deixava a Casa Principal quando chegaram. Apenas olhou para eles enquanto se dirigia aos banheiros públicos.

Lá dentro, Moor apresentou Linn ao Chefe que disse que se alegrava de que mais Sementais tivessem chegado. Terra sabia que isto era só uma verdade parcial. Sim, necessitavam ajuda, mas quanto mais Mensageiros Guerreiros unidos a suas coletas, menos benefício para o Chefe.

Inez desceu das costas de Terra e se uniu a sua loira amiga Susana, que misturava ervas sobre o fogo. A jovem curandeira parecia não poder afastar seus olhos de Linn e Terra quase riu em voz alta enquanto o rubor se arrastava pelas altas maçãs do rosto de Linn cada vez que ele olhava para Susana. Terra olhou através do quarto e cruzou um pé sobre o outro, enquanto Linn se aproximava da curandeira depois de acabar sua conversa com o Chefe.

- E você quem é? – perguntou o jovem.

Susana o olhou e passou a língua nos lábios como se de repente secassem.

- Susana.
- Sou Linn.

– E eu já estou indo – Inez sorriu abertamente, deixando-os sozinhos enquanto se unia a Terra.

Inez ficou de pé perto de Terra, com uma mão entre seus ombros enquanto comentava.

- Acredito que o amor está florescendo.

– Acho que gostaram um do outro – disse ele, escorregando um braço ao redor dos ombros de sua esposa e beijando o topo de sua cabeça.

- Formam um bonito casal.

– Falando disso, devo a você um presente de casamento – Terra a agarrou pela mão enquanto se encaminhavam para a porta. Lá fora, esperou em uma cerca enquanto Inez montava. Saíram de Hornview e foram para um povoado que sabia que tinha um dos melhores mercados da redondeza.

* * * * *

– Justo o que o povo necessita. Mais Sementais – o lábio de Casper se curvou enquanto entrava no abrigo e se aproximava do Mensageiro Guerreiro recém-chegado, Kraig.

Só em estar no abrigo era suficiente para revolver o estômago de Casper. Detestava as bestas grandes que se chamavam a si mesmos Sementais. Essa espécie lhe repugnava e lhe frustrava. Por que tantas pessoas os olhavam como se fossem deuses, particularmente as estúpidas mulheres?

– O que quer humano? – Zombou Kraig. A hostilidade da besta era quase tangível. A contragosto, Casper teve que admitir que gostava disso.

- Tem problemas com os humanos?

Kraig olhou para o largo nariz de Casper.

– Não tenho nenhum gosto para com os humanos. Suas mulheres só são necessárias como bagagens para nossos meninos. Além disso, são débeis, patéticos, insetos prostrados pela enfermidade.

- Palavras fortes de um ignorante e pestilento cavalo.

Kraig empunhou sua espada e avançou para Casper que retrocedeu.

- Corte-me e não ouvirá minha proposta!

– O que poderia ter para me oferecer? – Kraig parou a ponta de sua espada apertada contra a garganta de Casper.



- Vi como olhou para Terra. Você não gosta dele tanto quanto eu.
- Por quê?
- Ele se casou com a mulher que deveria ter sido minha — Casper estava furioso. Se pensasse que tinha o poder de desafiar Terra em uma luta absoluta, o teria feito há muito tempo. Sabia que não podia, mas com a chegada de novos Sementais e o óbvio ódio de Kraig para com Terra, um plano de vingança se formou em sua mente.
- Pareço preocupado? — grunhiu Kraig.
- Não por mim, mas como se sente sobre Terra? Realmente o odeia, não é mesmo? E ele foi seu professor.
- Era um idiota que não podia ver que a primeira responsabilidade de um Guerreiro é para com ele mesmo!
- Isso é tudo?
- Não. O bastardo intolerantemente criticou minhas aterrissagens.
- Casper riu.
- Suas aterrissagens? Fiz algumas perguntas sobre ti e pelo que ouvi suas aterrissagens já mataram um coletor e feriu a outros dois.
- Eram uns cavaleiros muito ruins!
- Está em período de prova com os Mensageiros Guerreiros. Corre o risco de ser banido de suas fileiras.
- Posso aterrissar melhor que qualquer Semental que conheço!
- Inclusive Terra?
- Kraig apertou os dentes e os punhos.
- Casper se encolheu de ombros.
- Não pode derrotá-lo ou suponho que já estaria morto.
- Eu poderia derrotá-lo.
- Mas, não está confiante?
- O homem é tão forte como um sacana Lagarto de Gelo.
- Mas se ele morresse você não choraria por ele.
- Kraig torceu os lábios em um sorriso sem humor.
- Eu celebraria.
- Sente alguma lealdade para com ele?
- Lealdade? Já! — Kraig zombou.
- Se eu contasse que há uma oportunidade de se desfazer de Terra, você ouviria?
- Espera — Kraig estreitou seus olhos e olhou para Casper. — Ele te ofereceu isso? Está tentando encontrar outra razão para sujar meu nome ante o General Sota e o resto dos Mensageiros Guerreiros?
- Eu comeria merda antes de trabalhar com ele de qualquer maneira — disse Casper — Tenho um plano que nos livrará de Terra.
- E a mulher dele?
- Estará morta junto com o tolo com quem se casou.
- Acreditei que você queria se casar com ela.
- Não depois que ela tenha estado com um Semental.
- Não sei como ele pôde transar com ela de todos os modos. Ela tem dentes de cavalo. Então me diga como planeja destruir Terra? Advirto que ele é um lutador assombroso. Pude testemunhar sua força e resistência.
- É poderoso — Casper se encolheu de ombros — mas todo mundo tem seu limite. Inclusive o poderoso Terra. Meu plano levará paciência. Não deve ser apressado. Devemos esperar o momento perfeito para trabalhar.
- Tenho paciência.



- Bom.
- Mas ter concordado com isto não significa que pense melhor de ti, humano.
- Nem eu de ti, besta. É só para se desfazer de Terra e de sua porca Inez.
- De acordo. Agora sai daqui. Tenho que mudar de forma.

* * * * *

– Eu gosto do meu presente — disse Inez, admirando o bracelete de ouro e de rubis sobre seu pulso — Nunca tive uma peça tão formosa de joalheria antes.

– Não posso imaginá-la sobre um pulso mais formoso — Terra olhou-a por sobre o ombro — Estou curioso. O que você comprou no carro daquela anciã enquanto eu nos conseguia algo para comer?

Inez sorriu abertamente e massageou a base de seu pescoço.

– Eu mostrarei esta noite. É uma surpresa.

– Eu gosto das surpresas.

– Você gostará muito desta — murmurou ela, pressionando beijos através de suas costas. Depois que eles saíram do povoado para a liberdade dos prados, ela tirou a calça e a camisa para montá-lo nua. A tarde estava bastante quente e ensolarada e ele pensou com muita ilusão em nadar no lago detrás de sua casinha de campo.

– Não sei você, mas estou com vontade de correr — disse ele — e para uma extensão agradável das asas antes do jantar.

– Umm, parece bom — ronronou ela, seus braços escorregando e se abraçando a seu tronco.

Ele sentiu os joelhos dela se agarrando mais forte, suas pernas de seda apertando-se contra seu curto pêlo. Já sentia a umidade do seu sexo contra ele e suspirou.

Terra sempre tinha gostado de correr, provando-se a si mesmo, mas viajar com Inez fazia com que correr fosse uma experiência nova e ainda mais fascinante. Carreiras rápidas com ela nua sobre suas costas lhe excitavam tanto quanto a ela. Correria até que ela gozasse e isso o manteria duro até que eles fizessem amor, em seguida ou mais tarde essa noite.

– Pronta? — ele perguntou.

– É claro! — ela mordiscou seu pescoço e passou a língua pela suas costas.

Terra se moveu a meio galope e momentos mais tarde começou a galopar. Suas pernas poderosas devoravam a terra. Suas asas embutidas de lado enquanto corria. Podia ter galopado durante horas antes de sentir um desafio verdadeiro, assim se forçava a ir mais rápido. Pedacos de sujeira e erva voavam sob seus cascos enquanto alcançava o topo de sua velocidade, sustentando-a tanto como podia. As palmas de Inez pressionavam contra seu peito, seus dedos escorregavam em sua pele molhada. Era tão bom sentir os seios quentes e o ventre dela contra suas costas suadas. Seus mamilos estavam duros e ele sentia o coração dela pulsar contra suas costas antes que o seu pulsasse tão alto que encheu seus ouvidos. Deus! Era tão bom correr completamente livre com a mulher que amava contorcendo-se em suas costas.

Terra saltou, suas asas se abriram e golpearam enquanto subia para o alto. Suas pernas seguiram correndo no ar, propulsando-os rápido através do céu. O vento tocava seus olhos e demorou um momento antes que ele pudesse voltar a ver melhor.

– Oh, Terra! — disse Inez, seus braços e pernas aderindo-se fortemente a ele — Está tão rápido!

– Você gosta? — gritou.

– Adoro! Não pode sentir?

Ele podia. A umidade dela se misturava com o suor das suas costas. O sangue bombeava rapidamente pelo corpo excitado de Terra. Esta noite ele estaria preparado para ela!



Logo, sua casinha de campo brilhou lá embaixo, uma bolinha cinzenta no campo viçoso. Antes de aterrissar, deu círculos sobre o campo três vezes mais antes de frear suas pernas e endireitar as asas para deixar-se ir durante um momento.

Embora sua respiração fosse acelerada não levaria muito tempo para voltar ao normal. Estava em excelente condição física e os vãos de muitas milhas a toda velocidade eram só uma parte de seu contínuo treinamento.

— Ainda não posso acreditar o quão rápido é — suspirou Inez, seus braços afrouxando-se sobre ele. Ele sentiu a última ondulação dos batimentos do coração através dela. Enquanto rodeava o campo duas vezes mais, permitindo a seu pulso reduzir a marcha, ela acariciou languidamente seus ombros, suas costas e seu peito. Seus pés nus acariciavam seus lados e ela balançava o encantado traseiro contra sua pele lisa. Quase não podia esperar para estar na cama com ela, enterrado profundamente em seu sexo quente e molhado.

— Segure-se — ele disse.

— Por quê?

— Vou aterrissar no lago.

Os braços de Inez se apertaram ao redor dele enquanto desciam. A água fresca foi um choque contra seu acalorado corpo a princípio, mas depois do choque inicial se sentia maravilhosa. Ele nadou com ela sobre suas costas até que ela desceu e ambos foram até a margem.

Enquanto Inez andava na frente dele, Terra mudou de forma, seus olhos momentaneamente fechados. Quando os abriu, encontrou Inez de pé diante dele, olhando-o fixamente. Tomando o rosto dela entre as mãos, a beijou, acariciando sua língua com a sua. Ela ficou na ponta dos pés e deslizou os braços ao redor de seu pescoço. Permitiu-se tomar o controle do beijo quando começou a chupar com força sua língua. Um tremor de desejo desceu pela coluna dele, instalando-se em seu ponto de mudança. Pressionar e acariciar o ponto de mudança era o suficiente para levar um Semental diretamente para o orgasmo, enquanto que golpeá-lo causava uma tremenda dor. Como se sentisse sua necessidade, suas mãos escorregaram de seu pescoço para suas costelas e ao redor de sua cintura. Pressionando suas palmas contra a parte mais baixa das costas, ela massageou seu ponto de mudança com um ritmo profundo, sensual que logo o pegou ofegando.

— Não posso esperar até que cheguemos em casa. Quero você aqui mesmo. Agora — disse ele com voz rouca.

— Não discutirei — respirou ela, logo gritando de surpresa quando ele se jogou sobre a relva, arrastando-a com ele. Ela aterrissou sobre seu peito, o nariz tocando o seu. Sustentando a cabeça dela com sua mão, pressionou-a mais perto, beijando-a. Seus seios eram tão suaves, exceto pelos mamilos duros que roçavam contra seu peito. Ela era quente e deliciosa. Uma de suas pequenas mãos acariciou a longitude dele dura como pedra antes de agarrar seu testículo.

— Sabe o que quero mulher? — Ele perguntou entre beijos.

— Mostre-me!

Um gemido de desejo escapou da garganta dele enquanto se sentava, agarrando-a pela cintura e empurrando-a de joelhos. Inez pareceu entender imediatamente. Colocando-se sobre suas mãos e joelhos, ofereceu uma visão perfeita de suas nádegas.

— Mmm — gemeu ele, ajoelhando-se atrás dela e agarrando com suas mãos as duas bochechas de seu traseiro apalpando e acariciando e logo se inclinou e beijou cada globo suave e quente antes de passar seus lábios sobre suas costas. Quando beijou sua coluna e entre suas omoplatas, moveu-se para frente esfregando o pênis em seu bumbum. Ela gemeu outra vez enquanto ele percorria com a ponta da língua as bochechas de seu traseiro. Ele se endireitou por um momento colocando as mãos na cintura dela e puxando para a sua barra de ferro que se deslizava, polegada a polegada, em seu magnífico sexo.

Os olhos de Terra se entrecerraram e lutou para controlar sua respiração. Maldição, era tão bom! Ela estava apertada, quente, e Oh tão molhada! Ela gemeu, rebolando, seus músculos internos apertando seu pênis até que ele pensou que poderia arrebentar justo nesse momento.

Enquanto uma de suas mãos permanecia firme em sua cintura, usou a outra para acariciar suas costelas e o ventre, desfrutando da suavidade de sua pele. Acariciou seus clitóris enquanto empurrou nela com uma lentidão frustrante. Queria inundar-se rápido e com força, mas tinha que restabelecer seu controle. Respirando várias vezes para estabilizar-se concentrou seu olhar nela, concentrando-se unicamente no prazer dela.

— Oh, Terra!

— Estou aqui.

— Deuses, eu sei! — ela riu bobamente, a luxúria de sua voz o excitava como uma febre; De todos os modos, ele só aumentou seu impulso o bastante para empurrá-la mais perto do clímax. Sua vagina palpitou ao redor de seu pênis. Seus gemidos se converteram em soluços de puro êxtase quando seus dedos esfregaram seus clitóris, lhe provocando um orgasmo. Seus impulsos não cessaram, seguiram empurrando para um segundo clímax.

— Terra! Oh, maldição! — ofegou, agarrando punhados de erva enquanto seus quadris e nádegas empurravam de volta, encontrando-se com seus impulsos poderosos.

— Desculpe — Ele parou, seu coração palpitando e seu pênis doendo de desejo — Não queria ferir você.

— Acredite não me faz mal! Continue!

O ventre de Terra se apertou e seu peito se expandiu quando tomou um profundo e apaixonado fôlego. Esta mulher foi feita para ele! Sua amante perfeita do sonho, a quem ele desfrutava expondo suas nádegas formosas e aceitando seus impulsos maciços enquanto ele a tomava sobre a grama aquecida pelo sol.

Passou as mãos por seus quadris e apertou seus seios, apalpando e acariciando, fazendo rodar seus mamilos bicudos entre os polegares e os indicadores. Inclinando a cabeça, beliscou e lambeu seus ombros.

— Quero comer cada polegada de ti, mulher.

— Oh, sim, Terra! Quero que coma cada polegada de mim!

Outra vez ele a agarrou pela cintura e jogou sua cabeça para trás enquanto entrava profundamente nela, o mundo girou negro e seu coração palpitou em seus ouvidos. Apertou os dentes e tentou controlar seu orgasmo até que ela alcançasse o seu, mas não estava seguro de que pudesse fazê-lo. De repente seu corpo se convulsionou e ela gritou, seu sexo palpitante apertando seu pênis, tirando sua essência, deixando-o momentaneamente esgotado.

Quando sua respiração voltou ao normal, Terra saiu dela, se permitindo cair sobre a grama. Fazendo-a girar de costas, Terra se ajoelhou entre suas pernas, lambendo a carne úmida que ainda tremia com as convulsões finais de seu clímax.

Inez gemeu suavemente, entreabrindo os olhos.

— Oh, Terra, isso é tão bom.

Ele não podia responder já que sua boca estava muito ocupada com seus clitóris e sua vagina. A ponta da língua rodeou o clitóris antes de entrar dentro dela. O aroma rico de seu almíscar de amor encheu as suas narinas e o gosto dela o conduziu à loucura. O seu suave membro já estava inchando com a necessidade de seu corpo e seu coração pulsava pelo amor dela com todo o seu ser.

Quando ele sentiu, através da rápida respiração e dos quadris se contorcendo, que ela estava perto do orgasmo, ele se sentou e entrou nela com um longo e lento impulso.

Inez ficou rígida, seu sexo se apertando ao redor do pênis dele e sua cabeça arqueada para trás contra o solo. Enquanto Terra se movia dentro dela, usou uma mão para lhe acariciar os seios e a outra para lhe acariciar o clitóris. Desta vez seu prazer parecia tão intenso que Terra achou que ela



ficou adormecida durante uns momentos. Os olhos dela se abriram e ela o olhou enquanto ele roçava seu membro sobre todo o seu corpo.

— Oh, eu gosto disso — gemeu ela.

— Eu também — Respirou ele, se retesando enquanto o prazer crescia. Esfregou a cabeça de seu pênis sobre suas coxas e seu ventre. Movendo-se para cima, ajoelhou em cima dela e formou redemoinhos com o duro membro sobre os seios dela. Os mamilos roçaram a cabeça do pênis numa sensação maravilhosa. Ela se moveu debaixo dele e de repente uma boca quente e úmida tragou a ponta de seu pênis tomando cuidado com os dentes sobre a sensível carne, a língua formando redemoinhos. Chupou profundamente, aplicando uma pressão constante que logo fez com que seu coração pulsasse como se acabasse de vir de uma longa e dura viagem.

A mão se fechou sobre seu testículo, espremendo e amassando o pesado saco.

— Você vai me matar, mulher!

— Umm — Ela gemeu, ainda lambendo e apertando. Levantando-se um pouco ela agarrou suas nádegas com os dedos segurando-o fortemente. Dois dedos pressionaram seu ânus. Ela moveu a mão para cima, pressionando seu Ponto de Mudança. Uma sensação quase insuportável inundou o corpo dele. Terra gemeu, seus músculos ficaram rígidos enquanto lutava contra o orgasmo que ameaçou tomar de conta dele. De algum modo dominou suas emoções e deslizou para baixo pelo corpo dela. Seu pênis estava a ponto de explodir quando entrou nela. Os joelhos de Inez apertaram suas coxas quando voaram juntos.

— Inez, ah, Inez! — Ele ofegou, se movimentando mais rápido enquanto os pés dela o puxavam para mais perto.

Seus quadris emparelharam o ritmo e ela gemeu seus dedos beliscando seus ombros e suas costas. Sabendo que ela estava perto, ele lutou contra o clímax, cada músculo tenso como se seu corpo se esforçasse pela liberação. Na primeira ondulação do orgasmo, introduziu-se nela com força, gritando seu nome enquanto gozava. Seu corpo caiu frouxo em cima dela até que ela se contorceu.

— Você está me esmagando! - Ela riu bobamente.

— Desculpe — Saiu de cima dela imediatamente e a atraiu para seu lado.

Inez se abraçou a ele, fechando os olhos. Ele a olhou fixamente, sua mente ainda agradavelmente relaxada pelo orgasmo, e apartou as mechas de cabelo de sua testa. Deuses, ele a amava tanto que parecia que uma dor se instalava dentro dele que só podia ser satisfeito segurando-a, falando com ela e estando com ela.

Ficou de pé com Inez ainda em seus braços. Ela se segurou seu pescoço e beijou o oco de sua garganta.

— Te amo Terra.

— Eu também te amo — Disse ele suavemente, beijando sua testa enquanto a levava para a sua casinha de campo.

Capítulo 6 O Resgate

De volta à cabana, Terra pôs Inez sobre a cama e se deitou a seu lado. Ela sorriu e ficou de pé.

O olhar dele deslizou pelas costas e o traseiro nus, enquanto ela caminhava para a mesa e recolhia a pequena bolsa de viagem de couro que ainda tinha que desarrumar depois da viagem para Gull Cape.

Ela tinha um sorriso sedutor que aguçou a curiosidade dele.

— Chegou o momento de mostrar o que comprei.

Terra se apoiou sobre um cotovelo enquanto ela esvaziava o conteúdo da bolsa sobre a cama. Havia três recipientes de madeira e vários compridos de seda negra e vermelha. Embora não estava precisamente seguro do que tinha em mente, sabia que ia gostar dele. Já seu pênis se inflamava e o estômago lhe contraía pela antecipação.

— Óleo aromatizante — ela explicava, desentupindo um dos recipientes e segurando para que ele cheirasse. Ele sentou sobre os joelhos e cheirou o conteúdo.

— Uhhhh — sorriu — Maçã.

Ela ofereceu o outro. Cheirava a trevo e o terceiro era uma combinação de baunilha e mel.

Inclinando-se para diante, sussurrou contra os lábios dele.

— Você gostaria de outra massagem agora, em sua forma humana?

Ele assentiu com a cabeça e deslizou os braços ao redor dela beijando-a. Suas línguas se trançaram uma com a outra por um momento antes que ela pusesse as mãos contra seu peito e o empurrasse. Não poderia movê-lo, mas ele cedeu, olhando-a com curiosidade. Ela escolheu um pedaço de seda negra e escorregou para trás. O coração dele acelerou quando ela colocou a seda em seus olhos e a atou na parte de atrás da cabeça.

— Pode ver? — Ela perguntou.

— Nada.

Ela deslizou os braços por baixo dos seus e o segurou pelo peito, os seios apertados contra as costas, como quando o montava nua. A língua dela traçou o formato de sua orelha antes de sussurrar.

— Confia em mim?

— Sim.

— Bom. Deite-se de bruços.

Ele fez como ela pedia a bochecha pressionando contra o travesseiro, sua visão obscurecida pela seda.

— Ponha suas mãos para trás — ela ordenou. Ele obedeceu e segundos depois sentiu mais seda lhe envolvendo os pulsos. Ela amarrou em um nó bastante apertado.

O coração dele se acelerou. Este jogo era estranho, mas ele gostava de jogá-lo. Ele se perguntava se ela sabia que ele podia romper os laços de seda quando quisesse ou se realmente acreditava que o tinha impossibilitado.

Terra não se deu conta o quanto necessitado estava... Ao menos ante seu próprio desejo... Até que começaram os deliciosos cuidados. Ela tomou um dos pés dele entre as mãos e pressionou os lábios sobre a planta. Beijou toda a extensão do pé enquanto seus pequenos dedos esfregavam azeite de trevo, massageando o tornozelo e o peito do pé. Os beijos subiram pela panturrilha até a parte de trás do joelho onde lambeu as sensíveis depressões da articulação. Fez uma pausa um momento e a próxima sensação que ele sentiu foi de azeite gotejando na parte traseira da coxa. Ela percorria-lhe a coxa com as palmas da mão, massageando os músculos com lentas e fortes carícias. Terra resistiu à necessidade de gemer em voz alta. Seu membro endurecido como uma rocha doía apertado entre o estômago e a cama. Inez deixou de massagear a coxa e trocou de posição. Ele a sentiu beijando a



planta do seu outro pé e, desta vez, proferiu um baixo gemido de prazer. Ela beijou e massageou a panturrilha e novamente passou a língua pela parte traseira do joelho. As quentes palmas, embebidas em azeite, lhe acariciando a coxa.

Separando as pernas dele com os cotovelos, ela se ajoelhou entre elas e cobriu suas nádegas de beijos.

— Oh, Deuses, Inez, você está me deixando louco — ele grunhiu.

— Uhhhh — Ela gemeu suavemente — Eu nunca pensei que realmente desejaria beijar o bumbum de um homem.

As risadas de ambos se fundiram em uma e ele puxou as amarras.

As mãos dela se moveram até os pulsos dele.

— Não faça isso. Deixe-me terminar.

— Desse jeito, você vai acabar comigo! — ofegou com antecipação quando sentiu suas mãos oleosas massageando as nádegas, apertando as firmes esferas de músculos. Um dos dedos dela deslizou entre as nádegas e pressionou contra o esfíncter. Ele voltou a grunhir, sentia o membro inchado e pulsando. Um som de completo abandono escapou dos lábios dele quando os dedos e palmas azeitadas se deslizaram pela parte baixa das costas, diretamente para seu Ponto de Mudança. A misteriosa atmosfera combinada com as sensuais carícias o levaram a um nível de paixão que nunca tinha conhecido. Esperava não arruinar o momento se derramando no colchão em vez de profundamente enterrado nela.

Mãos escorregadias cheirando a azeite apartaram o grosso cabelo e se deslizaram sobre as costelas até as costas dele. Ela subiu em cima dele se estendendo sobre suas costas, com a virilha apertada contra seu traseiro enquanto lhe massageava os músculos dos ombros e dos braços. Os seios apertados contra ele enquanto ela lambia e beijava a sua nuca.

Inez lambeu ambas as orelhas dele e massageou o crânio antes de sair das suas costas. Ela desatou as mãos dele. Girando ele tentou alcançá-la, mas ela o evitou.

— Ainda não terminei — Ela disse — Ainda falta a parte da frente.

Ele grunhiu.

— Não sei se posso suportá-lo, mulher.

— Suportará grande poderoso, Guerreiro Portador. Sei o tipo de controle que possui.

— Não me provoque no estado em que estou — sorriu, agarrando sua ereção com uma mão, bombeando-a.

Ele deixou que ela colocasse suas mãos sobre a cabeça onde novamente lhe atou os pulsos. Beijou-o na testa e sobre cada um de seus olhos cobertos pela venda. Rindo, ela mordeu devagar a ponta do nariz antes de beijá-lo plenamente na boca. A língua acariciando a dele enquanto as mãos apertavam o peito. Novamente se deitou sobre ele. Desta vez seu membro duro como ferro ficou encaixado entre as nádegas dela enquanto com as mãos azeitadas ela massageava lentamente os ombros, braços e peito. Inesperadamente se endireitou um pouco e dirigiu seu membro para a vagina molhada.

Terra nem sequer tentou controlar os gemidos de prazer quando ela começou a montá-lo com seu membro enterrado, enquanto com o acariciava com as palmas das mãos. Ela poderia sentir o coração dele golpeando contra as costelas? Deveria, porque pulsava tão rápido que sentia como se tivesse retornado de uma viagem das Spilkelands voando contra o vento. As pontas dos dedos lhe percorriam a parte interna dos braços. Ela usava as unhas para lhe arranhar os mamilos suavemente enquanto aumentava o ritmo. Também estava gemendo e ele sentia uma incontrollável necessidade de acariciar os seios dela e agarrá-la pela cintura.

Com um rápido puxão, a seda se rompeu. Ele tirou a venda dos olhos e olhou para Inez. A cabeça dela pendia para trás, os seios balançavam a cada arremesso enquanto ela se contorcia em cima dele. Ele tomou os seios entre as mãos, beliscando e apertando os mamilos antes de agarrá-la



pela cintura enquanto ela gritava seu nome e chegava ao orgasmo, lhe apertando o membro dentro dela com cada pulsação.

Com várias duras estocadas para cima, acabou, estalando dentro dela, a respiração áspera e o pulso golpeando loucamente.

Inez se derreteu sobre seu peito, os lábios separados descansando contra seu pescoço, sua respiração lhe acariciando a pele.

— Deuses, mulher! Deveríamos ir ao mercado mais freqüentemente.

Inez se pôs a rir e o apertou, enredando as pernas com as dele.

* * * * *

Na tarde seguinte Inez limpou a casa, que tinha estado muito descuidada desde que começaram a realizar as coletas adicionais. Ela e Terra tinham retornado das Spikelands umas poucas horas mais cedo. Tinham uma só viagem planejada para esse dia, mas novamente Terra tinha aceitado substituir um Semental ferido. Uniu-se à tropa de Moor e Inez não esperava que ele retornasse até tarde da noite.

Quando olhava pela janela para ver o progresso dos trabalhadores que estavam construindo o banheiro, reparou em Susana que vinha caminhando para a cabana, parecendo preocupada. O coração de Inez deu um pulso. Algo tinha acontecido com Terra e a curandeira estava trazendo as más notícias!

Correu para a porta e a abriu de repente, encontrando-se com Susana na metade do caminho de pedras.

— Inez! Esperava que estivesse em casa. Queria falar contigo.

— Aconteceu alguma coisa? — Inez se perguntava se falava tão aterrorizada como se sentia.

— Sim e não.

— Terra?

Susana franziu o cenho e logo sorriu.

— Pelo céu, não! Só quer bajular o homem, não é verdade?

— Não — Inez apertou os dentes, sentindo-se tão estúpida quanto aliviada.

— Não te culpo por adúlá-lo — continuou Susana — Suponho que é o que se faz quando conhece o homem dos seus sonhos.... Bastante literal no seu caso.

— E o que você tem? Notei que você e Linn ficaram bem amigos — Inez lançou um olhar conhecedor

O sorriso de Susana se desvaneceu.

— É disso que quero lhe falar.

— Entra. Farei um pouco de chá... ou como você está, talvez prefira uma boa dose de vinho?

— Tomaria o vinho se não tivesse que fazer mais ronda no povoado.

— Então o que há com o Linn? Vocês dois parecem se dar muito bem.

— Nos damos bem.

— Então qual é o problema?

— Você sabe que sempre me senti atraída pelos Sementais. Quero dizer, são as criaturas mais sensuais no mundo.

— Não tem que me convencer disso — sorriu Inez.

— Não sou uma fanática.

— Quem disse que era?

— É que escutei certos comentários no povoado e...

— Que tipo de comentários? — um estranho sentimento se alojou no estômago de Inez.

Não que ela se importasse com o que outros pensavam, mas a intolerância a enfurecia, tanto em humanos como em Sementais. Embora a maioria considerasse os Sementais uma raça nobre e



pensavam que era uma honra para uma mulher se juntar a um deles, algumas pessoas, como Casper, pensavam o contrário. Ela e Terra eram o foco da atenção, nem toda essa atenção era boa isso ela sabia, mas ninguém, exceto Casper, tinha feito comentários diretamente na cara. Provavelmente porque temiam a força de Terra e o temperamento de Inez. Suas profissões como Guerreiro Portador e coletora experiente também impunham respeito no povoado.

— Algumas pessoas têm dito que Linn e eu seremos os próximos a nos casar e então o povoado teria dois Guerreiros Portadores permanentes.

— Isso não é tão ruim — Inez relaxou. *Ao menos haveria menos trabalho para Moor e Terra* — Linn voa muito bem e pelo que ouvi, é um Guerreiro forte.

— Oh, ele é — os olhos da Susana brilharam — Alguma vez o observou aterrissar? Aposto que é igual como ver um anjo guerreiro. É tão elegante para um Semental de seu tamanho.

Inez sorriu.

— Até agora não escutei nada problemático.

— Sou uma curandeira.

— Sou consciente disso.

— Cuido tanto de Sementais como de humanos. Conheço seus corpos, eu...

— O que?

— Nunca toquei um fora do desempenho de minhas funções. Tive vários sonhos em relação ao que deve se sentir estando com um deles. Como se sente, Inez?

— Bom — Inez suspirou. Embora não quisesse revelar detalhes íntimos sobre a relação sexual com seu marido, sabia que Susana necessitava uma resposta, algum tipo de segurança e conforto. — Em sua forma humana, é exatamente como um homem. Como bem disse, é uma curandeira. Sabe disso. O que posso dizer é que sua tremenda vitalidade não se desvanece como sua forma animal, se entende o que quero dizer.

— Sério? — Susana se inclinou um pouquinho para frente.

— Oh, sim. Pode continuar de manhã, ao meio dia e de noite com muito pouco descanso no meio. A única ocasião em que estão cansados é imediatamente depois das coletas, ou se tiverem mais de uma coleta em um mesmo dia.

— Suponho que minha inquietação se deve porque nunca montei um Semental.

— Oh — Inez forçou um sorriso. Estava dando a aula de informação inadequada. Desde que tinha casado com Terra, seus pensamentos giravam em torno de fazer amor.

— Tenho medo de alturas.

Inez arqueou uma sobrancelha.

— Não é uma boa coisa quando um Semental está te cortejando? Linn parece um homem compreensivo.

— Estou me sentindo muito envergonhada, especialmente depois de todos os comentários que sempre faço sobre minha atração pelos Sementais em geral.

— Não há nada do que se envergonhar. Uma vez que comece a voar, garanto que você adorará. Linn é o Semental adequado para te ensinar. Terra não pode gabar-se mais de seu desempenho como novato.

— Não posso acreditar nisto — Susana passou a mão pelo cabelo — Há pouco tempo atrás eu estava te convencendo de que estar com Terra era o adequado. Agora aqui estou, atuando como um pintinho assustado ante a possibilidade de estar com Linn.

— Bom, relaxe e desfrute do que virá.

— Tampouco se trata só do voar. O que há a respeito dos sonhos? Linn e eu nunca compartilhamos sonhos. O que acontece se me apaixono e repentinamente ele encontra a mulher que lhe está destinada?



— Nem todos os Sementais compartilham sonhos. Muitos estão casados com mulheres humanas com as quais nunca sonharam. E os sonhos podem chegar. Onde está escrito que os sonhos devem ocorrer antes que o casal se conheça?

Susana franziu o cenho.

— Isso é certo. Você e Terra ainda compartilham sonhos?

— Não desde que nos casamos - admitiu Inez. Embora às vezes sentisse saudades dos sonhos, a realidade de estar com Terra era um preço justo a pagar pela perda.

— Entretanto, continua feliz?

— Nunca estive tão feliz.

— Bem — Susana, ficou de pé, suspirando — tenho que voltar para povoado.

— Irei contigo. Já quase anoiteceu e provavelmente a Partida de Coleta estará de volta logo. Necessita ajuda com as rondas?

— Isso seria genial.

* * * * *

— Essa foi uma viagem dura! — gritou Day a Terra por sobre o rugido do vento enquanto se remontavam através das Spikelands.

— Muitos Lagartos de Gelo! — gritou Terra em resposta.

— Horrível que Moor tenha ficado ferido, espero que consiga.

Terra podia observar como Moor voava de retorno para casa com coletor e carga embora tivesse recebido um forte golpe no braço. A ferida estava bem localizada, porque embora os Sementais normalmente usassem os braços para impulsionar-se, não eram tão necessários para voar como as pernas, as quatro traseiras e as asas. Era a perda de sangue o que preocupava Terra. Moor tinha perdido bastante sangue antes que pudessem deter o fluxo. Tinham permitido que ele repousasse o maior tempo possível enquanto os outros Sementais brigavam contra os lagartos. Ele disse que era capaz de viajar... não que tivesse muita escolha. Esse era o risco de voar, especialmente nas Spikelands. Nos Trópicos, uma Partida podia ser capaz de tolerar ficar em uma cova para passar a noite, mas as Spikelands eram completamente áridas, deixando qualquer coisa que respirasse vulnerável aos lagartos.

Terra olhou para frente, para Kraig e seu coletor. O pêlo completo do Semental ruivo brilhava, inclusive no sombrio céu. O jovem era um dos mais velozes Portadores que Terra tinha conhecido e o moço freqüentemente alardeava de sua velocidade. Isso poderia ser problemático se alguma vez se cansava e terminava brigando contra um clima severo com a força diminuída. Essa tinha sido uma lição que Terra tinha aprendido muito bem no primeiro ano que esteve como Guerreiro Portador. Tinha quebrado o recorde da viagem ida e volta mais rápido até a ilha mais ao norte das Spikeland... Um recorde que ainda conservava... Mas quase se matou no processo. Pela maneira em que voava Kraig, não duvidava que o jovem estivesse preparando para tratar de romper o recorde de Terra na carreira deste ano.

O olhar de Terra se dirigiu para a direita, esquerda, acima e abaixo enquanto controlava o resto de sua Partida. Só Moor estava fora da vista.

— Pode ver Moor atrás de nós? — gritou Terra ao Day. Assumindo que o Portador ferido era sensível a manter um passo mais lento.

Sentiu que Day dava a volta e olhava atrás deles.

— Sim, ali está. Dá pra ver bem... Espera! O coletor está aliviando a carga!

Terra murmurou uma maldição, seu estômago se apertando devido a preocupação. Moor devia estar desesperado para que seu coletor atirasse as preciosas cargas de Rock Blood de volta ao mar.

— Terra, ele está caindo muito rápido! — gritou Day.



Deve ser pela perda de sangue, depois de tudo, pensou Terra. Instruindo a Day para que se segurasse antes de dar a volta no meio do ar e mergulhar atrás de Moor, que tentava desesperadamente de se manter a um nível seguro sobre o mar. O Semental marrom resfolegava visivelmente, os olhos desfocados e as orelhas presas à cabeça. O sangue se infiltrou pela vendagem do braço. Terra presumiu que se ele pudesse voar sozinho, talvez pudesse retornar para casa. Seu coletor olhou desesperado para Terra confirmando sua suspeita. Já o homem segurava o arreio com uma mão enquanto com a outra tentava o melhor possível para desabotoar a sela.

— Vou voar mais perto deles! — disse Terra a Day — Você ajuda o coletor a subir nas minhas costas!

— O quê? — gritou Day, notando a comoção na voz — Tem certeza que pode transportar nós dois para casa?

— É isso ou esses dois estarão mortos. Moor não conseguirá.

Um dos outros Sementais, mais magro que Moor e Terra, se colocou do outro lado de Moor. Seu coletor dava sinais para Terra de que estavam preparados para ajudar.

O resgate foi difícil já que Terra tinha que se mover muito perto de Moor sem golpear nem ao Semental nem a seu cavaleiro. As fortes pernas de Day se apertavam fortemente contra seus flancos enquanto ele se inclinava atrás das asas de Terra para alcançar o outro cavaleiro. A luta para que o segundo homem encontrasse lugar sobre as costas de Terra fez com que perdesse velocidade e Terra teve que brigar para se manter precariamente apesar dos fortes ventos. Estava agradecido que o vento soprasse em suas costas. Se tivesse sido de frente, poderia ter duvidado sobre sua capacidade para realizar o resto da longa viagem de volta com dois coletores e a carga sobre as costas.

Um olhar a Moor revelou que o Portador ferido já tinha jogado os arreios. O outro Semental e seu coletor já tinham jogado uma correia de couro que foi ajustada debaixo de suas equinas pernas dianteiras. O outro Semental segurava a correia e voava sobre Moor. Se o ferido sentia que precisava descansar, podia se apoiar um momento ou dois enquanto o Semental de cima ajudava a suportar seu peso. De qualquer forma Moor não parecia disposto a carregar o outro Semental e continuou voando por si mesmo, aparentemente com maior controle agora que se libertou do peso dos arreios e do coletor.

— Como está indo? — disse Day a Terra.

— Perfeitamente!

Day não voltou a falar, sabendo que Terra precisava reservar o ar para o vôo. Kraig apareceu a uma curta distância, olhando Terra através de olhos tão avermelhados como seu pêlo devido ao vento. Seus lábios se curvaram enquanto estirava as pernas e batia as asas, subindo.

Terra deveria ter usado sua influência anterior como Guerreiro Portador de primeira para fazer com que enviassem Kraig a outro povoado, mas além de seu pessoal desagradado pelo homem, não tinha uma demanda legítima... até agora. Kraig fez sua parte do trabalho e além de algumas toscas aterrissagens deliberadas, o tinha feito bem. Ainda assim, as coletas exigiam algo mais que velocidade e habilidade para transportar carga. O grupo inteiro dependia um do outro para sobreviver, uma pedra no casco e o Semental podia cair. Era o mesmo para uma Partida de Coleta. Um mau Portador ou coletor e todo mundo sofria.

O vento mudou e Terra se nivelou, dando seu melhor esforço para conservar a energia. O peso dos dois homens mais a carga não o distraíam muito a princípio, mas ainda estavam longe de casa. Depois de uma hora, a carga extra começou a pesar. Em vez das respirações compassadas que gostava de manter na maioria das viagens, começou a ofegar mais que o costume. Seu peito doía e seus pulmões trabalhavam no frio. Seu pulso era muito mais rápido do que ele gostaria para esse ponto da viagem.

— Quer que me desfaça da carga? — gritou Day.



— Não, estou bem! — Terra respondeu, embora fosse só para provar a si mesmo que ainda podia respirar o suficiente para falar. Se não tivesse podido falar, então teria considerado a possibilidade de atirar a carga.

As pernas traseiras que impulsionavam Kraig eram visíveis sobre eles. Sendo um Portador maior, Terra sabia que ele tinha força suficiente para levar um segundo cavaleiro, ainda que fosse por um curto tempo. Se estivesse no lugar dele, Terra teria se oferecido para revesar a carga adicional na metade da viagem. Sabia que outros Sementais que viajavam com ele não tinham a força suficiente para levar dois cavaleiros, entretanto tinham pairado perto um par de vezes e tinham oferecido uma correia de apoio que ele tinha recusado. Terra tinha pairado com carga pesada anteriormente, como tinha feito cada Guerreiro Portador que tinha treinado, inclusive Kraig. Sentia que era importante que estivessem preparados para qualquer possível situação. Não só isso, se um dos Sementais menores tentava usar uma correia de apoio para ajudar a alguém de seu tamanho, completamente carregado, era a forma mais certa de que os dois e seus cavaleiros colidissem.

Quando saíram do longínquo norte, o vento diminuiu e pela primeira vez Terra desejou esses ventos frios. Ao menos o ajudavam no vôo senti-los na cauda. Nas últimas milhas, esteve dependendo somente de sua própria força. Quando sobrevoaram a costa de seu lar, pensou que uma Pista de Decolagem nunca parecia tão preciosa. A garganta lhe doía de tanto respirar pela boca dado que parecia que respirar pelo nariz não lhe dava ar suficiente. O coração palpitava em seus ouvidos e o suor jorrava da cabeça até os cascos.

— Estamos quase chegando — disse Day, mais como uma oferta de apoio que como um comentário necessário.

Embora cansado e preocupado por Moor, Terra tinha que admitir que se sentia bastante orgulhoso enquanto dava a volta para aterrissar. Como Guerreiro Portador, ainda era de primeira categoria.

* * * * *

Inez e Susana se uniram a Linn para escovar as montarias e os arreios. Inez trabalhava na de Terra, pensando que ele ficaria contente de encontrá-la pronta. Passou as mãos sobre o couro do arreio, recordando como se sentia segurando enquanto o montava. Gostava do aroma de betume e a sua própria e sensual essência almiscarada.

— Os Portadores estão aterrissando! — Ouviram um grito de fora do estábulo — Parece que alguém está ferido!

— Deuses! — Inez soltou o arreio e saiu correndo. Linn e Susana, com a bolsa de couro que continha os fornecimentos médicos na mão, seguiram-na de perto. O jovem Guerreiro Portador rompeu em galope, passando aos muito mais lentos humanos enquanto corriam para a Pista de Decolagem.

O coração de Inez golpeava de medo. Terra tinha sido ferido. Estava certa disso!

Enquanto eles se aproximavam dos Portadores que já tinham aterrissado, ela viu que não era Terra e sim Moor o que estava de joelhos. Ele respirava tão forte que o ouviu muito antes que ela e Susana o alcançassem. Linn e os outros Sementais se ajoelharam ao lado dele, segurando-o antes que caísse por completo.

— Há sangue por todos os lados. De onde vem? — disse Inez, apalpando o tronco quente e ensangüentado de Moor em busca da ferida.

— Braço — Moor se forçou a dizer arquejando.

Susana já tinha encontrado a ferida e estava tirando a bandagem encharcada de sangue. Disse a Inez que arrumasse outra. Enquanto Susana trabalhava, Inez massageava o reaquecido corpo de Moor, emprestando especial atenção às pernas e aos ombros.

— Lagarto de Gelo? — perguntou Linn ao Semental maior.

Moor assentiu com a cabeça, apertando os dentes.



— Trarei alguns baldes de água para refrescá-lo. Não acredito que você possa caminhar por um momento — Linn ficou de pé. Um par de guardas do Chefe que se aproximou do alvoroço se ofereceu para ajudar Linn.

— Não até que cauterize a ferida do braço — disse Susana enquanto atava a bandagem. A curadora pôs a mão no ombro dele — Vai ficar tudo bem. Depois que você puder mudar de forma, irá acelerar o processo de cura. Ainda teve sorte de poder terminar a viagem após perder tanto sangue.

— Onde está seu coletor? — perguntou Inez, o medo lhe subindo pelo estômago.

— Terra o recolheu.

— Terra? — Inez ficou de pé, recordando repentinamente do seu marido. Não é que o tivesse esquecido realmente. Só que tinha estado preocupada com Moor e por um momento não tinha estado raciocinando coerentemente.

Sentiu o bater de asas sobre a Pista de Decolagem e viu o brilhante corpo negro e quatro pés brancos cortando através das nuvens. Apesar do aparente peso de dois homens e a carga, sua aterrissagem foi o de sempre. Enquanto corria para ele, os homens se deslizaram de suas costas. Instantaneamente Day desabotoou a cilha dos arreios e os dois homens se apressaram em descarregá-lo.

Deuses, ele parecia tão cansado! As orelhas estavam achatadas e o peito do seu homem arfava. Inclinando-se para frente ela abraçou a sua frente equina. O suor corria como chuva por todo o corpo dele.

Ele se endireitou, o olhar injetado em sangue fixando-se em Inez enquanto tirava o arreio.

— Ouvi o que houve — disse Inez quando ele começou a explicar — Só recupere o fôlego. Pode me contar isso depois.

Ela pegou o arreio molhado e começou a ajudar os homens a descarregar a carga e tirar a arreios. Não havia tempo a perder. Deu-se conta de que Terra precisava se refrescar rapidamente, ela pôs a mão sobre o pulsante flanco, sentindo as veias distendidas debaixo do pêlo encharcado.

Notou que a respiração dele tinha começado a se normalizar e não ofegava nem tossia. Poucos Sementais podiam ter viajado essa distância, com esse sobrepeso e ter agüentado tão bem como Terra. As pernas e o corpo estavam firmes, nada de cambaleios para ele.

— Como está Moor? — perguntou Terra.

— Susana está cuidando dele. Ele vai ficar bem — disse Inez.

— Está vivo — disse o coletor de Moor enquanto soltava as Rock Blood em um saco meio cheio - E eu também, graças a você.

— Fiz meu trabalho. Você e Moor fariam o mesmo.

— Bem, pois estou orgulhoso de trabalhar contigo — declarou o coletor.

— E eu também! — adicionou Day, tirando os arreios e a manta das costas de Terra — Deixe comigo. Encarregarei-me dos arreios por ti. Vá ao lago ou algo assim.

— Vou agora mesmo! — disse Terra agarrando a mão de Inez, enquanto deixavam a Pista de Decolagem. A palma e os dedos estavam muito quentes e a mão tremia um pouco devido ao exercício. Ainda assim tinha um olhar presunçoso em seus olhos vermelhos quando deu uma careta e disse — Como esteve sua noite?

— Oh, Terra! — não pôde evitar sorrir — Te amo. Realmente te amo.

O som de pegadas à direita chamou sua atenção para Kraig que estava de pé, olhando Terra, com seu pêlo avermelhado espumando devido à viagem. Terra encontrou seu olhar, com uma expressão de desgosto antes de voltar sua atenção para Inez.

— O que tem de mal nele? — ela inclinou a cabeça em direção a Kraig.

— É um filho da puta preguiçoso, isso é o que está mal com ele. Poderia ter levado o cavaleiro metade do caminho, não é que tivesse que fazê-lo. Foi o único na Partida que não ofereceu nenhum



tipo de ajuda. Vou enviar uma mensagem ao General Sota. Quero-o fora deste povoado. Qualquer um, que seja Semental ou humano, que não se possa contar durante uma coleta é inútil.

- Estou de acordo. E está tão ciumento de você que solta fumaça.
- Não sei qual é o problema dele, mas já não me diz respeito.

* * * * *

Casper curvou os lábios com repulsa enquanto se aproximava de Kraig, que chutou com os cascos traseiros um grosso carvalho velho tão forte que trincou o tronco e a terra se sacudiu. A pelagem do Semental estava espumosa por causa do vôo. Nada lhe parecia mais desagradável que um suado e pestilento Semental com sua pelagem completa.

- Bastardo! – murmurou Kraig em voz baixa.
- Suponho que está se referindo ao herói do momento, o magnífico Terra – disse Casper.
- Herói do momento – zombou Kraig – Ele faria qualquer coisa a seu alcance para provar o grande Guerreiro Portador que é, até transportar dois inúteis humanos nas costas em uma viagem às Spikelands!

– Sim. E parece que fez bem – Casper chutou a mesma árvore que Kraig tinha chutado um momento antes.

Kraig grunhiu, apertando os peludos punhos e trincando os dentes.

– Esperas que encontremos um momento de debilidade nele. Esse é seu plano? Boa sorte! Sua parte eqüina se parece mais a de um boi!

– Se estava tão ansioso de provar algo a si mesmo, por que não se ofereceu para levar o segundo cavaleiro na metade da viagem?

Os olhos verdes de Kraig brilharam com fúria.

– Por acaso eu pareço um tonto? Não vou me arriscar a arrebentar meus pulmões e me romper as costas por um maldito humano. Por dinheiro, pode ser, mas não por um de sua espécie.

– Você disse que devíamos esperar que nos chegasse o momento certo. A oportunidade chegará e o poderoso Terra cairá sobre seus nodosos joelhos eqüinos.

– Será melhor que tenha razão – disse Kraig – Porque se não for assim, significa que estou suportando a proximidade do seu fedor humano por nada.

– Não por nada. Tenho outra proposta para ti.

– Do que se trata agora?

– O que você acha de ter a oportunidade de ganhar uma boa quantidade de moedas extras?

– Já trabalhei o suficiente.

– Mas não obtém muitos lucros como Guerreiro Portador. Inclusive como Portador privado e coletor deve pagar uma parte dos lucros à aldeia que te apóia. Este seria um ganho líquido e claro para nós dividirmos.

Kraig tinha uma expressão de desgosto, mas o interesse brilhava em seus olhos.

– Qual é sua proposta?

– A temporada de coleta está quase terminada. Logo haverá poucos Portadores e coletores nos povoados próximos. Todos estarão, ou visitando suas famílias e amigos durante seu tempo livre, ou procurando trabalho extra nas ilhas tropicais.

– Diga algo que eu não saiba, humano.

– Os depósitos estarão cheios e a guarda será escassa nos meses de inverno. Além do mais o que tem de excitante no inverno? Todo mundo está hibernando em suas casas. Há menos guardas nos depósitos....

Kraig sorriu.

– Acredito que sei o que está sugerindo.

– Há alguns comerciantes que conheço que pagariam grandes somas para obter algumas Rock Blood extras para vender ao povo rico que embolsa fornecimentos privados. Está interessado?

– Veremos.



— Pensa nisso, Semental. Valerá à pena.



Capítulo 7

Cavalos Selvagens

Terra levou uma hora mais ou menos para se refrescar completamente depois do voo. Após mudar para a forma humana, Inez e ele pararam na casa principal para ver Moor. Susana disse que ele estava dormindo e bastante confortável.

Enquanto Inez e Terra andavam de mãos dadas para sua casinha, ela notou que seu ritmo era um pouco mais lento do que o normal. Sabia que a mudança de forma o levava a uma rápida cura, os efeitos de feridas sérias ou de esforços físicos severos podiam sentir inclusive pelos Sementais em sua forma humana. Não duvidava que Terra tivesse os músculos doloridos e uma fadiga geral depois do voo desta noite. Quando o tinha massageado ela tinha tido cuidado extra com as pernas dele.

– Quando chegarmos em casa farei outra massagem – disse ela.

– Isso soa muito bom, mas temo que possivelmente esteja um pouco decepcionante. Estou realmente pronto para dormir.

– Quero dizer que massagearei para dormir. Nada mais – Ela apertou a mão dele mais forte

– Estou muito orgulhosa de você, Terra, e tão agradecida. Teria sido horrível perder Moor. Ele foi como um pai para mim desde que minha própria família morreu.

– Cresceu com ele?

– Sim.

– Não sabia.

– Não falo muito de meu passado. Não foi muito feliz.

– Entendo – ele soltou a mão para lhe acariciar a nuca – Algum dia me falará disso. Pode me contar tudo, sabe.

Ela o olhou.

– Sei. Sempre me sinto segura com você, Terra.

– Fico feliz.

Quase tinham alcançado a casa quando ela falou outra vez.

– Meus pais morreram durante a Peste. Ambos eram curandeiros e se ofereceram como voluntários em um povoado pobre sem muito Rock Blood para abastecer a todos. Contrai a Peste também, mas sobrevivi. Moor estava entre o primeiro grupo de Guerreiros Portadores para atender completamente a aldeia. Seus Guerreiros Portadores não são como a maior parte das pessoas no negócio privado. Seu dever é ajudar às pessoas e manter o ritmo dos fornecimentos, inclusive quando faz pouco ou nenhum ganho. A maioria dos seus são bons homens.

– Espera, espera, Moor foi um Guerreiro Portador?

Ela assentiu.

– Não diga que eu contei. Ele não gosta de falar sobre isso.

– Por quê?

– Sua esposa morreu enquanto ele estava em uma coleta. O Guerreiro Portador a cargo da partida sabia que a mensagem tinha sido enviada, dizendo a Moor que viesse rápido se queria ver sua esposa antes que morresse. O Semental não deu a mensagem até que voltou da coleta. Quando chegou em sua casa na aldeia já era tarde. Culpou os Guerreiros Portadores porque não tinha podido estar com ela. Entendo como ele deve ter se sentido. Se algo ocorresse me mataria não poder estar com você. Ele e a esposa também compartilharam sonhos.

Terra franziu o cenho.

– Que triste.

– A viagem até a nossa aldeia foi a última dele como Guerreiro Portador. Alugou-se a si mesmo para coletas privadas depois disso. E cuidou de mim. Acredito que sentíamos algum tipo de



parentesco, ele acabava de perder a esposa e eu a meus pais. Foi o primeiro Semental que montei e me treinou como coletor.

— Não me estranha que ele cuide tanto de você.

Inez achou que detectava uma nota de ciúmes voz dele.

— Penso nele como meu pai — Inez o olhou fixamente — Não precisa se preocupar, nunca haverá qualquer homem entre nós, Terra. Eu te pertencço.

— Te quero tanto, Inez.

— Oh, Terra, esta noite quando ouvi que alguém tinha sido ferido, tinha tanto medo de que fosse você — Ela o rodeou com os braços — É obvio me assustei quando vi que era Moor, mas meu primeiro pensamento foi para você. Quando ouvi que estava trazendo um homem extra, fiquei aterrorizada de que te fizesse mal.

A risada ressoou profundamente no peito dele quando a manteve mais perto.

— Precisaria muito mais que um inferno para me danificar. Fiz de tudo durante minha vida com os Guerreiros Portadores. Sou um velho Semental duro, meu amor.

— Estava preocupada porque sei que feriria a ti mesmo antes de deixar cair um humano para a sua morte, justo como Moor.

— Isso foi o que o cavaleiro disse a respeito dele, não o que o resto de nós poderia dizer como ele lutou. Posso ver definitivamente como era de Portador Guerreiro.

Tinham alcançado sua casinha e entrado. Enquanto Terra acendia o fogo, Inez se despiu deitou na cama.

— Tire as roupas e se deite — disse ela.

Ele fez o que ela pediu. Quando ele se deitou de bruços, Inez se ajoelhou a seu lado, massageando os ombros e as costas. Os grossos músculos se sentiam tensos enquanto os esfregava com relaxantes movimentos circulares até que se relaxou debaixo dela.

— É muito bom — murmurou ele, meio adormecido.

Ela beijou a bochecha dele antes de continuar a massagem, apertando as palmas na cintura e abaixo de suas costas. Ele deu um gemido suave quando ela acariciou seu Ponto de Mudança, mas não demorou muito tempo ali. Sua meta era o relaxamento, não a estimulação. Massageou as nádegas, as coxas, panturrilhas e os pés. Quando terminou ele estava profundamente adormecido. Inez se deitou a seu lado, cobrindo a ambos com um lençol. Mesmo com o tempo fresco, uma manta pesada não era necessária para dormir ao lado de um Semental. A temperatura corporal deles era muito mais alta que a de um humano. Todo esse calor era tão bom, especialmente no inverno.

— Boa noite, Terra — cochichou, tomando uma mecha de seu cabelo negro encaracolado entre os dedos e beijando-o — Te amo.

* * * * *

Na tarde seguinte, Inez e Terra pararam no abrigo para preparar seu último vôo antes que as coletas parassem pelo inverno.

Moor, em forma humana e com seu braço ainda enfaixado se juntou a eles, Inez envolvia as patas de trás de Terra com bandagens enquanto ele o fazia com as da frente. Ela sabia que seus músculos tinham provavelmente pequenas chagas pelo vôo da noite anterior e as ataduras proporcionariam um amparo a mais durante a viagem.

— Nunca poderei agradecer o bastante pelo que fez — disse Moor — Estava bem até que o maldito braço começou a sangrar outra vez. Tratei de mantê-lo acima, mas não é fácil fazer uma bandagem de campo no meio do vôo.

— Como disse, você faria o mesmo por mim.

— Tivemos uma boa equipe ontem. Quase todos se moveram juntos e estou agradecido a cada um de vocês.



— Está bem, Moor. Sei de quem está falando — Terra se endireitou e amarrou seus arreios — Kraig voou sua última coleta com a minha tropa.

— Suja o nome dos Guerreiros Portadores, mas sempre há um tipo de Semental que se une simplesmente pelo prestígio de ser da elite.

— Esse prestígio foi ganho por parte de alguns dos mais finos Sementais de nossa história. Um homem que não pode se mover junto com sua Partida não tem lugar entre eles. Conheci Portadores privados com muito mais integridade.

— Incluída a presente companhia, espero — Moor sorriu.

— Sem dúvida alguma.

— Fico feliz que você esteja melhor, Moor — Inez deslizou seus braços ao redor de seu amigo em um gesto inusitado de carinho.

Moor a apertou fortemente.

— Conseguiu um bom Semental, Inez. Não poderia ter esperado nada melhor para ti.

— Você vai sair hoje? — Ela perguntou.

— Depois que vocês voltarem — Moor olhou para Terra e deu de ombros — É como uma filha para mim. Preciso saber se ela volta sã e salva antes que eu possa ir a algum lugar. Inclusive eu deveria ir a esta coleta, se não fosse por esta maldita ferida. Faz com que eu me sinta tão inútil.

— Todos temos que descansar alguma vez — disse Terra — Desfruta de seu tempo livre.

— Seu irmão ficará contente de vê-lo — disse Inez a Moor — Faz muito tempo que você não visita ele e a sua família.

Moor os seguiu até onde Inez montou. Ela acenou com a mão para Moor, que disse:

— Boa viagem!

Antes de dar um passo na Pista de Decolagem, Terra esperou que Linn e seu coletor se afastassem.

— Pronto, meu amor? — perguntou Terra quando o atalho ficou livre.

— Sempre que você esteja.

Ele acelerou rapidamente, as asas batendo e decolou.

— Só pensa no tempo que teremos para brincar neste inverno — disse Inez.

— E a casa de banhos está quase acabada. Serão um prazer os dias de neve... e as noites.

Ela massageou-lhe entre as omoplatas.

— Mal posso esperar!

* * * * *

A colheita transcorreu sem problemas, embora o vôo de volta tivesse sido um pouco difícil devido a direção dos ventos. Tinham recebido notícias a poucos dias de exploradores de Sementais enviados para verificar as ilhas, que os Spikes tinham começado a cobrir várias das ilhas ocidentais. As outras se cobririam também logo, então nem sequer os exploradores voariam outra vez até a primavera.

Inez se alegrava de ter algum tempo livre para ela e seu novo marido. Possivelmente poderiam começar a trabalhar seriamente nesses meninos que Terra queria tanto. Para sua surpresa os desejava também. Uma filha humana e com um pouco de sorte um filho Semental. Esperava que herdassem a formosa boca da Terra ao invés da sua pouco atrativa, embora ele dissesse que esperava que se parecessem exatamente com ela.

Chegaram em casa depois do anoitecer e foram saudados por Moor e Susana que veio para se encontrar com Linn.

Inez sentiu uma onda déjàvu enquanto Susana olhava Linn e perguntava.

— Você gostaria de companhia enquanto se refresca?



O jovem Semental sorriu largo e agarrou a mão dela com a sua coberta de pêlo. Começaram a rodear a margem exterior da Pista de Decolagem. Aparentemente Susana apreciava o apertado casaco do Linn tanto como Inez apreciava o de Terra.

Menos de uma hora mais tarde, Inez e Terra estavam no caminho de casa. Pela maneira como ele a pegou em seus braços, levando-a para dentro e quase arrancando todas as suas roupas, ela soube que ele estava bastante pronto para ter relações sexuais.

Quando ela ficou nua, ele a colocou em um banco próximo a parede. Arrancou as próprias roupas e então a pressionou contra seu corpo morno e nu.

— Só pense — disse — se podemos fazer amor a noite toda e dormir durante todo o dia.

— Você planejou isso?

— O que você acha?

Beijou uma trilha entre seus seios e ventre antes de alcançar seu suave montículo.

Ajoelhando-se entre ela, beijou-lhe o sexo e lambeu a tenra e pequena protuberância. Inez fechou os olhos e se inclinou contra a parede, as mãos se enroscando no cabelo grosso e encaracolado. Ele conhecia muito bem o corpo dela para sentir quando ela estava a ponto de explodir e parava de lambe-la enquanto ela oscilava entre o orgasmo.

Ficando de pé, ele a possuiu, apertando suas nádegas e levantando-a. Ela fechou as pernas ao redor de sua cintura e se uniu a ele enquanto se movimentava. Precisou de pouco tempo antes que ela tremesse e pulsasse com o clímax.

Ainda duro dentro dela, ela a levou para a cama e a colocou na borda enquanto se ajoelhava e a possuía com força. Inez gemia, a cabeça afundada no colchão enquanto seus quadris balançavam ao encontro dele. O orgasmo seguinte a fez formigar de prazer da raiz do cabelo até as pontas dos dedos.

Ele deslizou seu pênis para fora e a arrastou para cima na cama. Deitando ao lado dela, ele acariciou os seios e o ventre com as pontas dos dedos. Inez gemia, satisfeita e se virou para ele. Enquanto ela se aproximava lentamente, ele escorregou um braço ao redor de sua cintura e a atraiu para a longitude de seu corpo duro e quente. A ponta de seu pênis roçou em seu sexo escorregadio antes que a penetrasse outra vez. De lado, envoltos um nos braços do outro, fizeram o amor lenta e meigamente.

— Te amo Terra — sussurrou ela, acariciando sua face. Agora que o tinha admitido em voz alta, não parecia capaz de dizê-lo o bastante.

Ele a beijou na testa e nos lábios enquanto lhe massageava as costas.

— Meu coração é seu, Inez.

Com as pernas entrelaçadas e os braços apertados um ao redor do outro, o ritmo se acelerou. Inez pressionou o rosto contra seu ombro e ele enterrou o seu no pescoço dela, enquanto ela pulsava na maravilhosa agonia de outro clímax. Ele gozou depois, seu corpo tenso esticando-se ainda mais enquanto gemia de prazer, então relaxou.

Inez ficou de joelhos e olhou Terra que a olhava com chamas ardendo atrás de sua expressão relaxada. Deuses, ela se perguntava se alguma vez se cansaria de olhá-lo. As pontas dos dedos se arrastaram sobre o peito duro e riscaram cada uma das costelas, que apareciam mais proeminentes do usual devido ao acréscimo das coletas. Quando a estação dos Spike se aproximava, a maior parte dos Portadores ficava só ossos e músculos. Em um grande e perfeito proporcionado Semental como Terra, a perda de peso só parecia lhe fazer parecer mais elegante.

Ela se inclinou, tocando com seus lábios o peito dele onde ficava seu coração. Pulsava devagar e constante. Fechando os olhos, percorreu com a língua um dos mamilos antes de tombar-se na cama ao lado dele.

Depois de um momento, Terra ficou de pé, pressionou um suave beijo no topo de sua cabeça e saiu. Pensando que se foi para se aliviar, Inez se estirou e fechou os olhos, suspirando contente enquanto esperava sua volta.



Seus olhos se abriram de repente quando ouviu o estrépito de patas no piso da casinha. Terra a tirou da cama e a sustentou contra seu peito.

— O que está fazendo? — riu bobamente, contorcendo-se de prazer quando ele lambeu e lhe beijou o pescoço.

— Quero outro vôo antes de dormir.

— Honestamente, Terra, às vezes parece que nada pode te desgastar!

— Às vezes sinto que nada pode.

Moveu as sobrancelhas e se dirigiu à porta, Inez ainda acomodada em seus braços. Inez olhou o céu estrelado enquanto acariciava a forte garganta de Terra.

— Olhe pra mim — ordenou ele.

Ela o olhou nos olhos, o estômago apertado pela ardente expressão que havia neles. Ele umedeceu seus lábios com a ponta da língua. Ela sentiu que seu peito se expandia enquanto ele tomava um profundo fôlego.

— Sabe que sempre te manterei a salvo quando estivermos no céu.

— Claro — Inez levou a mão até sua bochecha.

— Ponha ambos os braços ao redor do meu pescoço e se segure bem forte.

Sem duvidar, ela fez o que ele pedia, se pendurando em seu pescoço e enterrando seu rosto no ombro. Os braços dele se apertaram ao redor dela, mantendo-a perto enquanto começava a correr. O coração de Inez pulsava com excitação enquanto subia rapidamente. O vento a golpeava mais duramente do que quando ia atrás no amparo de seu tronco. Suas asas batiam o ar, embora soubesse que estava voando muito mais devagar do que o normal.

— Bem, solte meu pescoço — disse ele.

— Deve estar brincando — ela não devia soltá-lo quando estavam tão alto.

— Não te deixarei cair. Prometo.

Lentamente, Inez liberou seu aperto sobre ele, quase se assustando quando começou a girá-la entre seus braços.

— O que está fazendo?

Ele moldou o corpo dela ao seu, um braço envolvendo-a firmemente pelo meio.

— Agora suba as mãos e me agarre.

Respirando lentamente Inez estendeu os braços sobre a cabeça e agarrou o pescoço de Terra com ambas as mãos.

— Agora relaxe — disse ele.

— Nesta posição?

Ele riu entre dentes, o peito vibrando debaixo dela. Tinha que admitir que estar sendo segura perto do peito humano de Terra lhe oferecia um ponto de vista que nunca tinha imaginado possível. Tinha que estar o mais perto que um humano podia chegar a experimentar voar através dos olhos de um Semental.

O braço livre de Terra desceu pelo corpo de Inez. Seus dedos acariciaram o triângulo de pêlo entre as pernas. Inez tiritava tanto do frio vento da noite como de luxúria, quando ele começou a acariciar seus clitoris e a vagina. Inez gemeu, suas nádegas esfregando-se contra seu corpo, adorando a sensação de sua morna pele humana no torso do homem e a pelagem suave que cobria seu peito equino. Os dedos dele, escorregadios pela umidade dela se juntaram em seu dolorido sexo, esfregando primeiro um lado do clitoris e depois o outro. A mão se moveu para cima cobrindo um de seus seios enquanto o polegar lhe esfregava o mamilo.

— É, é assombroso! — Inez respirava, inclinando a cabeça contra ele, seus olhos meio fechados contra o vento. Ofegou quando a alcançou entre suas pernas outra vez, o dedo do meio formando redemoinhos dentro dela enquanto o polegar acariciava seus clitoris — Oh! Terra! Oh, sim, amor! Sim!



O pensamento de um orgasmo alcançado enquanto estava impotentemente suspensa tão longe da terra empurrou a paixão de Inez a seus limites. Uns poucos toques mais dos dedos hábeis de Terra e ela amoleceu, sua quente vulva pulsava apertando o dedo que ainda tentava seu dolorido clitóris e pulsava contra a carícia do polegar.

Quando Inez se recuperou, notou o coração que batia forte contra suas costas e o pescoço que vibrava entre suas palmas. Sabia que a respiração desigual dele não tinha nada a ver com o curto e lento vôo se não com um aumento da tensão sexual.

— Oh Deus, te quero tanto — disse ele com voz rouca.

— Então me leve para casa e me toma.

Dando uma volta longa, deslizou um braço sob suas pernas e moveu o outro ao redor de suas costas, outra vez segurando-a da maneira normal.

— Não sou muito pesada? — perguntou — Seus braços devem estar te matando.

— Não parece pesar nada.

— Como pode suportar o vento quando voa? — enterrou a face em seu peito enquanto uma rajada particularmente forte enviou um estremecimento por todo o seu corpo.

— Nos os Sementais fomos feitos para isso.

— Isso e outras coisas — sorriu ela.

Grunhindo de desejo, ele devolveu o sorriso, apertando-a mais forte enquanto se deslizava para aterrissar no campo detrás da casa.

* * * * *

Na manhã seguinte, após o banho e do café da manhã, Inez e Terra empacotaram uma cesta com comida para a tarde e decidiram caminhar nas pradarias há várias milhas da aldeia. Terra manteve sua forma humana enquanto passeavam um ao lado do outro, discutindo assuntos agradáveis e corriqueiros.

— Nunca me contaste nada a respeito de sua família — ela o olhou enquanto andavam.

Um sorriso débil curvou os lábios elegantemente formados de Terra.

— Meus pais teriam gostado de você. Meu pai era um Guerreiro Portador... e um dos melhores. Tinha voado em milhares de coletas.

Ela sorriu.

— Já vejo de onde conseguiste seu coração, então.

— Era um velho Semental puro, isso eu garanto. Morreu durante uma coleta no ano em que me uni aos Guerreiros Portadores.

Inez apertou a mão dele mais forte.

— Lamento muito.

— Eu também, mas morreu fazendo o que amava acima de qualquer outra coisa. O velho tinha nascido para voar, não tinha dúvida a respeito disso.

— E sua mãe?

— Era uma mulher boa e muito bonita, mas que filho não pensa que sua mãe é bonita, suponho. Morreu dois dias depois de dar a luz a minha irmã.

— Não sabia que tinha uma irmã.

— Quero visitá-la com você ainda neste inverno. Mande uma mensagem antes de deixar o Hall dos Guerreiros Portadores a respeito de vir aqui, mas ela não me respondeu ainda. É uma Mensageira e provavelmente esteve longe entregando notícias de outras pessoas.

— Interessante trabalho para uma mulher.

— É uma garota teimosa. Não queria depender de ninguém depois de que nosso pai morreu. Estou certo de que você gostará dela.

— Pelo que ouvi, acho que já gostei.



O som de patas interrompeu a conversa. Uma manada pequena de verdadeiros cavalos silvestres foi a meio galope pela crista da colina mais próxima. Detiveram-se antes de se afastarem pelo campo, seus graciosos pescoços arqueados enquanto se alimentavam da erva tenra.

— Animais agradáveis — observou Terra.

Inez riu bobamente. Ele a olhou.

— O que foi?

— Há algo que ouvi a respeito dos Sementais e freqüentemente me perguntei sobre isso.

Terra sorriu.

— Aí vem.

— Você o conhece?

— Posso só adivinhá-lo. Continue e pergunta logo. Possivelmente esteja equivocado.

— Alguma vez... sabe... os Sementais transam com cavalos verdadeiros?

Ele riu, inclinando seu bonito rosto para o céu.

— Sabia! Os humanos invariavelmente fazem essa pergunta.

— Então?

Ele a olhou nos olhos

— Você pode me imaginar fazendo amor com um cavalo? Sim, há alguns Sementais pervertidos que transam com cavalos verdadeiros, assim como há alguns humanos pervertidos que transam com ovelhas... Isso foi o que ouvi. Inez, para um normal e racional Semental fazer amor com um cavalo verdadeiro seria semelhante a que um humano fizesse amor com um macaco.

— Desculpe — Ela se ruborizou — Não acreditava que o fizesse, mas ouvi histórias.

— Suponho que não posso culpar você pela curiosidade, mas parece que terei que dobrar meus esforços quando fizer amor contigo — brincou, puxando-a para seus braços e cobrindo o pescoço dela de beijos — Não quero que minha esposa se pergunte com que classe de fêmea quero fazer amor.

— Não queria dizer você, Terra — riu bobamente enquanto ele apertava seus lábios contra seu pescoço e soprava, a sensação fazendo cócegas até os dedos.

Ele a soltou e decidiram comer debaixo de uma macieira em uma colina próxima, assim poderiam olhar os cavalos.

Embora a selvagem e particular manada não fosse familiar para Inez. Ela reconheceu as cinco éguas castanhas e ao grande garanhão marrom. Eles a conheciam também e tinham aprendido a confiar nela tanto que tinha montado em várias das éguas em pêlo. Sorriu. Cavalgar para Terra em pêlo não era nada como cavalgar um verdadeiro cavalo.

— Cavalgou alguma vez um cavalo verdadeiro, Terra? Em sua forma humana, é óbvio.

— Infernos, sim — disse, tomando um pedaço de pão da cesta e compartilhando com ela — Os cavalos são maravilhosos. Gostam da gente também e raramente têm medo dos Sementais, nem sequer em nossa forma humana.

— Não estava certa se um Semental se incomodaria de montar um verdadeiro cavalo, já que sua velocidade e resistência ultrapassam às deles.

— É mais pelo prazer de compartilhar a amizade com um animal tão primitivo. Verdade seja dita, não me importaria de montar a esse garanhão, se ele deixasse. A maioria dos verdadeiros cavalos é muito pequena para que os monte, mas os deste grupo são bem grandes.

— Acredito que eles vêm do oeste, onde os cavalos são maiores.

— Muito provável.

Quando terminaram a comida, lentamente se aproximaram da manada. Várias das éguas assim como o garanhão levantaram as grandes cabeças e os olharam fixamente. O garanhão deu coices com suas enormes patas e suas orelhas se moveram nervosamente. Inez sabia que a reconhecia. Embora não conhecesse Terra, o aroma do Semental não o assustava como faria o de um humano.



— Vai fugir de mim, grande menino? — Terra falou suavemente com o garanhão enquanto se aproximava, estendendo a mão.

O olhar de Inez ia do cavalo para Terra, seu coração pulsava com antecipação. O entusiasmo de ganhar a confiança dos cavalos selvagens ainda era algo de que desfrutava.

O garanhão se manteve firme enquanto Terra se aproximava, tocando seu pescoço. O animal tremeu, seus olhos cintilando, antes que virasse e galopasse para longe. Terra o perseguiu, as longas pernas tragando o chão. Mesmo na forma humana, os Sementais eram muito mais rápidos que os humanos, quase tão rápidos como os verdadeiros cavalos. Terra alcançou o garanhão, deslizando os braços ao redor do pescoço e montando em seu lombo. O garanhão corcoveou duas vezes, então continuou seu galope, as patas escuras arrancando pedaços da grama enquanto corria.

As éguas olhavam seu líder com o homem em seu lombo. A mais próxima de Inez relinchou. Inez se aproximou, murmurando suavemente. Finalmente a égua permitiu que ela acariciasse o pescoço e o ombro.

Inez olhou enquanto Terra utilizou as mãos e os joelhos para guiar o garanhão de volta à manada. Sabia que ninguém, exceto um Semental, nunca teria conseguido se aproximar o bastante para tocá-lo, para lhe permitir montá-lo. O cavalo parou, quase sem fôlego depois da rápida carreira, Terra escorregou de seu lombo. Terra foi tocado no ombro em um gesto quase carinhoso pelo cavalo antes do mesmo se afastar trotando para continuar vigiando a sua manada.

Terra se aproximou de Inez e da égua. Acariciou o nariz do cavalo antes de tomar a mão de Inez. Juntos reuniram o que ficara de sua comida e a empacotaram na cesta.

Andaram sobre duas colinas mais até alcançarem o lago.

— Você se importa se eu nadar? — perguntou Terra, tirando a camisa.

— Vá em frente. Está muito frio para mim.

Inez sentou debaixo de uma árvore e encarou o lago. Olhou, suspirando de prazer, enquanto Terra tirava suas calças. Os músculos esculpidos de sua forma humana se ondulavam em suas costas, nádegas e pernas enquanto andava para o lago. Quando a água alcançou o seu peito, ela o viu fechar os olhos e estremecer, enviando ondas pela superfície do lago. Tinha mudado de forma, estava certa. Embora nunca ele tivesse permitido ver sua parte inferior quando ocorria, tinha reconhecido os outros sinais de sua mudança.

Emergiu da água sobre quatro patas firmes e se aproximou dela. Deitando-se ao lado dela, ele descansou a cabeça em seu colo enquanto ela acariciava os negros cachos molhados do lago.

— Levarei você para casa — disse Terra — Assim que me secar. Não quero molhá-la.

Inez suspirou contente, enquanto inclinava a cabeça para trás contra a árvore e fechava os olhos. Embora os dias estivessem muito frios para nadar, ainda eram agradáveis para se sentar fora. Com o sol baixando, a sensação de Terra tão perto e a idéia de que tinham o inverno livre de coletas, ela relaxou o bastante para cair em um sonho ligeiro.

Despertou com a boca de Terra roçando a sua com um beijo.

Seus olhos piscaram abertos e ela escorregou seus braços ao redor do pescoço dele, estreitando-o em seus braços.

— Suponho que deveríamos ir para casa — disse Inez — Susana e Linn irão jantar conosco esta noite. Quero preparar algo especial.

— Tudo bem. Linn disse que estará na aldeia durante o inverno. Ele e eu seremos os únicos Sementais aqui até que comece a nova temporada de coletas, além de Moor, é claro, quando voltar em poucas semanas. Pergunto-me quanto tem da influência de Susana na permanência de Linn — os olhos de Terra brilharam divertidos.

Inez riu enquanto montava em Terra.

— Hmmm, também me pergunto.

Com Terra levando-a só duraram uns minutos até alcançarem a casa. Enquanto Inez entrava para preparar sua famosa receita de guisado, Terra mudou para a sua forma humana. Os Sementais



podiam mudar sem preparação, sempre e quando seus músculos não estivessem usados em excesso e seus corpos aquecidos, assim em poucos momentos ele entrou.

Inez o olhou enquanto olhava a uma panela de guisado sobre o fogo.

— Terminarei em poucos minutos, então deixarei ferver a fogo lento e poderemos fazer outras coisas.

— Oh, tenho planos — a voz de Terra era sedutora enquanto segurava duas largas plumas negras que obviamente tinha arrancado de suas asas antes de trocar de forma.

Deu um passo mais perto dela e passou as plumas sobre suas bochechas e abaixo por seu nariz. Eram suaves e incrivelmente excitantes. Seu ventre se apertou enquanto considerava como se sentiriam fazendo cócegas por todo o seu corpo. Era isso o que ele tinha em mente?

Inez se apressou a preparar o guisado enquanto Terra tirava os lençóis da cama. Olhá-lo andar pela casa nu era uma incrível distração, mas de algum jeito Inez se concentrou para cortar todos os ingredientes e pôr o guisado para cozinhar. Lavou as mãos, secou-as e se despiu. Terra a olhava fixamente enquanto tirava as botas, as calças e por último a camisa. Desfez a trança e sacudiu o cabelo que pendia espesso e escuro abaixo de seus ombros.

— Venha, Inez. Deite-se de costas — ele se inclinou contra a parede ao lado da cama, uma impossivelmente longa, suave e musculosa perna cruzada sobre a outra, seus braços dobrados sobre seu grosso peito de pêlo áspero, as plumas movendo-se nervosamente a seu alcance, acariciando seus avultados bíceps.

Ela tremeu com antecipação enquanto fazia o que ele tinha ordenado.

— Feche os olhos — disse ele.

Ela o fez, sua respiração aumentando e seu coração pulsando. Tiritou ao primeiro toque de uma pluma na testa. A ponta se moveu para baixo pelo nariz e sobre as bochechas enquanto a segunda pluma dançava através dos seios. Utilizou uma pluma em seguida para acariciar ambos os mamilos. O estômago de Inez se apertou e sentiu que seu sexo estava úmido. Oh, Deuses, isto era tão bom!

As plumas varreram sobre o seu ventre, a ponta de uma delas se afundou no umbigo antes de riscar a margem do seu pêlo púbico. Sentia as plumas percorrendo a união de coxas e pélvis. Toques suaves acariciaram suas pernas.

Ela se sacudiu e riu bobamente quando uma das plumas fez cócegas na planta dos seus pés.

As mãos quentes e calosas dele separaram as suas coxas e a pluma se afundou entre suas pernas. A suave ponta, agora úmida com seus sucos, fez cócegas em seu clitóris.

— Oh, Terra! — gritou, o pescoço se arqueando no travesseiro enquanto ele continuava acariciando seu clitóris com a pluma. O toque era tão excitante quanto escorregadio. Seu pulso se agitava e seu corpo estava tão quente quanto um Semental depois de uma coleta. A pluma foi substituída de repente pelos lábios e pela língua de Terra. Sustentava-a pela cintura enquanto ela afundava os dedos em sua cabeleira e gemia incontrolavelmente. As pernas se sacudiram enquanto escorregavam sobre os ombros de Terra e ela gozou o mais longa e duramente como jamais tinha feito em sua vida.



Capítulo 8 Nos Trópicos

Antes do fim de semana, todos os Sementais exceto Terra, Linn e Kraig, assim como a maior parte dos coletores, tinham deixado Hornview para o inverno. Inez sempre pensava que era uma estranha estação, com a metade da aldeia vazia. Geralmente, ela e Moor eram os únicos membros dos coletores que ficavam, algumas vezes saíam por umas poucas semanas para visitar a família do irmão dele.

Embora este inverno fosse diferente. Ela tinha Terra. E Susana tinha Linn, mesmo o casal não tivesse confessado algo mais formal, ainda. Mas Inez estava certa que não passaria muito tempo.

Os quatro jantavam freqüentemente juntos e conversavam a respeito da reunião da próxima temporada.

— Não sei o que está acontecendo — disse Susana uma tarde quando ela e Linn comiam na casa de Inez e Terra — Parece haver um escapamento no fornecimento de Rock Blood. Parti umas poucas pedras e estão secas.

Os olhos de Terra se estreitaram.

— Não é possível. Todas estavam cheias quando nós as transportamos, posso garantir isso.

— Parece roubo — adicionou Linn.

— Não duvidaria — assentiu Terra em direção ao jovem — Podemos revisar as casas de fornecimento depois de comer.

— Casper já está dedicado a isso — disse Susana — fui ver o Chefe em seguida e pedi a Casper que averiguasse qual era o problema.

Terra e Inez se olharam. Embora Casper fosse o Capitão da Guarda e estava a cargo da segurança da aldeia, não era querido nem de confiança. E apesar de que sem sempre realizava seu trabalho bem, o Chefe o favorecia muito.

— Apesar disso não causaríamos dano se olharmos — disse Terra — Afinal de contas, foram nossas costas as que transportaram os fornecimentos, não as de Casper e seus guardas.

— Concordo — disse Linn — E outra coisa, não quero que Kraig permaneça em operação, ainda mais depois desses assuntos com os Portadores Guerreiros.

Terra tinha ordenado que Kraig o acompanhasse, tinham viajado atrás do Salão dos Mensageiros Guerreiros uns poucos dias depois da reunião fatal com Moor. Ele tinha demandado que Kraig fosse removido de Hornview e o General Sota esteve de acordo. Kraig, em um ataque de raiva, denunciou os Mensageiros Guerreiros e retirou seu serviço.

Agora era um Mensageiro particular e solicitou ao Chefe de Hornview, quem foi animado por Casper, empregou-o para unir-se às partidas particulares dos coletores.

Tanto Terra como Linn ficaram furiosos, sem mencionar Dav e ao coletor de Moor, outros coletores se negaram a cavalgar com Kraig, de modo que freqüentemente foi utilizado só como um Portador de Rock Blood e combatente em coletas. Embora tal posição poderia considerar-se insultante, Kraig parecia preferi-la. Sua aversão pelos humanos era óbvia em suas palavras e ações e tanto Inez como Terra se perguntavam por que tinha escolhido ficar entre humanos na temporada baixa.

— Ele é o problema — indicou Inez — Eu não o quero.

— Você e a maior parte da aldeia. Só Casper e o Chefe parecem estar satisfeitos com ele, porque leva enormes fornecimentos de Rock Blood. Esse Semental é todo negócio e parece só ter interesse na riqueza — comentou Susana desgostosa.

— Bom, não foi por isso que eu me converti em Mensageiro Guerreiro — disse Linn — E estou contente que ele tenha deixado. Todos sabem que a única maneira de chegar a ser rico é compilando para o negócio privado.



— Deixemos de falar a respeito de Chefes ambiciosos, dos Mensageiros e dos guardas — disse Susana — trouxe uma bolacha de mel para chupar os dedos e morro para comê-la, mas com pensamentos felizes.

— Parece bom para mim — sorriu Linn.

Terra lambeu os lábios.

— Tudo para mim. Inez?

— Ainda pergunta? — Inez se levantou para ajudar Susana a cortar a bolacha e preparar chá. Antes que ela se fosse, Terra apalpou carinhosamente suas nádegas. Ela sorriu sobre o ombro para ele e pensou no inverno maravilhoso que ia ser.

* * * * *

Menos de duas semanas após o termino da temporada, chegou uma mensagem decepcionante, seu conteúdo só foi suavizado pelo conhecimento de que foi a irmã de Terra quem a enviou. Era meio-dia, Terra e Inez andavam ao redor da Pista de Decolagem depois de um exercício de vôo, quando uma mulher de cabelos escuros em um alto semental negro chegou trovejando à praça da aldeia.

— Ei, é Phillipa! — Terra sorriu — Venham — Pegou Inez passando um carinhoso braço por suas costas e trotou para a Casa Principal onde sua irmã desembarcou do garanhão que bufava. Ela olhou em sua direção e se dirigiu até eles.

— Terra! — ela sorriu, saudando.

Inez notou que Phillipa se parecia muito com seu irmão, muito alta, com grandes olhos azuis e um queixo quadrado. Seu corpo era magro e se movia de forma elegante junto a seu cavalo.

— Tive a oportunidade de trazer algumas mensagens para Hornview e decidi fazê-lo — Phillipa aceitou o abraço poderoso de Terra — Quis ver meu irmão e a sua nova esposa — ela virou e olhou para Inez — Adivinhe que é Inez?

— Sim. É excelente te conhecer, Phillipa — Inez aceitou o firme apertão da mulher.

— Ah! — Phillipa alcançou uma bolsa de couro e retirou um pergaminho de seu interior — Uma das mensagens é para ti, Terra.

Inez olhou por sobre o ombro de Terra, ele levantou um pouco a mensagem para que ambos pudessem ler. O estômago de Inez estremeceu. A mensagem era de um Mensageiro Guerreiro de uma aldeia há cem milhas ao sul de Hornview. Estava encarregado das Partidas dos coletores nos trópicos, mas torceu uma perna e necessitava reforços até que o General Sota enviasse as substituições.

A mensagem provinha de uma aldeia pequena com poucos Portadores, embora devido a um surto de Peste próximo, os Sementais eram forçados a fazer várias viagens em um dia.

— Sabem onde posso encontrar um Semental chamado Linn? — perguntou Phillipa — Tenho uma mensagem para ele, também.

— Está na Casa Principal — disse Inez.

— Poderiam segurar meu cavalo durante uns poucos minutos? Precisa beber e refrescar-se. Entregarei esta mensagem e retornarei.

Terra tomou as rédeas e se dirigiu para a Pista de Decolagem.

— Provavelmente ele também tenha sido solicitado para cobrir alguém.

Terra olhou para Inez. Esperava que ela não o olhasse, estava tão desiludido quanto ela.

— Só estarei fora uma semana, possivelmente menos. O General Sota mandará uma substituição rápida.

— Posso ir com você?

Terra franziu o nariz.

— Os trópicos são horríveis e pelo que diz esta carta as viagens podem ser intensas.



– Sabe que isso não me incomodará.

– Sei, mas com a Peste ao redor dessa região, não quero arriscar a que te contagie, mesmo se houver suficiente Rock Blood. Quero que permaneça aqui, Inez.

O estômago de Inez estremeceu mais uma vez, ela se afastou tomando as rédeas do cavalo, acariciando o pescoço suado do cavalo, eles andaram um ao lado do outro.

Quando tinha começado? A parte do matrimônio em que o marido dava ordens à esposa? Ela não queria algo assim.

– Não quero que me digam o que tenho que fazer Terra. Não me dirão o que tenho que fazer!

– Jamais tentei controlar você, Inez. Mas quero que faça isto por mim porque te quero e minha mente estará mais tranqüila se souber que está segura aqui em Hornview.

Inês olhou fixamente seus grandes olhos azuis. A frustração torceu ainda mais seu estômago, mas para sua consternação, abrandou-se quando escutou suas tenras palavras. Maldição!

– Está bem Terra, permanecerei aqui. Mas é obvio terá que se apressar na volta para casa.

– É obvio – ele beijou a bochecha dela.

– O balneário estará preparado provavelmente quando retornar – ela arranhou o peito dele com as pontas dos dedos.

– Mal posso esperar para provarmos juntos.

– Umm – ele grunhiu profundamente.

– Nem eu.

– Terra! – chamou Linn atravessando a Pista de Decolagem em sua forma humana, Susana e Phillipa foram para o lado dele.

– Para onde foste enviado? – perguntou Terra.

– De retorno ao Salão. Necessitam de uma substituição de ajudante de treinador por umas poucas semanas, para que treine os novos recrutas – Linn não podia ocultar o brilho orgulhoso de seus olhos.

– Você fará bem – disse Terra – Com certeza.

– Obrigado. Não poderia fazê-lo sem sua instrução.

– Possivelmente eu tenha ajudado, mas seu talento e conduta vêm de dentro do coração e é algo que ninguém pode dar. Se não tivesse nascido com o dom não podem ensinar isso.

– Isso é verdade – disse Phillipa, tomando as rédeas do cavalo das mãos de Inez – Eu com certeza não posso mudar de forma, mas sou filha de um Semental e eles não colocam qualquer Portador para treinar os recrutas, Linn.

– Sei que será um grande treinador – Susana olhou para Linn – Embora perderei você.

– Eu também a perderei – o jovem Portador envolveu o braço ao redor da cintura de Susana e cobriu sua boca com um tenro beijo que deixou a ambos ruborizados.

– Arrependida? – Linn murmurou, seus olhos fixos em Susana - Imagino que uma Pista de Decolagem não é o melhor lugar para um primeiro beijo.

– É aceitável para mim – respirou Susana, incapaz de afastar seus olhos dele.

Inês e Terra trocaram sorrisos olhando o casal que caminhava para trás da Casa Principal.

– Não há nada como o amor – admitiu Terra – Nada no mundo.

– Eu ouvi – disse Phillipa em tom sarcástico – Não sei. Penso que o amor não é para mim.

– Isso foi o que pensei – disse Inez.

– Bem, tenho que terminar de refrescar Seda Negra – Phillipa tocou o pescoço do garanhão

– Onde poderia encontrar um lugar para acampar esta noite?

– Acampar fora? Venham para nossa casa – disse Inez.

– Não é inconveniente?

– Sim, é inconveniente – Terra a incomodou – Não há lugar para meu único parente de sangue.

– Bom já que é assim, fico contente – sorriu Phillipa.



* * * * *

Desgraçadamente, tanto Terra como Linn tiveram que sair para seus deveres esse dia. Inez e Phillipa passaram o resto da tarde na aldeia com Susana, então as três mulheres jantaram na Casa Principal.

— Quem é? Em nome da beleza — disse Casper quando entrou pavoneando-se e viu Phillipa se aproximando. Os olhos dele varreram sua bela face e seus seios cheios e firmes, revelados pelo decote sob os lados abertos de sua ondulante blusa negra.

Phillipa levantou uma sobrancelha com desgosto e continuou a conversa com os outros na mesa.

— Permita me apresentar — continuou Casper, praticamente jogando Susana para o fim do banco quando ele se apertou ao lado de Phillipa — Sou Casper, o Capitão da Guarda — Phillipa lançou um olhar sarcástico.

— Felicitações.

— Semelhantes tons agudos em um delicado — a voz de Casper se desvaneceu quando Phillipa parou, ele a olhou com o cenho franzido — Delicada e alta. Muito alta.

— Já ouvi sobre você, Casper — a expressão desinteressada de Phillipa repentinamente ficou cálida.

Inez sorriu interiormente. Esta cena era digna de observar.

— Você não gosta dos Sementais, correto? — Phillipa se colocou atrás do banco, se aproximando de Casper.

— Ah! Contaram sobre mim. Então você sabe que não acredito que uma mulher encantadora como você, deva ser forçada a gerar os meninos das bestas.

— Ah, já vi. Os Sementais são umas bestas, certo?

— Pior que bestas. Animais sujos. A maior parte de nós só os toleramos pelo Rock Blood.

— E a maioria parte deles é muito apreciada pelas fêmeas humanas.

— O quê? — o lábio de Casper se encrespou.

— Os machos humanos são inúteis. Quando Sementais e fêmeas humanas se juntam, produzem os machos que mudam de forma e fêmeas humanas, de modo que como pode ver, você não tem valor para nenhum lado.

Os dentes de Casper trincaram.

— Você é uma dessas amantes dos Sementais?

— Sou irmã de Terra — grunhiu Phillipa.

— Você é metade Semental? — Casper parou, afastando-se dela.

— Orgulhosamente. Agora fuja de mim, antes que vomite por seu fedor que meus sentidos superiores de Semental percebem.

Susana riu e Inez lançou a Casper uma careta malvada quando ele deixou a mesa, se amaldiçoando.

— Pensar que ele queria se casar contigo — disse Phillipa a Inez.

— A idéia me dá rugas.

— A mim também — disse Inez.

— Bem, isso foi ótimo de se ver — sorriu Susana — Só desejaria que Linn e Terra tivessem estado aqui para ver.

— Meu irmão viu meu trabalho antes — Phillipa moveu a mão — Ele diz que tenho a língua ferina de minha mãe.

— Aparentemente não é uma coisa má de herdar — observou Inez.

Inez se deu conta que tinha muito em comum com Phillipa. Gozavam da liberdade e a independência de seus trabalhos, a antipatia de Casper e de um amor para os Sementais. Mas, como



Phillipa não os apreciaria? O sangue de Semental fluía em suas veias, em sua altura extrema e poderosa, e no seu corpo formoso. Também tinha uma forma maravilhosa de tratar com os cavalos. Pareciam confiar nela e obedecê-la à primeira vista. Inez pediu que Phillipa ficasse na sua casa um tempo, de modo que pudessem se conhecer melhor. Phillipa concordou facilmente.

Pelo menos ela não estaria tão só sem Terra e esperava que Phillipa pudesse permanecer o suficiente para que estivesse com seu irmão quando ele voltasse do sul.

* * * * *

Quase uma semana depois de ter recebido a mensagem da aldeia Meridional, Terra estava a caminho de casa. O General Sota tinha enviado dois Mensageiros Guerreiros no lugar de um, tinha se informado das dificuldades que prevaleciam nessa aldeia particular. Terra teve que admitir que foi uma das missões mais problemáticas que tinha tido. O surto da Peste tinha sido severo, esgotando a maior parte de Rock Blood. As coletas diárias foram necessárias para manter apenas vivos os humanos. Os Mensageiros mais fortes foram forçados a fazer várias viagens em um dia para colher suficiente Rock Blood para o armazenamento. Quando o único Portador grande da aldeia começou a respirar com dificuldade foi forçado a descansar, Terra empurrou seus próprios limites no número das coletas por dia. Sabia que era um ritmo que não poderia manter por muito tempo. O outro Portador se curava bem e os reforços viriam logo. Ele estava muito agradecido quando eles chegaram essa manhã, não perdeu tempo em preparar a viagem para casa. Tarde da noite, ele e seu grupo haviam retornado de uma coleta ainda pior. Um dos Mensageiros adoeceu no voo e caiu perigosamente perto do mar. As plantas antropófagas tinham estirado suas folhas viciosas e envolto ao redor do Semental doente e seu coletor. O resto do grupo se arriscou a voar em sua ajuda, mas era muito tarde. O Semental e o cavaleiro foram arrastados para baixo e devorados. Uma das plantas se enroscou ao redor do pescoço de Terra quando ele foi na direção do cavaleiro agonizante procurando agarrá-lo e colocá-lo sobre suas costas. Terra se afogava enquanto golpeava as duras asas, ele e seu cavaleiro utilizaram suas espadas para cortar a planta até que finalmente ela o soltou.

Tocando sua garganta, Terra sacudiu a cabeça recordando como se deslizou através do céu para casa. A morte tinha estado muito perto essa noite e pensava que o que mais lhe doeria seria não poder se despedir de Inez.

Há várias milhas de casa, Terra flutuou até aterrissar e começou a andar. Mesmo sem contratempos, os vãos tropicais eram bastante tortuosos. O calor severo em algumas partes era suficiente para matar os humanos, só os Sementais o suportavam com seus corpos naturalmente quentes. Nenhum Semental nos trópicos utilizava seu casaco completo, embora eles lubrificassem seus corpos como uma massa de ervas para proteger a pele do sol muito quente. A massa precisava ser reaplicada freqüentemente, pois transpiravam muito. Anos atrás quando esteve em aldeias meridionais, Terra tinha visto muitos Sementais, assim como os humanos, sofrerem de desidratação e severo aquecimento. Ao parecer se as coletas se realizassem no norte ou no sul, os Mensageiros e os coletores corriam iguais riscos.

Mas aquilo era parte da emoção, pensava Terra enquanto se deslizava lentamente para o caminho que o levava a Hornview. Voar de outra maneira o teria levado para casa mais rápido, mas o calor tinha esgotado sua força. Só tinha descansado um dia antes de viajar e estava ansioso por ver Inez. Além disso, a caminhada lenta lhe fazia bem. Mas se sentiria ainda melhor com sua esposa acomodada entre seus braços se preparando para uma sesta em sua cama.



* * * * *

Kraig está sozinho aqui? — perguntou Casper entrando na sala.

O ruivo Semental o olhou por sobre o ombro levantando do lugar onde lustrava seus arreios.

— Quem demônios além de mim estaria aqui? Sou o único Semental na aldeia, lembra?

— É hora de colocar nosso plano em ação — Kraig levantou uma sobrancelha.

Casper continuou.

— Estive patrulhando a área próxima com meus guardas e vi Terra a caminho de casa.

— Então?

— Caminhava... — sorriu Casper — lento.

Um sorriso nasceu nos lábios de Kraig.

— Foram os trópicos. Ouvi dizer que sua estação trabalhou muito. Todo esse calor e pouco descanso são suficientes para matar um Portador.

— Eu pensei o mesmo.

— Onde está sua esposa?

O peito de Casper se alargou ao tomar fôlego profundamente e seus olhos brilharam.

— Como sua maldita cunhada saiu para outra entrega e os trabalhadores terminaram o balneário, então está sozinha em sua casa, a menos que Susana esteja misturando suas poções lá. Sabe quão inúteis são os curandeiros na hora de lutar, de modo que podemos dizer que Inez está sozinha. Pode cuidar dela enquanto mando Terra no vôo para sua morte.

— Cuidarei dela, mas não em seguida. A esconderei na caverna que estive usando para me reunir com os comerciantes de Rock Blood. Estou a ponto de fazer um trato muito proveitoso para nós, mas preciso falar com eles hoje.

— Isso é excelente. Terá tempo. Terra levará umas duas horas para voar de volta aos trópicos. Quando ele se der conta de que o mandei em uma perseguição falsa, retornará. Gastará outras poucas horas — Kraig riu.

— Então estará tão cansado que não poderá me capturar, ainda mais se a levar longe para as Spikelands justo na frente dele — Casper entreceitou os olhos.

— Não seja muito atrevido. Deve se certificar de ter uma boa distância, no caso de...

— Como diz, ele possivelmente seja metade boi, mas não é Deus. Todos temos nossos limites, é humano. Nosso plano assegurará sua morte e a dos seus.

* * * * *

O som de toques na porta da casinha acelerou o coração de Inez.

— Terra! — sorriu, deixando cair a vassoura e se apressando em abrir. Susana, que a estava visitando foi com ela.

O estômago de Inez se apertou quando Kraig entrou rapidamente na casa.

— O que quer? — exigiu ela.

— Apenas uma visita à esposa de meu ex-professor.

— Saia daqui, Kraig. Estou ocupada.

Inez deu um passo para dentro da casa e fechou a porta. Momentos depois as dobradiças voaram.

Kraig baixou a cabeça quando deu um passo para frente, seus cascos soavam com estrépito no piso de pedra.

— Saia daqui! Agora! — gritou Inez, deslizando sua adaga da bota.

Susana alcançou a vassoura, batendo em Kraig com ela que a tomou e usou a ponta desta contra o estômago dela. Susana caiu de joelhos, com a mão segurando o abdômen.



Quando Kraig avançou para Inez, ela o atacou. Ele grunhiu quando ela o cortou no braço. O Semental levantou uma de suas poderosas patas anteriores golpeando a adaga de sua mão. Ela o mordeu no braço e o chutou quando ele enroscou a mão em seu cabelo. Um formidável punho atravessou seu rosto fazendo-a se chocar contra uma cadeira. A visão de Inez se turvou sentindo o gosto do seu sangue que emanava do corte no lábio, não obstante não perdeu tempo e se levantou imediatamente.

Susana atirou pratos de cerâmica em Kraig. O Semental riu quando levantou seus braços para desviar dos golpes.

— Saia daqui! — gritou Susana.

Inez pegou a cadeira que havia caído e a lançou em Kraig. Ele olhou por sobre seu ombro a tempo para chutá-la com suas pernas traseiras antes que golpeasse suas costas.

— Basta! — Kraig segurou Inez, as orelhas dele ficaram presas à cabeça e a tomou entre seus braços. Ela empurrou com os cotovelos o peito do homem e utilizou os saltos para chutar as pernas eqüinas. A última coisa que ela recordou foi de um duro golpe detrás da cabeça. Então tudo escureceu.

* * * * *

— Terra! — gritou Casper, bramou quando ele e seu cavalo remontavam a crista de uma colina nos subúrbios de Hornview.

O lábio de Terra se retesou. Que demônios ele queria? A última pessoa que ele desejava ver era o Capitão da Guarda.

Casper galopou para Terra, com frenética expressão.

— Ele a levou!

— O quê? — perguntou Terra, um nó se formou no centro do estômago dele.

— O asqueroso bastardo do Kraig! Levou Inez!

Terra agarrou o braço de Casper. Duramente. Apertava os dentes, encolerizado olhando os grandes olhos do Capitão.

— Fale!

— Ele esteve falando a respeito de pegar algum trabalho extra com os negreiros da Ilha de Blanchard, mas não pensei que isso significasse utilizar nossas mulheres.

O pulso de Terra se acelerou. Maldito Kraig! A Ilha de Blanchard estava no meio dos trópicos, a única ilha que já não possuía Rock Blood, sem vegetação, ou qualquer pequeno sustento de vida, exceto trepadeiras de areia de seis longas patas. Havia secado há anos, era o refúgio do grupo mais repugnante de Sementais e humanos no mundo: Comerciantes de carne. Eles freqüentemente roubavam humanos e inclusive às vezes até Sementais, em sua maioria jovem e órfã para vender como escravos nas Montanhas do Vertue.

— Faz quanto tempo que ele saiu? — exigiu Terra.

Casper se encolheu de ombros.

— Meia hora.

Terra olhou para o céu depois atrás de Casper.

— Aonde vai? — gritou Casper quando Terra galopou para casa.

Seu primeiro impulso tinha sido voar atrás de Kraig, mas não confiava em Casper. O homem provavelmente mentia. Antes de fazer alguma viagem insensata, precisava ter certeza.

O pulso de Terra se acelerou de terror quando viu a porta da casinha chutada. O interior estava arrasado, com cadeiras derrubadas e pratos quebrados. Havia um pouco de sangue seco no piso.

— Deuses! — Disse entre dentes, correu para fora da casa e decolou, rodeando as pradarias, procurando qualquer sinal de Inez. Talvez não tenha sido Kraig, somente um ladrãozinho. No



coração sabia que não era assim. Inez sem dúvida teria se defendido com êxito contra um ladrão humano, seja masculino ou feminino. Foi Kraig.

Terra notou uma figura solitária que corria, quase chegando à aldeia. Ele desceu em direto na frente de Susana. O rosto da mulher estava machucado e suado, ofegava sem fôlego.

— Terra, graças a Deus! — sua voz era frágil — Kraig levou Inez! Tentamos lutar, mas ele era muito forte!

— Disse para onde?

— Algo a respeito da Ilha de Blanchard, em qualquer lugar que esteja!

— Sei onde está. Se foi recente, poderei agarrá-lo.

— Não estou certa exatamente quanto tempo passou. Ele me nocauteou. Quando despertei já tinham ido.

— Pode chegar à aldeia ou está muito dolorida?

— Posso. São apenas uns poucos machucados. Apresse-se Terra! Estou tão atemorizada com o que ele fará!

Terra não precisou de outra advertência de qual velocidade perseguiria Kraig. Quando ele agarrar o bastardo, o golpeará até matá-lo, como deveria ter feito provavelmente há muito tempo.

* * * * *

— Eu falei que se apressasse — disse Casper a Kraig nervosamente. O Capitão e o Semental encararam um ao outro em uma pequena e musgosa caverna há várias milhas de Hornview. Apertavam os punhos e se olhavam encolerizadamente um ao outro.

Inez estava cambaleante pela poção de ervas que Kraig tinha forçado em sua garganta, quando despertou depois do golpe na cabeça se viu amarrada no chão da caverna.

— Já se passaram várias horas e ele já deve saber que não foi à Ilha do Blanchard. Ele retornará logo e têm que sair daqui! — disse Casper.

— Eu te disse, quando voltar, estará tão cansado de viajar assim como de preocupação por ela que não terá tempo de me agarrar. Com certeza está voando agora como em seus melhores dias, mas está só. Estará nos mares setentrionais antes da meia-noite e esta rameira — Kraig deu um ligeiro golpe em Inez com seu pé humano — estará congelada de frio nas Spikes.

— Ainda assim, aprendi que é melhor não dar tudo por terminado — disse Casper — Nós chegamos tão longe que não pretendo perder.

— Exatamente. Como não queremos perder este trato com os comerciantes de Rock Blood. Assim que terminar com eles, levarei a mulher.

— Por que eu não falo com eles e tu vais? — Kraig deu uma risada desagradável.

— Porque não confio em ti para fazer um trato que é do meu maior interesse.

— Lembra, assim que sairmos deve anunciar para a aldeia inteira as intenções de abandonar Inez nas Spikelands, pode ser que neste caso Terra acredite que é outra mentira.

— Sim, e porque sei que ele não será o suficiente estúpido para acreditar em rumores outra vez, sairei a um desafio direto. Lutaremos pela vida de Inez nas Spikelands.

Casper riu.

— Como se você lutasse realmente por ela.

— Ele não sabe disso. Pensa que aproveitarei qualquer oportunidade para lutar e não o posso negar, possivelmente queira realizar a prova.

— Como se pudesse ganhar.

O lábio de Kraig se retesou.

— Não duvide disso humano!

— Bem, creio que não importa muito. Nós nunca saberemos realmente.

— É verdade. Mas será excelente ver o poderoso Terra e a sua mulher mortos na gelada Spikelands.



* * * * *

O pânico sobre Inez parecia dirigir a fadiga na mente de Terra, assim como seu corpo. Voou rapidamente de retorno ao sul, passando as aldeias e diretamente através do mar tropical para a Ilha de Blanchard. Chamuscado pelo calor que o envolvia e tratando de manter no coração o calor da raiva. Enquanto mantivesse a fúria, esta impulsionaria sua força, poderia esgotá-lo rapidamente, mas também o empurrava a ultrapassar seus limites físicos. Ele teve vários dias de árduo trabalho em suas costas e no pescoço ainda tinha os machucados do intento de estrangulamento do dia anterior. Mas ainda se sentia poderoso quando se elevou através de ilhas cheias de vegetação até ver a superfície árida de cor marrom, a Ilha de Blanchard.

Aterrissou no meio de Sementais e humanos sujos, assustados e semidesnudos, sentados preguiçosamente para fora das poucas choças que existiam no centro da ilha. Terra, ofegante e suado, olhou ao redor procurando Inez e Kraig, então se dirigiu às choças.

— Que demônios quer? — exigiu um Semental alto com um casaco tão bronzado como a areia sob seus esporões peludos.

— Procuo um Semental grande avermelhado e a uma mulher de cabelo negro que ele trazia como escrava. Ela é pequena com pele escura e olhos escuros. Seu nome é Inez.

— Semental avermelhado? — aproximando-se do humano enrugou o nariz.

— Há um tempo houve um Semental Avermelhado trabalhando para nós, recorda Jack?

O Semental de cor marrom sacudiu a cabeça.

— Não conseguiu nenhum escravo nesse momento, agora tampouco. Nosso próximo embarque estará aqui em algum momento da semana próxima. Se você está procurando comprar uma mulher, nós podemos...

— Eu quero *essa* mulher! — grunhiu Terra, andando rápido para as choças.

— Que diabos pensa que está fazendo? — exigiu o Semental de cor marrom quando Terra começou a se encaminhar para as choças. Os barracões cheiravam a suor e licor antigos. Uns poucos negros saltaram de suas redes quando ele irrompeu para dentro, as choças estavam vazias. Frustrado, Terra andou atrás da Pista de Decolagem diminuta da ilha.

— Já dissemos! — gritou o Semental que o tinha saudado na aterrissagem. — Ninguém esteve aqui em semanas e não esperamos ninguém por outra semana mais!

— Se o Semental de que lhe falei trouxe a mulher que descrevi, envia-me uma mensagem para Hornview. Meu nome é Terra. Bonificarei enormemente seu tempo.

Os olhos do negro brilharam de interesse e avareza.

— Sem problema. Mandaremos o recado se ela vier.

Terra acenou, tomando um gole da bolsa de água, permitiu-se uns momentos para recuperar o fôlego, embora odiasse desperdiçar o tempo. Inés ainda estava com Kraig em algum lugar e ele teve um pressentimento estranho que tinha sido enviado aos trópicos de propósito, não pela Susana, não duvidava que ela mesma fosse uma vítima, pelo Kraig. E provavelmente Casper também. Precisava voltar para Hornview e descobrir a verdade, mas antes devia abastecer-se de água e perguntar às pessoas das aldeias costeiras, embora duvidasse que Kraig estivesse no sul. À velocidade que tinha viajado o teria alcançado.

Quando ele aterrissou em uma aldeia para encher sua bolsa de água, Terra gastou um instante para apertar a testa suada contra as pedras frescas e fechar momentaneamente seus olhos do vento que os queimava.

Terra!

O coração o golpeou.

Terra! Por favor, Preciso de você!



Inez! Sua voz era clara como era em seus sonhos compartilhados. Eles não tinham compartilhado sonhos desde que se casaram, mas havia histórias de que essa habilidade voltava depois de um tempo.

Faz frio, Terra! Aqui no Spikes!

— Está tudo bem? — um homem lhe deu uma cotovelada.

Olhou para baixo para o escuro humano que o olhava.

— Você é um Guerreiro Portador, não é mesmo? Não pensei que vocês fossem aparecer por nossa aldeia esta semana.

— Só a estou atravessando — disse Terra, tampando sua bolsa de água e galopando longe. Finalmente tinha um indício a respeito de onde procurar Inez, pensou.

* * * * *

Quando Terra aterrissou em Hornview, cada músculo lhe doía pelo esforço. Praticamente não se deteve em seu vôo para os trópicos e de volta ao norte, já tinha começado a sentir seu corpo já fatigado.

Aterrissou na Pista de Decolagem, o impacto vibrou em seus ossos, mas se sentia bem de estar em terra firme outra vez. O suor percorria o seu peito humano e tinha os flancos eqüinos inchados, precisou esperar uns momentos para se dirigir às Spikelands. Se ao menos soubesse exatamente aonde ir. Possivelmente era insano tentar imediatamente. Possivelmente a voz de Inez tinha sido uma invenção de sua imaginação, a causa do excessivo calor dos trópicos. Não. Ele nunca tinha perdido o juízo antes, ainda abaixo de piores condições.

— Terra! — gritou Susana, correndo da Casa Principal, com um pedaço de pergaminho na mão — Terra, eu sinto muito! — disse ela — Não sabia que ele mentia! Parece que planejou tudo para ferir a ti e a Inez! Deixou isto!

Terra abriu o pergaminho com dedos trêmulos, o coração lhe saltava no peito quando um novo ataque de pânico o atravessou. Na mensagem Kraig dizia ter deixado Inez na quinta ilha no Spikelands. Planejava deixá-la lá à espera de Terra. Parecia que o bastardo queria briga. Então Terra tinha ouvido mesmo a voz de Inés, no fim das contas.

— Quando eles saíram? — ofegou Terra.

— Meia hora? — Susana se encolheu de ombros — Possivelmente um pouco menos.

Bem. Terra estava certo que poderia alcançar, se ele se esforçasse duramente.

— Tenho que ir — Terra foi encher bem sua bolsa de água, uma vez mais. Necessitava de uma nova folha de Darrion do abrigo.

Os pulmões doíam, mas ainda não tinha se deixado respirar pela boca. Ele podia chegar as Spikelands. Ele devia chegar.

Susana o seguiu, tocando com uma mão suas costas e olhando seu flanco enormemente inchado. Franziu a testa.

— Está muito aquecido.

— Estou bem.

— Terra, tem certeza que pode fazer este vôo?

— Tenho escolha? — A testa de Susana se franziu e ela sacudiu a cabeça. — Nenhuma. Kraig a matará ou a abandonará a sua sorte. Só os Deuses sabem em quantas das ilhas Spikelands poderia ter chegado.

No abrigo Terra fechou seus olhos e tremeu, cobrindo-se com seu casaco. A densidade deste sobre a pele já suada foi incômoda a princípio, mas ele ficará agradecido do ter no Spikelands. Pegou uma folha de Darrion enquanto Susana tomava uma garrafa de unguento e o esfregava em suas pernas. Pensou brevemente nas sensuais mãos de Inez em suas pernas, mas o toque da Susana era



simplesmente útil para realizar uma tarefa necessária. Ele envolveu as pernas dianteiras enquanto Susana enfaixou as traseiras.

— Tossiu? — perguntou a curandeira.

— Não.

— O nariz, sangra?

— Não. Disse que tenho que voar.

Susana parecia cética.

— Sua irmã já foi para o Páramo, mas mandarei um mensageiro para Linn, também.

Terra a olhou quando se dirigiu à Pista de Decolagem.

— Por favor, diga que se apresse.

Ele odiou parecer incompetente, mas não era tolo. Todos tinham seus limites e ele provava os seus como nunca tinha feito antes. Não queria que Inez sofresse por uma debilidade de sua parte.

Quando se afastou, as asas palpitavam e as pernas doíam, concentrou-se unicamente em Inez. Seu amor por ela lhe daria a força para trazer ambos seguros para casa. Seu coração. Ela era seu coração. Se ele a perdesse, perderia tudo. Terra devorou os céus como antes, quando ele punha o maior recorde de velocidade para os Guerreiros Portadores. Ainda permitia que o vento o levasse sempre que fosse possível, reservando tanta força como pudesse para encarar algo que ele e Inez esperassem nas Spikelands. Sentiu algo desagradável, o frio fez um redemoinho açoitando ao redor dele, apunhalando cruamente a garganta e enchendo de dor o seu peito. Um tremor desceu por sua espinha dorsal, espalhando-se friamente através de suas pernas e ventre quentes. Um olhar mostrou várias ilhas cobertas de geada das Spikes. Vários chifres de Lagartos de Gelo mortos se viam na brancura. Às vezes o frio extremo também destruía essas bestas poderosas.

De repente, viu uma colina ao longe. Ignorando a dor em seus pulmões, instruiu suas pernas e asas a viajarem mais rápido. Logo vislumbrou as patas traseiras vermelhas de Kraig que sondava ao longe. Inez agarrada em seus arreios, então ele notou que Kraig não levava sela.

Terra avançou mais perto e Kraig olhou atrás dele, uma expressão consternada passou por seu rosto. *O filho de puta, não tinha esperado realmente que os alcançasse tão no final!*

Kraig aterrissou de repente, Terra o seguiu. A ilha mais setentrional pairava embaixo já no meio das Spikes. A mortal geada se movia rapidamente e logo a ilha inteira estaria coberta.

A raiva envolveu Terra quando Kraig aterrissou duramente. Se Inez não fosse tão boa amazona, provavelmente haveria quebrado o pescoço. Ela pulou se afastando dele. Quando Terra desceu, Kraig desapareceu no céu escuro.

Terra não teve tempo de persegui-lo. Precisava tirar Inés da ilha antes que as Spikes os matassem.

— Inez! — gritou Terra, quando ela se pôs de pé. Correu para ele, escorregando no solo gelado. Sem desperdiçar nem um momento, ele a puxou. Os braços de Inez se enroscaram em seu pescoço e ela tremeu contra ele.

Ele aterrissou sobre um patamar da ilha.



Capítulo 9

Morreria por ela

Só por pura vontade Inez evitou gritar. Tinha tido tanta certeza de que ia morrer sem ter Terra de novo. A sua cabeça doía pelas ervas que Kraig tinha obrigado a beber e quando se segurou nas costas do Semental vermelho, pareceu que tinha dormido em várias ocasiões, sonhando com Terra, só para despertar instantaneamente antes de baixar para a sua morte. Kraig era um voador agitado, nem de longe era tão suave como Terra ou Moor, mas, acaso ele tinha se preocupado com sua comodidade? Odiavam-se um ao outro. Ele tentara matá-la e sabia que também tentaria com Terra.

Ela estava muito confusa para ouvir o plano completo de Kraig e de Casper, mas era algo sobre o envio de Terra para o sul enquanto Kraig a matava em Spikelands.

Inez se segurou em Terra com alívio absoluto. Ele a aproximou e ela o ouviu ofegar, sua pelagem completamente molhada e ficando gelado no severo frio das Spikelands. Os tremores se lançavam sobre ele e o coração golpeou ruidosamente sob sua bochecha. O vapor emergiu do seu corpo quente contra o tempo glacial.

Inez se esticou, tentando alcançar a capa e a manta que cobria os arreios que ele levava.

— Tome. Vai acabar morrendo.

Ele deslizou a capa sobre sua metade humana enquanto ela cobria sua metade eqüina com a manta.

— Deuses, você está exausto — ela o contemplou.

Ele não pôde falar durante um momento, somente se manteve em pé, tremendo e ofegando.

— Me dê um pouco de tempo e iremos — ele disse finalmente.

— Precisa mais que um pouco.

— Não temos tempo — Terra assinalou para frente. Os Spikes se voltavam para eles rapidamente.

— Então vamos — ela se aproximou apressada a ele em um intento de manter quente seu frio corpo humano. Só em olhar para Terra, sentiu que ele estava mais próximo a cair do que a andar, mas seu sentido comum ganhou e ele se moveu devagar através da planície. Tropeçou.

— O que foi?

— Só uma câibra. Não é nada.

— Onde?

— Na perna traseira esquerda.

Inez se agachou atrás dele e soprou em suas luvas frias antes de esfregar a perna dele.

— Melhor? — gritou.

— Sim. Embora tenha que continuar andando.

Enquanto andavam juntos, seguiram olhando para as rápidas Spikes que se aproximavam. Inez tremeu da cabeça aos pés. Colocou o cachecol sobre sua boca só para respirar sem dor.

— Temos que ir — disse Terra, tirando a capa e a manta e as embutindo no fardo da sela — Se ficarmos mais tempo, ficarei muito endurecido para voar e você já está meio congelada.

Pela primeira vez, Inez sentiu medo de voar com Terra. Não duvidou nem por um segundo que sua energia estava no final quando ele aterrissou e não tinham podido descansar durante mais de meia hora. De todos os modos, tinha razão. A temperatura era quase insuportável e os Spikes estavam muito perto da planície.

Terra a apertou com um braço elevando-a. Ela o sentiu respirar profundamente, se recuperando.

— Perdoe pelo ocorrido, Inez — disse ele — Te amo.

— Sei — ela deslizou seus braços ao redor do seu tronco e beijou-o no pescoço — Eu também te amo, Terra. Tanto.



- Levarei você para casa. Juro.
 - Levará a nós dois para casa e te darei a massagem de sua vida.
- Ele a olhou por cima do ombro, seu sorriso tão forçado quanto o dela.
- Sabe que vivo para suas massagens.

Inez assentiu com a cabeça, incapaz de falar pelo nó em sua garganta. Ela se segurou quando Terra galopou para a decolagem. Eles subiram só uns instantes antes que os Spikes alcançassem a planície.

Inez se agarrou a Terra, invocando toda sua habilidade como amazona para fazer a viagem o mais fácil possível para ele. Tiveram sorte no começo, quando o vento estava atrás deles. Terra era capaz de ir em ponto morto, dando a suas asas cansadas e pernas uma possibilidade para descansar. Logo o vento mudou, confrontando-os e ele lutou para continuar o rumo. Uma rajada particularmente forte os forçou a descer e ela viu a água e os canos mortais enredados sob sua superfície. Os músculos de Terra se agruparam quando ele subiu, ofegando.

Inez notou que ele tossia de vez em quando. Toda vez que ela ouvia o seco e doloroso som, sentia a sacudida de seu tronco e seu coração se afundava. Sabia que ele sofria e ainda tinham muito tempo de voo.

- O que posso fazer para ajudar? — gritou Inez — além de saltar de suas costas!
- Deuses — ofegou — Não me faça rir. Agora não.

Inez entrecerrou os olhos contra o vento gelado e enterrou a face contra as quentes e pulsantes costas de Terra. Esfregou a união das asas dele, sabendo que deviam doer tanto quanto suas pernas e peito.

Ele parecia perder o poder a cada momento que acontecia e Inez se perguntou como ele permanecia no ar apesar de tudo. Deveria ter se matado procurando-a e ela lembrou vagamente de Kraig dizendo a Casper que recentemente tinha tido vôos difíceis nos trópicos.

— Terra, eu jogarei a sela! — gritou. Ele assentiu com a cabeça em resposta, incapaz de falar enquanto embargava outro acesso de tosse.

Inez se baixou, lutando para soltar a cilha. Depois de uns instantes, agarrou a cintura dele com seus joelhos e atirou a sela para a água que ameaçava estar muito perto para seu gosto.

- O arreio? — gritou Terra, sua voz áspera quando começou a soltar uma das correias.
- Não preciso deles! — Disse Inez, seus dedos intumescidos soltando a outra. Era difícil com o couro encharcado do seu suor e escorrendo ao longo de sua pelagem. Ela compreendia o quão incômodo devia ser. Cada fôlego forçado expandia seu musculoso peito mais que o de costume. Embora já tivessem soltado algumas coisas, Inez sabia que levou muito tempo desfazer-se de qualquer equipamento desnecessário.

Com a correia perdida, envolveu seus braços ao redor dele, frouxamente, só o suficiente para sustentar-se estável. Com a bochecha pressionada contra suas costas, ouviu cada fôlego pesado, a respiração muito rápida para um Portador ainda longe de seu destino. O coração se fechou de repente contra suas palmas estendidas através do peito e ela se perguntou o que explodiria primeiro, seus pulmões ou seu coração, enviando a ambos à morte entre as plantas carnívoras lá embaixo. Talvez suas pernas ou asas falhassem. Ela sabia que as cãibras na perna traseira haviam retornado várias vezes durante a viagem. Ele tinha conseguido superá-las apesar de estar no céu, mas cada músculo em seu corpo já devia arder.

— Te amo, Terra — gritou, sabendo que sua única possibilidade de sobreviver seria que voasse só — Vou descer!

- Inez! — grunhiu, com voz cortante — Se você morrer eu morro também!

Ela fez uma pausa, seus olhos se fixaram lá embaixo, no mar. O instinto de sobrevivência lutou com seu amor por ele.

— Inez! — ele ofegou, estremecendo-se quando outro acesso de tosse atormentou seu corpo — Eu seguirei você. Juro.



— Acalme-se! — ela gritou, sabendo o que ele dava a entender com cada palavra — Não vou parte alguma!

Avançaram. Inez se sentiu tão indefesa como quando tinha visto sua família morrer da Praga. Não pôde lhes ajudar e não podia ajudar Terra. Ou será que podia?

— Te amo, Terra! — gritou através do vento — Sei que pode voar com isto! Kraig pensou que tinha golpeado você, mas é um tolo! Você é mais Portador do que ele nunca será e vai demonstrar isso!

* * * * *

Terra nunca imaginou que fosse possível voar com tal dor. Cada músculo em seu corpo se sentia como se tivesse sido mastigado e cuspidor por um Lagarto de Gelo. Seu nariz, garganta e peito ardiam. Não importava quanto tratasse de reprimir a tosse, esta arrebentou ao longo de seus lábios, enviando lanças de dor como chamas através de seus pulmões. Provou o sangue e não podia dizer se este vinha da tosse ou do jorro que saía do seu nariz. Em todas as centenas de vôos que tinha feito, nunca tinha sangrado. Em algum lugar no fundo de sua mente esgotada sentiu-se entristecido. Esperava não ter se prejudicado permanente, mesmo que estivesse valera a pena por encontrar Inez lhe proporcionando segurança. Agora, ela era tudo o que lhe importava. Ele se perguntou se ela se dava conta quanto suas palavras de amor o sustentavam. Saber que acreditava nele o obrigou a ir para casa. Tinha alcançado seus limites há muito tempo, mas tinha conseguido continuar voando. E o fez. Ele era um Guerreiro Portador, feito para durar enquanto outros Sementais se rendiam. Agora, toda sua formação, toda sua força, foi enfocada em uma tarefa importante: salvar esta mulher que amava tanto como a sua própria vida.

O vento finalmente diminuiu e se esquentou. Graças aos Deuses estavam fora das Spikelands!

Terra desceu para a trilha, sua visão estava turvada pela dor e pelo esgotamento. O corpo inteiro estava agora ardendo e tremia com tanta força que se perguntou como Inez conseguia permanecer em suas costas.

— Estamos quase chegando! — gritou Inez, suas palmas suaves esfregavam o peito dolorido como o tinha feito durante todo o infernal vôo — Sabia que poderia fazê-lo, Terra! Ali está a costa. Só um pouco mais e estaremos em casa!

Terra a ouviu. Seus olhos estavam muito imprecisos para divisar algo ao longe. Desceu mais e finalmente viu a costa. Deuses, ele desejava deixar-se cair diretamente na praia, mas sabia que estava ferido gravemente. Necessitava ajuda e o único modo de consegui-la era aterrissar na Pista de Decolagem.

* * * * *

Casper se sentou na casa principal, sentindo-se mais feliz do que alguma vez se lembrara. Ele e Kraig tinham conseguido tanto dinheiro extra, vendendo a Rock Blood roubada, que logo poderia deixar Hornview e estabelecer-se em algum lugar sem um Semental pestilento à vista.

Entretanto, Kraig tinha chegado em casa, enfurecido porque Terra realmente o tinha agarrado antes que ele se desfizesse de Inez nas Spikelands, o ruivo lhe assegurou que o casal não chegaria a tempo em casa.

— Eu o vi — Zombou Kraig — Me agarrou, concordo que conseguiu fazê-lo, mas estava meio morto.

— Ele te agarrou imediatamente após fazer um vôo à zona tropical e voltar. Faz com que alguém se pergunte sobre sua própria resistência, não é Kraig? — Casper sorriu abertamente, seus olhos percorreram o corpo encharcado e as pernas trêmulas do ruivo quando tinha saído atrás dele depois do seu vôo direto de ida e volta às Spikelands.



Embora não importassem para Casper as intrigas sobre Sementais, tinha ouvido comentar no povo que Kraig poderia ser o bastante forte e o suficientemente rápido para romper o recorde de velocidade de Terra. Suficientemente rápido era uma coisa, mas o bastante forte? Casper duvidava. Kraig era poderoso antes de alcançar seu limite, mas ambos tinham sido testemunhas da força constante de Terra. Quando ele tinha aterrissado na noite depois de levar dois homens e a carga, suas pernas se mantiveram firmemente em pé.

— Não me chateie! — a firmeza de Kraig pareceu transbordar ante sua cólera. Suas orelhas bicudas se pressionaram perto de sua cabeça quando usou seu corpo equino para empurrar a Casper para trás.

— Não me preocupa qual Semental é mais rápido — Casper se encolheu de ombros — E a ti tampouco. Ele está morto agora, lembra?

Morto! Casper sorriu abertamente enquanto terminava a comida. Contemplou Susana através da mesa. A pequena curandeira parecia preocupada e sabia que ela tinha motivo. Seu amante Semental acabava de chegar e com o Semental mais velho, Moor, saíram a procura de Terra.

Susana se levantou e saiu. Casper a seguiu por curiosidade. Queria desfrutar do frenesi dos Sementais, Susana e a puta-besta da Phillipa.

Apoiando-se contra a lateral da casa de arreios, viu como saía o lamentável grupo já completo.

— Por favor, tomem cuidado — disse Susana.

— Teremos — assegurou Linn.

Antes que eles pudessem continuar falando, o som de asas batendo no alto chamou sua atenção.

— Maldição! — disse Casper em voz baixa. — Terra!

— Deuses, são eles! — gritou Phillipa.

— Olhem seu modo de vôo! Está esgotado! — bramou Linn, galopando com Moor para a Pista de Decolagem, Phillipa corria a toda velocidade atrás deles.

— Preciso pegar minha bolsa de medicamentos! — disse Susana, correndo para a casa principal.

Amaldiçoando-se em sua respiração, Casper se afastou rapidamente para informar a Kraig de seu fracasso.

* * * * *

O coração de Inez bateu forte de medo, tanto pela vida de Terra como pela sua, quando desceram rapidamente para a Pista de Decolagem. Sabia devido a rápida perda de controle que a aterrissagem seria difícil.

Segurou-se firmemente, grunhindo quando ele tocou a terra e caiu de joelhos. Inez voou de suas costas, ofegando enquanto o vento passava como um raio por seu corpo ante o impacto. Impulsionou-se com as mãos e os joelhos e foi para junto de Terra que estava de lado, tremendo e tossindo.

— Não — murmurou Inez, usando o dorso da mão para limpar o sangue do nariz e dos lábios dele. *Deuses não!* Pensou, não desejando expressar seus medos em voz alta.

Uns braços fortes a abraçaram por trás. Ela olhou para cima e viu Moor, agradecida de vê-lo.

Linn chegou depois, ajoelhando-se ao lado de Terra e colocando uma mão em seu corpo espumante.

— Está ardendo. Moor me ajude a trazer o bebedouro.

Os dois Sementais galoparam afastando-se enquanto Phillipa corria velozmente pela Pista de Decolagem.

— Conseguirei água! — gritou Phillipa, correndo para o poço.



Vários aldeões acudiram correndo ao darem conta da comoção. Susana os afastou de seu caminho e se ajoelhou próximo a Terra, tomando seu rosto nas mãos e começando o exame.

— Peçam que esquentem água na casa principal! — pediu aos aldeões e eles partiram. A curandeira olhou para Inez — Ele precisa de calor no peito.

Phillipa chegou com um balde e Susanna gritou.

— Espera, não use toda essa água! Dê-me um pouco para esta mistura.

Susana abriu sua bolsa e tirou uma taça que colocou no balde. Tirou e moeu as ervas e fez sinais a Phillipa para que derramasse o resto da água sobre o corpo superaquecido de Terra. Ela encharcou suas patas traseiras e correu para o outro cubo.

— Inez, ajude-o a beber isto — Susana sustentou a taça.

Inez se sentou de joelhos e levantou o pesado tronco de Terra contra seu peito. Ele tossia tanto que era quase impossível para as duas mulheres fazer baixar o remédio por sua garganta.

— Temos água! — disse Linn. Moor e ele estavam de pé, segurando entre os dois um bebedouro do celeiro central do povoado.

Susana e Inez conseguiram ajudar Terra a beber o último gole das ervas. A curandeira se afastou, mas Inez se recusou a deixar Terra na Pista de Decolagem, enquanto Linn e Moor esvaziavam o conteúdo do bebedouro sobre todo seu corpo.

— Peguem outro — disse Susana.

— O que quer que eu faça? — perguntou Inez. Se ajudasse ativamente, evitaria ceder às lágrimas.

— Somente ficar com ele — disse Susana — depois de o esfriarmos mais, Linn e Moor podem ajudá-lo a voltar para a casa principal e poremos compressas quentes sobre o peito dele.

Phillipa, Moor e Linn chegaram com mais água, as ervas da Susana tinham começado a fazer efeito e a tosse de Terra diminuiu. Embora ainda ofegasse com força, seu fôlego se deteve e a água que jogaram parecia ter esfriado seu corpo a uma temperatura menos perigosa.

— Inez? — sussurrou ele com voz áspera.

— Estou aqui — beijou o úmido cabelo negro em sua testa enquanto seus olhos se deslizavam se fechando.

Linn se inclinou a seu lado e usou os braços para segurar Terra, dando um pouco de alívio ao corpo muito menor de Inez. O jovem o sacudiu suavemente.

— Terra! Temos que te levar para a casa principal.

Terra gemeu, Inez não tinha certeza se ele tinha entendido totalmente as palavras de Linn.

— Foi uma aterrissagem terrível, Senhor! — disse Linn. Os olhos de Terra se abriram devagar e se concentraram em Linn, que ofereceu um sorriso de brincadeira — Absolutamente elegante!

— Maldito recruta insolente — murmurou Terra, impulsionando-se para cima com a ajuda de Linn. Suas pernas quase sofreram um colapso abaixo dele, mas Moor agarrou suas patas traseiras e o manteve estável.

Phillipa tinha amarrado Seda Negra e outro autêntico cavalo do povoado a uma guarnição e os conduziu pela Pista de Decolagem. Com Linn e a ajuda de Moor, Terra ficou sobre a guarnição com Inez e Susana e foi montado assim, de volta ao povoado. Assim então, já foi capaz de entrar andando na casa principal onde se deixou cair sobre as mantas que os aldeões tinham preparado ao lado do fogo.

Inez e Susana trouxeram um balde de água quente e molharam toalhas, colocando uma no peito de Terra e trocando-a por outra quando esta se esfriava. Ele ficou adormecido enquanto Inez tirava as ataduras das pernas dele e massageava seu corpo.

Moor, agora em forma humana, aproximou-se e disse.

— Sua roupa está molhada Inez, deveria te trocar antes que adoeça também.

— Venha — disse Susana — tenho uma túnica que posso te emprestar.



Inez duvidou em deixar Terra, seguiu Susana para seu pequeno quarto em uma ala da casa comunal.

— Ele ficará bem? — perguntou Inez quando Susana lhe deu uma túnica.

— Está vivo — disse Susana.

— Mas será capaz de voar outra vez?

— Voará sim. Mas não sei se rápido e a muita distância.

— A vida sem a velocidade será pior que a morte para ele — murmurou Inez com lágrimas que ameaçavam se derramar — E foi por minha causa.

— Não — Susana apertou o ombro de Inez — É por culpa de Kraig. Seu ódio e ciúmes fizeram isto. Terra te ama tanto, Inez. Fez o impossível por ti. Não deveria ter sido capaz de fazer este último vôo, mas o fez e prometo que farei tudo o que possa para vê-lo curado.

Inez assentiu com a cabeça.

— Sei que fará. Obrigada, Susana.

— Com muito descanso há uma boa possibilidade de que se recupere completamente. É muito forte.

— Sim, é. É quase amedrontador ter alguém que me ama tanto.

— Posso ver como pode ser. Mas também é excepcional. Você tem sorte.

— Provavelmente sou mais afortunada do que mereço.

— Não. Porque acredito que o ama também assim.

Inez e Susana voltaram para Terra. Inez se deteve, respirando um com dificuldade quando ele se estremeceu com tanta força que as ondulações a alcançavam através do chão de madeira. Seus olhos se alargaram quando as asas e as pernas de sua metade eqüina pareceram fundir-se dentro de seu corpo, criando uma unidade, parecida com uma garra coberta de curto cabelo escuro.

Então é assim como se vê o **trocar de forma**, pensou Inez. Terra estava bem. Não era atrativo, mas não a preocupava. Amava-o muito e sabia quão formoso era o resultado final.

Terra gemeu. Moor colocou as mãos firmemente sobre seus ombros.

— Só um pouco mais. Está quase pronto.

Terra se estremeceu outra vez e toda a pelagem desapareceu. Só o comprido e encaracolado cabelo negro humano permaneceu em sua cabeça, deixando sua metade de homem assim como a garra, fechada na carne nua. Então a garra pareceu moldar-se ante seus olhos no par de longas e musculosas pernas humanas, pélvis, testículos e pênis que eram tão familiares para Inez.

Ela ajoelhou-se a seu lado, cobrindo-o com uma manta. Seus olhos se abriram e se fixaram nela.

— Você viu? — murmurou ele.

— Vi.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E?

— E você tem razão. Não é muito estético — sorriu, beijando a boca dele — Te amo tanto, Terra.

— Eu também te amo, Inez.

Moor e Susana os deixaram a sós perto do fogo. Inez deitada junto a ele, acariciando sua face e sentindo o consolador calor de seu corpo e agradecida que ambos tivessem sobrevivido.



Capítulo 10 *Perto do fogo*

O coração de Casper batia forte, ele entrou sigilosamente na casa principal. Fazia horas que tinha informado a Kraig de que Terra e Inez ainda viviam, o Semental ruivo tinha tido tal ataque de fúria que Casper temeu por sua própria vida. Os enormes cascos de Kraig tinham golpeado as paredes da caverna onde tinha escondido as provisões roubadas de Rock Blood, enviando partes de pedra pelo ar e ameaçando derrubar a cabana de musgo.

— Agora o que vamos fazer a respeito? — Casper se enfraqueceu, uma vez que Kraig esteve de pé ofegante com seus dentes e punhos apertados.

— Nós? Fiz minha parte, quase me matando por uma viagem contínua daqui para as Spikelands! O resto do povo conhece minha participação no rapto da fêmea Inez, assim naturalmente não posso irromper no povoado e terminar o trabalho! Depende de ti.

— De maneira nenhuma! — riu Casper sem senso de humor.

— Por quê? Estamos preparados, a ponto de deixar este povo e nos estabelecer em outra parte com a riqueza que ganhamos ao furtar a Rock Blood. Você mesmo disse que a casa principal estaria vazia precisamente à noite, com o Chefe e seus criados dormindo nos quartos. Mesmo se eles não estivessem, quantos criados falaria contra o Capitão da Guarda?

— Provavelmente mais do que pensa, se isto originasse um machucado em Terra e Inez. São queridos pelo povo de Hornview. Muito mais que eu.

— Então não se deixe ver! Se te negares a cumprir sua parte deste pacto, me assegurarei que cada um no povoado saiba de sua participação em nossos delitos.

— Você mesmo será capturado.

— Por quem? Você disse, Linn retornou já para o Pavilhão de Mensageiros Guerreiros e Moor é muito lento para me apanhar. Terra, já disse, provavelmente nunca mais voltará a voar. Direi a todos e sairei voando. Pensa nisso antes que te acovarde em nossos planos, humano!

Enfurecido, Casper abriu caminho através da Casa Principal. Deveria ter sabido que não se devia fazer planos com um Semental pestilento!

Uma olhada rápida ao redor da Casa Principal lhe revelou que estava vazia, exceto por um jovem criado que dormia em um corredor longínquo do quarto de Terra, meio aturdido ainda por outro ataque de tosse, junto ao fogo.

Casper sorriu perversamente quando se aproximou. Com sua cara pálida sulcada por saliva sangrenta, ele estava muito fraco para se limpar, o poderoso Guerreiro parecia um lixo.

Olhando outra vez ao redor e surpreso de que a apaixonada esposa do Semental e as atentas enfermeiras o tivessem deixado sozinho em tal posição vulnerável, Casper se certificou que era seguro continuar com seu encargo. De todos os modos, sabia o suficiente para se apressar. Tinha levado já seus pertences na caverna de Kraig e o Semental ruivo estava escondido fora, a contra gosto havia aceitado a transportar Casper em sua fuga depois que ele tivesse assassinado Terra. Inez já não tinha importância para Casper. Sabia que seria muito pior para ela viver enquanto Terra morria.

Casper permaneceu de pé sobre Terra, com a mão apertada na espada. Não podia resistir a olhar seu inimigo se contorcer, seus amplos ombros e costas, uma vez tão poderosos, agora encurvados na agonia enquanto lutava por sua vida. Casper jogou para trás o pé e deu um chute em Terra com força na parte baixa de suas costas antes de elevar a espada.

Uma dor ardente disparou através das costas e do peito de Casper, estendendo-se aos nós de seus dedos enquanto deixava a espada cair, antes que esta atingisse o alvo.

Ofegando com os olhos totalmente abertos, tentou bruscamente tirar-se de cima de qualquer que fora a arma com a qual lhe tinham atacado entre as omoplatas. Inez, com os olhos ferozes pela raiva, o empurrou com força.



* * * * *

Inez contemplou Casper que estava deitado de barriga para cima, a ponta de uma adaga sobressaía de seu peito, o sangue borbulhando na sua boca. Seus olhos abertos olhavam fixamente pasmados, inclusive na morte.

Tremendo de raiva e repugnância pelo que se viu obrigada a fazer, Inez correu para o lado de Terra. Ajudou a colocá-lo sentado em uma postura mais cômoda e limpou o rosto dele antes de aplicar outro pano frio no peito. Seus olhos estavam desfocados e embotados de dor e ela duvidava que tivesse estado consciente do perto que tinha tido à morte outra vez. Ela estava quase contente de que ele estivesse ainda inconsciente, posto que o cruel chute em seu Ponto de Mudança teria sido, por outra parte, insuportável.

Inez o tinha deixado durante um momento para pedir a Susana mais ervas para aliviar sua tosse. Quando voltou, encontrou Casper dando um chute em seu marido, com uma espada equilibrada em suas mãos para matar. Ela ficou louca de fúria. Por instinto, alcançou uma adaga que descansava em uma tigela de fruta na mesa e tinha atacado Casper. Agora pensava que poderia estar doente. Não é que ele não merecesse morrer, mas Inez nunca tinha matado ninguém em sua vida.

— Deuses, o que aconteceu? — ofegou Susana, colocando a tigela de ervas na mesa e ajoelhando-se ao lado de Casper.

— Tentou matar Terra — disse Inez.

Susana sacudiu a cabeça, levando a taça para Inez.

— Faça-o beber isto. Irei procurar Moor e o Chefe.

Enquanto a curandeira se afastava rapidamente, Inez conseguiu ajudar Terra a esvaziar o conteúdo da tigela. Em uns momentos, a poção começou a fazer efeito e ele descansou silenciosamente.

— Inez — Ele murmurou.

— Sim? — trocou o pano quente por um fresco e o cobriu com a manta que ele tinha tirado enquanto tossia.

— O que aconteceu? Casper...

— Não se preocupe por isso — ela o acalmou enquanto ele retornava à inconsciência.

Sentando-se a seu lado, ela suspirou e passou uma mão pelo cabelo. O que ela havia dito sobre um inverno maravilhoso?

* * * * *

Menos de uma semana mais tarde, devido a sua poderosa constituição de trocador de forma, a tosse de Terra melhorou e a aguda dor no peito se desvaneceu. Inez sabia que eles podiam ter retornado para a sua cabana, mas pelo Moor e por conselho de Susana, decidiu permanecer na Casa Principal até que Terra recuperasse mais a força.

— O bastardo do Kraig ainda está lá fora — tinha advertido Moor — Enviamos grupos de resgate mas não o localizamos. De todos os modos, encontramos todas as provas que necessitamos para demonstrar que ele e Casper estão por trás do roubo do Rock Blood em nosso povoado e em vários vizinhos. Kraig é uma desonra para os Portadores e não confio em que não vá tentar te matar outra vez, Terra, e a Inez junto contigo só para divertir-se com isso. Mudar-se para aquela cabana neste momento seria um suicídio de sua parte.

— E não está entendendo o que significa olhar seu rosto — Philippa sinalava seu irmão com um — Usa o senso, ao menos pelo bem de Inez. Posso entender que quase se matou naquele último vôo. Não tinha opção e qualquer marido que estivesse em sua pele teria feito o mesmo, mas agora não há nenhuma razão para que ninguém esteja em perigo.

— E você ainda é uma linguaruda — Terra franziu seu lábio para Phillipa.

— Mas tenho razão. E você ainda é o “arrogante filho de um mulo”!



— Bonita maneira de falar sobre o Pai.

— Sabe que insultava a ti e não ao Pai! Falando de Pai, você é justo como ele! Sua própria arrogância o matou em um vôo no que, em primeiro lugar, não deveria ter estado. Se quer morrer como um tonto você também, continue! — bramou Phillipa e saiu com passo majestoso da Casa Principal, mas não antes que Inez notasse as lágrimas em seus olhos.

Inez ficou em pé.

— Vou falar com ela.

Seguiu Phillipa até o estábulo onde escovava a pelagem de Seda Negra.

— Ele vai ficar na Casa Principal — disse Inez — Mesmo que tenha que amarrá-lo lá.

Phillipa limpou os olhos com o ombro.

— É tão tonto como um burro.

— Sim, mas eu gosto desse modo — sorriu abertamente Inez, tomou outra escova e ajudou Phillipa a escovar o garanhão - Inclusive se for mais difícil de querer do que a um cavalo verdadeiro.

As mulheres se entreolharam e riram entre dentes.

Momentos mais tarde, Terra entrou.

— Esta é uma festa particular ou posso me juntar?

— Festa particular — disse Phillipa — Só mulheres.

— Então por que ele pode ficar? — sorriu Terra, acariciando a garupa de Seda Negra.

— Porque ele tem *bom senso* — Inez cravou seus olhos com dureza nos de seu marido.

Terra gemeu.

— Isso foi horrível, mulher, mas compreendo. Ficaremos no povoado um pouco mais, se quiser.

Inez notou a tensão na mandíbula de Terra e a fúria em seus olhos quando ele concordou. A admissão de qualquer debilidade era uma afronta a sua mesma natureza, em particular quando aquela debilidade incluía a incapacidade de proteger a sua esposa.

Inez deixou de escovar o garanhão de Phillipa e envolveu seus braços ao redor do pescoço do seu marido.

— É o que quero.

Terra a beijou e lhe piscou os olhos.

— Mas não mais de uma semana e precisaremos de intimidade.

Inez se ruborizou e olhou para Phillipa que levou Seda Negra de volta a sua casinha.

— Estou contente de ver que ao menos alguém pode te manejar, Terra.

— Sou quase tão manejável quanto você.

Phillipa se encolheu de ombros.

— É coisa de família.

Quando a mulher alta e morena passou por eles, Terra agarrou seu ombro.

— Obrigado por tudo o que tem feito Phillipa.

Phillipa sorriu e colocou sua mão sobre a de Terra antes de deixar o casal em paz.

— Ela se parece com Rock Blood — suspirou Terra — Dura no exterior e líquida no interior. Presumo que é assim mesmo que são muitas mulheres.

— Eu não sou assim — murmurou Inez.

— Você também é, exceto que vi sua tendência líquida o bastante quente para me ferver.

— Quando soube o que aconteceu com Casper... — Inez baixou seus olhos — Pensa mal de mim agora que matei um homem?

Ele riu.

— Mal de ti? Salvou minha vida.

— Eu lhe devia isso.

— Não me deve nada. Voaria para a minha morte por ti sem vacilar. E não pense que Kraig sairá impune pelo que fez.



— Terra.

— Nenhum homem faz mal à minha esposa e sai voando para viver feliz com a riqueza roubada.

— Se ele se foi, Terra, não pode simplesmente deixá-lo ir?

— E passar o resto de nossas vidas nos perguntando se ele voltará para terminar o que começou? Não viverei assim, Inez.

Inez suspirou, descansando a bochecha contra seu peito. Não a surpreendia que ele quisesse vingança. Na verdade, ela não dormiria outra noite pacificamente sabendo que Kraig ainda estava lá fora, possivelmente tramando contra Terra outra vez.

— Só se cure primeiro — disse ela.

Ele acariciou seu cabelo e beijou a sua cabeça.

— Farei isso. Já me sinto muito melhor.

Nenhum deles mencionou que desconheciam se ele ainda tinha a capacidade de voar rápido ou durante muito tempo. Sabia que ele se negava a acreditar que não poderia e até que eles descobrissem com segurança, não azedaria seus sonhos com suas inquietações. Uma coisa que ela sabia era que se estivesse definitivamente lesionado, então não haveria uma súplica para não tomar sua vingança contra Kraig.

* * * * *

Isto foi há duas semanas, antes que Terra e Inez se mudassem de volta para a sua casa de campo e uma semana antes que Terra tentasse voar. Susana disse que teria preferido que ele esperasse mais tempo, mas Terra se negou.

— Sinto-me bem. A tosse se foi e me deixa louco a falta de exercício — disse na manhã de seu vôo de prova enquanto estava de pé no campo atrás da cabana com Inez e Susana a seu lado.

— Esteve galopando todos os dias — disse Inez — Que mais quer? Quase morreu, Terra!

— Eu lembro.

— Só tome cuidado — disse Susana — Se sentir alguma dor ou se começar a tossir, te quero aqui embaixo imediatamente. E nenhum transporte de algo ou alguém durante ao menos outra semana.

— Sim, senhora — Falou Terra para a curandeira.

Inez deu um tapa em seu ombro duro como uma rocha.

— Isto não é brincadeira!

— Acreditem em mim, senhoras, não tenho nenhum desejo de estar como um cadáver outra vez, incapaz de defender o que é meu. Agora, se me perdoam, tenho que galopar para a decolagem.

Inez respirou profundamente, seu corpo inteiro tenso quando Terra começou sua marcha, seu ritmo crescente até que as pernas pareceram se apagar quando o campo nevado as engoliu. De repente suas magníficas asas negras se estenderam, batendo quando subiu.

Terra formou um amplo círculo lá no alto, elevando-se o tanto que pode até que foi uma bolinha negra no claro céu de inverno. Realizou outros três círculos antes de descer em trilha mais abaixo. Só quando seus cascos tocaram a terra em uma aterrissagem elegante e perfeita Inez relaxou. Ela e Susana correram para ele enquanto este galopava em sua direção com um sorriso brilhante em seu rosto.

Terra estendeu a mão e puxou Inez aproximando-a. Sua respiração era mais acelerada que de costume e ela sentiu seu coração batendo contra sua bochecha, mais pelo entusiasmo que pelo esforço. O peito dele retumbou com a risada crispando os ouvidos.

— Eu me senti muito bem!

Susana sorriu abertamente.



— Foi um pouco mais alto e mais rápido do que eu gostaria de ver, mas imagino que se sente bem.

— Estou fantástico! — Terra segurou Inez à distância e a beijou firmemente na boca antes de olhar fixamente para o céu — Vou outra vez.

— Lembre-se: não se esgote — advertiu Susana — Quero que trabalhe gradualmente até seu limite máximo e ante qualquer sinal de tosse tem que parar.

— Assim farei — os olhos azuis de Terra reluziram — Mas isso não voltará. Sinto muito.

Inez ficou nas pontas dos pés e o beijou outra vez, o orgulho enchia seu coração. Sentiu-se maravilhosamente ao ver Terra são e feliz de novo. Tinha certeza de que dentro de uns meses, estaria de novo em plena forma. Seu objetivo era estar totalmente preparado para a estação da coleta. Mesmo se não estivesse completamente pronto, não importaria. A idéia de que podia voar e correr outra vez era o mais significativo. Se tivesse que fazê-lo, poderia convencê-lo para esperar até a próxima temporada.

Quando Terra voltou a subir, Susana olhou para Inez.

— Parece que não sou necessária aqui.

— Crê que ele ficará bem?

— Inez, com o alto e rápido voo que ele levantou a primeira vez, se seus pulmões fossem dar problemas, já teríamos notado. Só te assegure para que ele não se esquite e se esgote muito. Tudo o que lhe faz falta é usar o bom senso ou ele estará se destruindo outra vez nas coletas antes que se dê conta.

— Melhor que nunca se destrua outra vez como naquela última viagem.

— Espero que não — Susana concordou — Tenho que retornar ao povoado. Vou preparar o jantar para Linn esta noite.

— Adeus. Muito obrigada por vir.

— O primeiro voo do meu paciente depois de sua recuperação. Não perderia isso — Susana piscou o olho.

Quando sua amiga começou a andar de volta ao povoado, Inez voltou sua atenção para Terra enquanto se elevava. Suspirou. Sentia-se tão bem com que as coisas voltassem ao normal.

Mais ou menos uma hora mais tarde, depois de que gradualmente reduzira a velocidade de seu voo, Terra aterrissou. Inez notou que ele não suava em excesso e que sua respiração estava bem. O prazer não se desvaneceu de seus olhos, ao que parece tinha aumentado.

— Não estou em plena forma — disse enquanto caminhavam juntos de maneira que pudesse se refrescar completamente antes de voltar para a casa de campo.

— Vai ficar.

— Talvez você não possa ver, mas eu posso sentir. Tenho que trabalhar nisso, depois de trabalhar em você, é claro — Terra acariciou o pescoço dela com o nariz.

— Espero ansiosa — ela riu bobamente quando a língua fez cócegas em seu ouvido. Embora ele estivesse pronto para fazer amor só umas semanas depois de sua enfermidade, foi só recentemente que recuperou sua incrível energia e a tinha proporcionado sessões de amor pela manhã, meio-dia e noite.

Terra não demorou muito em se esfriar e depois Inez fez uma massagem que os deixou tanto ou mais que dispostos para fazer amor. Olhou enquanto ele mudava de forma no exterior da cabana. Agora que sua saúde havia retornado, a mudança em si mesmo não era o processo lento que ela tinha visto aquela noite na Casa Principal. Simplesmente fechava seus olhos e sentia um estremecimento que só enviou uma ondulação pela terra abaixo dele, fundiu-se de quatro pernas a duas tão rápido que a cauda parecida com uma garra mal era visível.

— Estou tão contente de que tenha mudado diante de mim agora — Inez enterrou o rosto em seu peito quando ele a atraiu contra a sua nua forma humana. Ela o sentiu tremer ante o gelado vento do inverno — Parece que finalmente não há nenhum segredo entre nós.



— Você me viu em meu momento menos atrativo — Terra beijou sua sobrancelha — Antes eu especulava e tinha medo de que achasse a mudança muito desagradável, que não queria estar comigo e eu não podia suportar pensar em te perder.

— Nunca me perderá, Terra. Eu te amo mais que tudo. Como poderia alguma vez negar ao homem que compartilha meus sonhos?

Ele a olhou fixamente durante um longo instante. Sabiam que eram mais afortunados que muitos casais entre Humanos e Sementais que se casavam, já que seus sonhos compartilhados haviam retornado depois do acoplamento deles. Não freqüentemente, mas de vez em quando eles despertavam, envoltos um nos braços do outro e sorrindo, sabendo que as visões atrás de seus olhos fechados tinham sido uma conexão emocional. Esta era o mesmo tipo de conexão que os tinha unido, a mesma que os ligou durante aqueles momentos quando Inez se obstinava, semiconsciente a Kraig, enquanto Terra tinha sucumbido a um momento de esgotamento fechando seus olhos no manancial ao sul do povoado.

Terra cobriu os lábios dela com os seus, a língua acariciava seus dentes, lábios e a úmida pele suave, dentro de suas bochechas.

— Entre antes que morra de frio — espalmou suas nádegas musculosas.

De mãos dadas, correram para a casa de banhos. Ele saltou na água quente do manancial enquanto ela tirava a roupa e se unia a ele.

— Esta casa de banhos é o melhor investimento que já fizemos! — Terra sorriu abertamente quando nadou e a agarrou puxando-a, mordiscando seu ouvido.

— Definitivamente! Foi dinheiro bem empregado — ela escorregou suas pernas ao redor da cintura dele quando a pressionou na margem da fonte e devorou seus lábios, a língua procurando sua boca.

Depois de lavar o cabelo e os corpos mutuamente com uma pastilha de sabão de aroma de lavanda, Terra se levantou sobre a borda da piscina e pegou toalhas e batas de um carrinho num canto. Secou-se energicamente, olhando quando Inez saía da piscina. Imediatamente, ele a cobriu com uma das toalhas e a esfregou do ombro ao tornozelo. Enquanto ela envolvia a toalha ao redor do cabelo, ele segurou aberta uma bata para ela. Ela deslizou-se dentro, segurando o cinturão quando o viu encolher-se de ombros.

— Ganharei de você até a cabana! — ela correu a toda velocidade para fora da casa de banhos, rindo de sua própria estupidez quando ele passou por ela, tão rápido que já tinha alcançado a cabana e arrancou a roupa antes que Inez chegasse à porta.

— É muito ganhar de um Semental, não importa em que forma — enrugou seu nariz, fechando a porta detrás dela.

— Adivinha? Compartilharei meu prêmio de ganhador — Terra a levou diante da lareira e a despiu, atirando sua roupa em uma cadeira. Quando ela ficou nua, a atraiu dentro de seus braços e beijou sua testa, nariz e lábios.

A língua dele varreu de um mamilo ao outro até que ela suspirou, movendo seus quadris quando o prazer cresceu. Afundando-se de joelhos ante ela, beijou seu ventre e sua pélvis. Inez gemeu quando as mãos lhe agarraram as nádegas e a língua golpeou seus clitóris. Ele usou os lábios para tocar no suave botão enquanto uma de suas mãos se movia em sua vagina. Um dedo rodeou os lábios úmidos antes de empurrar dentro dela.

Inez enterrou os dedos em seu cabelo quando sua língua formou redemoinhos dentro dela. As pernas quase se dobraram, quando gozou. Terra a segurou, levando a manta diante da chaminé. Sentou-se com as pernas esticadas e puxou Inez aproximando-a mais. Com o pênis duro ajustado no sexo quente e molhado dela e suas pernas estiradas a ambos os lados de sua cintura, agarraram-se um ao outro, se balançando e se acariciando. Os olhos de Inez se cravaram no intenso olhar azul dele. Gemendo suavemente quando a paixão cresceu, ela obrigou seus olhos a permanecerem abertos, querendo olhá-lo.



- Ah, Terra! — Ela gritou. Seus dedos se cravando nos bíceps arredondados dele.
- Fale mulher!
- Eu te amo! Amo tanto! — ofegou, vacilando à beira do orgasmo.

Os olhos de Terra se turvaram com a paixão e suas pestanas se agitaram antes de fechar-se completamente. Seus lábios afastados quando a respiração ficou desigual. A cabeça arqueada para trás, as veias e tendões se destacando em seu grosso pescoço ruborizado pelo desejo. Essa rosada tintura de luxúria se espalhava através das altas maçãs do rosto e obscurecia a carne de seu peito musculoso, visível sob o polvilhado pêlo negro.

A visão da excitação dele levou Inez ao ponto máximo. Os olhos se fecharam contra sua vontade e culminou, tremendo da cabeça até a ponta dos pés em ondas que roubavam o fôlego de prazer.

— Ah, Deuses, Inez! — ofegou. Ela o sentiu se esticar para controlar seu desejo. Quando a última ondulação correu por ela, ele a colocou de costas. Por instinto, as pernas de Inez se abraçaram ao redor de sua cintura quando ele a possuiu mais fortemente, apoiando o peso nas mãos.

Os olhos dela permaneceram fortemente fechados quando seu desejo se reavivou.

— Terra, ah, Terra! — ela gemeu alto — Por favor, não pare! Por favor!

Ele baixou o suficiente para beijá-la, com a língua rodeou seus lábios antes de inundar-se na boca empurrando com seus quadris ao mesmo tempo. Os quadris de Inez foram a seu encontro, as pernas dela apertavam a cintura dele enquanto ela se agarrava a seu pescoço. As ondas do clímax se romperam sobre Inez e ela gritou, segurando mais apertado. Sob o ritmo enérgico, outro orgasmo se formou quase antes que o último terminasse.

— Inez! Inferno e condenação, mulher! — Ele grunhiu com a crua luxúria na voz, seu corpo quente e úmido enquanto a empurrava a um último clímax que o levou também. Atacou com força, seu corpo palpitando contra o seu quando paralisou sobre ela.

— Ohh — Inez sorriu, sentindo diminuir os batimentos de seus corações e a volta ao normal de suas respirações — Acredito que este está resultando ser um maravilhoso inverno apesar de tudo.



Capítulo 11 *Luta no céu*

A Zona tropical

10 Meses mais tarde

Inez limpou o rosto suado com a manga úmida de sua camisa antes de colocar novamente seu chapéu e ajudar Terra a carregar seus alforjes com o Rock Blood. Ao redor deles, outros Portadores e coletores carregavam seus pacotes e se preparavam para o voo de volta ao povoado.

Terra tinha sido convocado para que fizesse o trabalho de outro Semental ferido e desta vez, como o perigo da Praga tinha passado, concordou com que Inez o montasse. Além disso, já que Kraig nunca foi encontrado, estava pouco disposto a deixá-la sozinha e Inez confessou que amava sua constante companhia.

Depois de se recompor do voo fatal do ano passado, Terra estava melhor que nunca, superando até sua velha e elogiada resistência. Inez se sentiu orgulhosa de ter estado com ele em todo momento, sentindo o poder do seu magnífico corpo de Semental quando Terra galopava sobre os campos e se elevava através do céu.

— Esta não foi absolutamente uma má viagem — disse Terra — Nem sequer nos atacaram.

— Os Lagartos Tropicais não parecem tão preocupados em lutar como os do norte.

— No clima tropical, tem um fornecimento de alimento natural maior. Nem sempre eles vem jantar cada vez que chega uma tropa — Ele acariciou afetuosamente os braços de Inez com os nós dos dedos.

Com o último dos pacotes bem seguro, Inez retirou um contêiner de madeira cheio de uma grossa pasta de ervas, que a lembrou o lodo claro. Esta tinha cheiro agradável e também protegia tanto a ela como a Terra do forte sol tropical.

— Permita-me — Terra tirou a blusa dela, revelando seu corpo curvilíneo coberto somente por uma fina pala de tecido através dos seus seios moldados com o suor de sua pele. Colocando a blusa sobre seu ombro, Terra enfiou os dedos no contêiner que Inez segurava, esfregou suas mãos juntas e as massageou sobre os ombros, braços e costas de Inez enquanto que ela passava nos seios e no ventre. Inclinando-se mais perto, Terra sussurrou em seu ouvido — Desejaria poder fazê-lo na frente também, mas causaríamos um escândalo.

Inez sorriu abertamente, dando umas palmadas brincalhonas em um lado de sua cabeça antes de lhe oferecer mais do pote. Terra estendeu a massa sobre seu peito úmido, braços e ventre. Inez subiu sobre uma rocha e o montou. Terra segurou o contêiner e ela carregou suas mãos com a massa, estendendo-a sobre seus bem formados ombros e costas com lentas e sensuais carícias, quando Inez sussurrou — Desejaria poder fazer pela frente, também.

Depois de se assegurar que todos os cavaleiros e Portadores estavam preparados, Terra ordenou a decolagem e partiram.

Inez teve que concordar que, exceto pelos poucos ataques de lagarto, os vôos do sul eram tão difíceis como os do norte. Sabia que Terra e a maior parte dos outros Portadores em particular odiavam a zona tropical devido o calor.

Ela notou que depois das aterrissagens, a força de Terra freqüentemente era visivelmente mais fraca e levava um tempo maior para ele se recuperar. Para os Portadores menores era melhor na zona tropical, enquanto que os maiores pareciam feitos para os ventos severos e o gélido frio do norte.

— Bem, depois de amanhã, estaremos no nosso caminho de casa — ofegou Terra quando, horas mais tarde, seus cascos golpearam o caminho em outra aterrissagem perfeita. Se seus olhos estivessem fechados, Inez não teria sabido sequer quando deixaram o ar.

— Mal posso esperar — disse Inez, pressionando na testa suada sua molhada camisa antes de desmontar e ajudar Terra a desempacotar.

— Não posso esperar para me refrescar.



Inez não o culpou. Sentia-se incomodamente quente e pegajosa, então só podia se imaginar como ele, com seu quente físico de Semental. O suor emanou de Terra em riachos. Inclusive o final de sua trança gotejava para a carne reluzente de sua metade homem. Sua metade eqüina jorrava então ela soube que não podia esperar para tirar a sela e a manta encharcada.

— Vamos diretamente para o rio depois que desempacotarmos — sugeriu Inez.

— Parece genial — Terra sorriu pra ela — E que tal irmos passar algum tempo na pequena baía isolada depois que eu trocar para a minha forma humana?

— Ohh — Inez tremeu de desejo por sua implicação carnal — se apresse.

Depois que os pacotes foram carregados em um dos carros do aldeão e levados a uma casa de armazenagem, Inez sustentou o arreio de Terra enquanto este tirava a sela e a manta. Deixaram cair tudo no abrigo e se dirigiram para o rio.

— Olá! — um aldeão gorducho e escuro saudou Terra — Estava esperando te encontrar.

— O que aconteceu?

— Um Semental chamado Linn aterrissou enquanto estava na coleta. Está esperando nos banheiros públicos masculinos e me pediu para te encontrar quando aterrissasse.

— Algo ruim?

— Não acredito. Ele disse que pensava que você gostaria de saber que ele foi destinado para cá por um tempo.

Terra e Inez se entreolharam estranho. Linn era agora um treinador permanente no salão de Mensageiros Guerreiros. Com seus novos recrutas tão perto de tomar suas provas finais, era estranho que fosse enviado para se unir às coletas do sul.

— Vou averiguar o que aconteceu. Direi que se reúna conosco no lago. Já retorno, meu amor

— Terra beijou a bochecha dela antes de se dirigir para os banheiros públicos masculinos no outro lado do povoado.

Terra havia apenas desaparecido quando Inez sentiu uma mão sobre sua boca e um braço ao redor de sua cintura, esmagando suas costelas.

— Boa tarde amor! — uma voz familiar raspou perto de seu ouvido. Kraig!

Inez tentou gritar e lutar, mas Kraig subiu rápido. O coração de Inez palpitou de verdadeiro terror quando o Semental arrebentou a copa das árvores tropicais, suas asas vermelhas golpearam com força quando subiu mais alto e mais alto.

* * * * *

Terra olhou ao redor dos banheiros públicos enquanto machos humanos e Sementais em forma humana o olhavam curiosos.

— Perdão — disse, sabendo que a maioria dos trocadores de forma nunca entrava nos banheiros públicos mostrando sua metade eqüina — Procuo um amigo chamado Linn.

Os homens se entreolharam e sacudiram suas cabeças. Terra franziu as sobrancelhas, um sentimento estranho se instalou em seu peito antes que uns gritos estalassem lá de fora. Terra girou rápido, quase atropelando um coletor e galopou para a praça. Um grupo de aldeões assinalou para o céu onde uma imprecisa imagem avermelhada subia rápido.

— Ele agarrou Inez! — um coletor gritou para Terra — Aquele Semental a tomou e saiu voando!

Terra sabia quem a tinha levado e desta vez Kraig pagaria com sua vida!

Seu pulso correu com raiva e medo de que Inez sofresse algum dano, Terra decolou mais rápido do que alguma vez imaginou que fosse possível. Mais tarde, todos, inclusive os Sementais contariam histórias sobre a maravilhosa ascensão, dizendo que o Guerreiro Mensageiro parecia o traçado do relâmpago negro cintilando.



Terra se elevou, seu olhar se fixou em Kraig e Inez que tinham alcançado uma altura perigosa para um humano e um Semental. Começou a se sentir enjoado pela elevação, entretanto em poucos momentos os alcançou.

Kraig forçou um sorriso o peito subindo, Inez, inconsciente da altitude, se pendurava precariamente em seus braços.

— Feliz aterrissagem! — ofegou Kraig, deixando Inez cair.

Se um homem pudesse morrer de medo, Terra sabia que ele o faria naquele momento. Ao contrário se atirou e caiu tão rápido e depressa que o vento lhe roubou o fôlego e turvou seus olhos. De todos os modos, pôde ver Inez caindo. Movendo suas asas ele a alcançou atraindo-a para seu peito, seu coração se apertou de repente tão forte que pensou que poderia desmaiar.

— Ah, Deuses, mulher — murmurou, beijando sua testa quando Inez abriu os aturdidos olhos.

— Maldito — gemeu Inez — Foi ele outra vez, Terra.

— Não por muito tempo — grunhiu Terra com os dentes trincados quando olhou para trás e para cima em direção a Kraig que voava para o Oeste, quase fora de sua vista.

Quando Terra aterrissou, vários aldeões pegaram Inez e a levaram para um banco.

— Você está bem? — Terra olhou fixamente em seus olhos.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vou matá-lo — grunhiu Terra.

Se Inez protestou, Terra não soube e nem se importou. Subiu outra vez, suas asas e pernas correram no vento, quando perseguiu Kraig.

Em uns momentos Terra voou tão perto de Kraig que podia ver o suor voar do corpo acalorado do ruivo e o verde de seus olhos quando o fulminou com o olhar sobre seu ombro, suas orelhas se aplanaram ao lado de sua cabeça.

Terra estava em seus calcanhares quando Kraig deu chutes para trás com suas patas traseiras, golpeando-o em seu peito eqüino justo debaixo de seu ventre de homem.

Terra girou, investindo com força, suas patas dianteiras aterrissaram nas costas do Kraig.

O ruivo caiu rápido quando lutou sob o peso de Terra. Estendeu a mão para trás e agarrou um punhado do seu cabelo, arrancando desde a raiz. Um dos punhos de Terra golpeou Kraig entre seus ombros eqüinos. Este grunhiu, caindo de costas e voando em uma tentativa de se desvencilhar de Terra, mas este foi rápido.

Terra estava determinado a não deixá-lo voando livre outra vez. A única maneira para que Kraig descesse hoje seria como um Semental morto.

Kraig girou outra vez rápido e Terra escorregou. Os dois Sementais estiveram de repente engalfinhados, cara a cara, em um enredo de pernas eqüinas que pisoteavam e punhos humanos golpeando-se.

— Vou te matar e logo depois a sua mulher! — rugiu Kraig, seu punho se fechou de repente na boca de Terra. O sangue voou no vento.

— Quando os burros voarem! — bramou Terra. Uma de suas palmas golpeou Kraig com força na garganta, tirando-lhe o ar, enquanto um de seus cascos o golpeou no ventre. Kraig agarrou sua garganta, seus olhos se alargaram e suas asas vacilaram. Terra girou, seus cascos traseiros se lançaram para o rosto de Kraig, golpeando-o inconscientemente. O tempo pareceu se congelar quando o ruivo se precipitou. A misteriosa calma foi quebrada pelo espantoso impacto do corpo de Kraig contra as rochas que se sobressaíam por cima da água do rio. O coração de Terra se fechou de repente em seu peito quando contemplou o cadáver retorcido e sangrento de Kraig. Nos meses que se passaram, ele e Moor tinham gasto todo seu tempo livre em encontrá-lo, procurando uma vingança e temerosos de que ele pudesse voltar um dia para fazer algum mal novamente. Hoje o pior pesadelo de Terra quase se fez realidade. Quase tinha perdido Inez pelo mal de Kraig.

Inez!



Voltou-se rapidamente, se preparando para voar de volta ao povoado, mas ouviu duas vozes que gritavam de baixo. Inez, escarranchada sobre outro Mensageiro, o saudava.

Terra desceu, voando junto ao outro Mensageiro até aterrissarem. Com um rápido agradecimento ao seu anfitrião, Inez saltou de suas costas e entrou nos braços ansiosos de Terra.

— Te amo! — Inez se agarrou a ele, cobrindo seu peito quente de beijos. Terra se inclinou e capturou seus lábios, suas mãos acariciavam seus ombros e costas.

— Deus, Inez, nunca tive tanto medo em minha vida como quando o vi te deixar cair — Terra a sustentou perto, fechando os olhos — Te amo tanto.

— Acabou. Está morto.

Terra assentiu com a cabeça, sua face enterrada no ombro dela.

O outro Mensageiro, um ruano esbelto, aproximou-se com um sorriso nervoso.

— Tentava bater um novo recorde de velocidade ou algo assim? Nunca vi um Semental ir tão rápido.

— Pode chamar de medo — Terra piscou o olho.

— Não — Inez o apertou com força — Este é Terra.

* * * * *

Inez esfregou os ombros de Terra enquanto suas pernas abraçavam seus lados equinos. Terra andou com passo lento rua abaixo até sua casinha de campo, encantado de que estivessem finalmente fora dos trópicos.

— Mal posso esperar para ver Moor e Susana — disse Inez — Ao menos agora nenhum de nós tem que se preocupar mais com Kraig.

— Você sabe — Terra a olhou — uma vez me perguntou se pensava mal de ti por matar Casper. Pensa mal de mim por matar Kraig?

— Não. Ele teria nos caçado pelo resto de nossas vidas. Não foi suficiente que escapasse de Hornview com toda a riqueza roubada do Rock Blood, Kraig não pôde resistir à tentação de nos matar outra vez. Ele o odiava Terra, porque você é tudo que ele nunca pôde ser: decente, respeitado e um dos Sementais mais rápidos e mais poderosos dos arredores.

— Toda essa velocidade e poder só significam algo para mim porque posso te proteger com isso. Como sempre digo Inez, você é meu coração.

— E você é o meu — Inez beijou seu pescoço — Tenho algo a dizer. Não quis avisá-lo até que deixássemos a zona tropical porque não pensei que me deixaria com aquele último casal do grupo e provavelmente teria razão. Prometo, entretanto, não fazer algo tonto até aproximadamente sete meses a partir de agora, ou será mais longo? Não estou segura se os bebês de um Semental levam mais tempo.

— Bebê? — Terra sorriu, meneou suas orelhas e seus olhos brilharam quando parou — Saia de minhas costas e venha para meus braços, mulher!

Sorrindo abertamente, Inez desceu. Terra a agarrou em seus braços e cobriu a boca dela com um longo beijo. Quando este se rompeu, ele franziu as sobrancelhas.

— Continuou naquelas malditas coletas com nosso bebê? Está louca? E logo Kraig caiu contigo de Deus sabe que altura! Os maus vôos não me matarão, mas você o fará. Daqui em diante não fará mais isso.

Inez o interrompeu com um beijo e sussurrou contra seus lábios.

— Por favor, cale-se Terra. Tomarei cuidado daqui em diante. Espera que seja um menino?

— Não me importa o que seja — Terra a apertou mais, movendo seus lábios sobre a testa de Inez — Será nosso.

— Espero que não tenha minha boca — disse Inez quando ele seguiu para sua casa de campo, o corpo dela ainda cômodo contra seu peito.



O Garanhão Sonhado

Kate Hill

— Espero que não tenha meu nariz, a menos que seja um macho e necessite de uma boa respiração para os longos vôos.

— Espero que tenha seus olhos.

— E seu cabelo.

E então a conversa seguiu sobre o alto da colina até em casa.